

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

MARIA DALVA DE SOUZA DEZAN

**IMPACTOS DAS IMIGRAÇÕES ESPANHOLA E SIRIO- LIBANESA
COMO FATOR PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E
DIVERSIDADE CULTURAL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
GEOGRÁFICO PIRACICABANO-SP**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antonio Tuma Filho

RIO CLARO – SP

2012

572.7c Dezan, Maria Dalva de Souza
D532imp Impactos das imigrações espanhola e sírio-libanesa como fator para o desenvolvimento econômico e diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano - SP / Maria Dalva de Souza Dezan. - Rio Claro : [s.n.], 2012
229 f. : il., figs., fots., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Fadel David Antonio Tuma Filho

1. Etnologia. 2. Geografia humana e cultural. 3. Imigração espanhola. 4. Imigração sírio-libanesa. 5. Piracicaba (SP). I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

MARIA DALVA DE SOUZA DEZAN

**IMPACTOS DAS IMIGRAÇÕES ESPANHOLA E SIRIO LIBANESA
COMO FATOR PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E
DIVERSIDADE CULTURAL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
GEOGRÁFICO PIRACICABANO-SP**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. FADEL DAVID ANTONIO TUMA FILHO - Orientador
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP.

Profa. Dra. OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON
Faculdade de Educação/UNICAMP/Campinas-SP

Profa. Dra. ANDREA COELHO LASTÓRIA
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras/ USP/Ribeirão Preto – SP

Profa. Dra. BERNADETE AP. C. DE CASTRO OLIVEIRA
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP

Profa. Dra. SOLANGE TEREZINHA DE LIMA GUIMARÃES
IGCE/UNESP/Rio Claro – SP

Rio Claro, SP 01 de Outubro de 2012.

Resultado: **APROVADO**

Para Mateus, Tiago, Elisa e Rafaela, ligados a mim por um liame indissolúvel.

AGRADECIMENTOS

O caminho trilhado para elaboração de uma pesquisa, perpassa por inúmeros sentimentos, longe de ser um trabalho solitário, é o que fica nas entrelinhas, oportunamente expresso minha sincera e profunda gratidão a todas as pessoas e situações vivenciadas.

Primeiramente a Deus, que em sua infinita misericórdia me concedeu proteção nesta jornada.

Ao meu mestre e orientador Prof. Dr. Fadel David Antonio Tuma Filho, pela aceitação, compreensão, acompanhamento, participação, incentivo e respeito que me foram concedidos.

Às Professoras Doutoras, Olga Rodrigues de Moraes Von Simson e Bernadete Ap. C. de Castro Oliveira que participaram de minha banca de qualificação, colaborando e acompanhando no desenvolvimento da pesquisa e no processo de formação como pesquisadora.

Aos professores membros da banca de defesa, pela disponibilidade, críticas e sugestões, muito importantes para o encerramento desse trabalho;

Aos meus depoentes, por disponibilizarem parte de seu tempo, por me receberem com afeto, confiança, por tudo que me ensinaram e por partilharem de suas vidas, através de depoimentos, documentos, fotos, cartas, livros, etc.

À SOREAL – Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira, na pessoa de seu presidente Sr. Nelson Martinez e a SBSL – Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba, na pessoa do seu diretor Alexandre Sarkis Neder, que abriram as portas dessas sociedades e colaboraram na descoberta de parte deste universo tão amplo da diversidade.

À minha família, onde tive essencial, necessário e imprescindível apoio, por me compreenderem e auxiliarem durante o tempo destinado a esta pesquisa. Minha mãe Maria, pelo carinho, incentivo e formação humana. Ao meu esposo Otarleí, meus filhos, Mateus, Tiago e Elisa, minha neta Rafaela, sempre presentes em meu caminho e jornada, como acalentadores.

In memoriam, ao meu pai Paulino, meu irmão Sidney, meu avô Jucundino, que permanecem como exemplos de coragem e força para persistir.

As minhas grandes amigas, irmãs e cúmplices, Denise e Célia, pelo ombro amigo e presença constante.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP – Rio Claro, pelo aprendizado e realização do Curso de Doutorado.

Ao Gilberto D. Henrique, pelo apoio e incentivo desde o início desta pesquisa.

Às bibliotecárias desta Universidade, em especial a Nilza, que dedicou horas de seu trabalho, com presteza, delicadeza e simpatia, sempre atendendo em tudo que necessitei.

A SEE – Secretaria de Estado da Educação pela bolsa concedida.

Meus agradecimentos a todos, que direta ou indiretamente, participaram desta pesquisa, através de incentivos e colaboração.

**Para ser grande, sê inteiro: nada
teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a Lua toda
brilha, porque alta vive.**

**Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa)
Portugal – 29-01-1914**

RESUMO: Esta pesquisa foi desenvolvida na perspectiva de contemplar vários aspectos da imigração espanhola e sírio - libanesa no espaço geográfico piracicabano – SP. Entre eles destacamos: a diversidade cultural e a formação do espaço geográfico deste município, analisando quanto e como a presença de imigrantes espanhóis e sírios-libaneses significou para configurar esses aspectos. Neste sentido, enfocamos a imigração como fator social que interfere no espaço geográfico, bem como as inter-relações provenientes deste contexto. Como questionamento, levantamos a possibilidade de conexão entre os fatos escritos e relatados por imigrantes e descendentes de espanhóis e sírios-libaneses, não deixando de lado a possibilidade de analisarmos o tema através da ótica geográfica, que envolve as perspectivas de tempo e espaço. Utilizamos como metodologia a História Oral. . Este método objetiva, com o auxílio da memória dos informantes, construir versões sobre o passado que as narrativas permitiam elaborar. Como a imigração está inserida no tema da diversidade cultural, este trabalho considera a imigração como um fenômeno social e cultural variável no tempo e no espaço.

Palavras chaves: Imigração Espanhola; Imigração Sírio-Libanesa; Diversidade Cultural; Espaço Geográfico; Piracicaba.

ABSTRACT: This research was conducted with the perspective to look to various aspects of Spanish and Lebanese Syrian immigration in the geographical space of Piracicaba - SP. These include: cultural diversity and the formation of the geographical space of this city, analyzing how much the presence of Spanish and Syrian- Lebanese immigrants meant in the configuration of these aspects. In this sense, we focus on immigration as a social factor that interferes in geographic space, as well as the interrelationship in this context. How questioning, raised the possibility of connection between the facts reported and written by immigrants and descendants of Spanish and Syrians Lebanese not leaving aside the possibility of analyzing the subject through the geographical, lens which involves the perspectives of time and space. We used the Oral History methodology. This method aims, with the help of the memory of informants, to construct versions of the past that allowed us to elaborate narratives. As immigration is inserted into the theme of cultural diversity, this work considers immigration as a social and cultural variable phenomenon in time and space.

Keywords: Spanish Immigration; Syrian-Lebanese Immigration; Cultural Diversity; Geographic Area; Piracicaba.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	10
METODOLOGIA DE PESQUISA E OS SUPORTES	
EMPIRICOS UTILIZADOS.....	13
Revisão Bibliográfica	18
CAPÍTULO I – IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL	
Subsídios Históricos Geográficos	39
1.1 – Imigração para o Brasil e para Piracicaba	43
CAPÍTULO II – A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA	
PARA O BRASIL E PIRACICABA	62
2.1 – Os Imigrantes Espanhóis em Piracicaba.....	68
2.2 – Histórico para manutenção da Cultura na SOREAL.....	77
CAPÍTULO III – A IMIGRAÇÃO SIRIO-LIBANESA	
PARA O BRASIL E PIRACICABA	83
3.1 – Os Imigrantes Sírios-Libaneses em Piracicaba	98
3.2 – Sociedade Beneficente Sirio-Libanesa de Piracicaba	110
CAPITULO IV – PORTRAITS.....	112
CAPITULO V – IDENTIDADE CULTURAL	
Manutenção através de diferentes estratégias	178
5.1 – Imigrantes Espanhóis e Sírios-Libaneses	
 na economia e política piracicabana.....	185
5.2 – Imigranes Espanhóis e Sírios-Libaneses	
 no atual espaço geográfico piracicabano.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS	202
ANEXOS	
ANEXO I – Contrato de Autorização para Reprodução de Imagem.....	209

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A presente tese apresenta os resultados da pesquisa proposta, ou seja, um estudo sobre as imigrações espanhola e sírio-libanesa e a diversidade cultural na formação do espaço geográfico e econômico do município de Piracicaba – SP.

Durante a realização desta pesquisa foi feita uma análise da importância destas imigrações para o município piracicabano e para tanto, estabelecemos o panorama social e a situação econômica vigente na época das imigrações, no Brasil, no Oriente Médio, e na Espanha, as causas ou motivações da vinda destes imigrantes para o Brasil e mais especificamente para Piracicaba.

Nesse sentido, o estudo e compreensão da imigração como fenômeno social que interage no espaço geográfico e as inter-relações provenientes desse contexto compõem parte essencial desta pesquisa.

Com o objetivo de demonstrar como o município se desenvolveu economicamente, pautado na agricultura e a contribuição da imigração para este desenvolvimento foi também enfocado dentro do tema, a influência social, política, econômica e cultural dos imigrantes que vieram para o município, na condição de mão de obra para as lavouras de café.

Ao analisarmos o contexto histórico-geográfico brasileiro, constatamos que a partir da segunda metade do século XIX, a cafeicultura trouxe o desenvolvimento econômico para o Brasil, em especial para o Estado de São Paulo. O café predominou como o principal produto da exportação brasileira, superando o açúcar, o fumo e o cacau, entre outros produtos.

A pressão externa pelo fim da escravidão, em especial por parte da Inglaterra, fez o Brasil ceder gradativamente, ao longo do século XIX, com a abolição do tráfico de escravos em 1850 – Lei Eusébio de Queirós e a promulgação da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, com a libertação dos escravos, mas não houve uma subsequente inclusão desses libertos como cidadãos em nossa sociedade.

Com o objetivo de suprir as necessidades de mão de obra e colonizar as áreas ainda vazias, foram introduzidos no Brasil, ao longo do século XIX, grupos de imigrantes estrangeiros. Para o trabalho nos cafezais, foram trazidos principalmente alemães, suíços, italianos, espanhóis a partir da década de 1856, e os japoneses a partir do início do século XX.

Vale salientar que os caminhos preliminares desta pesquisa tiveram como referencial a atuação docente da pesquisadora no município, vivenciando a diversidade cultural no ambiente escolar, o que resultou na sua dissertação de mestrado (2007) transformada em livro (ver nas Referências)

Como justificativa da escolha deste tema, entre diversos fatores aventados, conta-se a influência de minhas origens, como descendente de migrantes nordestinos para a cidade de São Paulo. Isso se tornou um forte incentivo, quando procuro em meus estudos, saber o porquê das pessoas migrarem.

Em meu histórico de vida, analiso desde a chegada de meus pais, em São Paulo na década de 1960 e a convivência com diversas famílias de migrantes e imigrantes, num bairro onde havia diversas famílias de japoneses, próximo ao Clube Ponte Raso Nihonjinkai, na zona leste de São Paulo. A infância e adolescência, vividas neste bairro, me permitiram ter convivência cotidiana com diversos imigrantes espanhóis e seu comércio. Os sírios e libaneses, que eram denominados “turcos”, vendiam produtos de cama, mesa, banho e vestuário de porta em porta, entre outros imigrantes de outras ascendências, como italianos, portugueses, alemães, etc. também participavam de meu círculo de vida. Viver na cidade de São Paulo foi a minha primeira experiência com a diversidade étnico e cultural que posteriormente tornou-se meu foco de pesquisa.

Embora não sendo de descendência japonesa, convivi com vizinhos e amigos japoneses. Tive a oportunidade de conhecer parte de sua cultura, que era transmitida as novas gerações. Conheci diversas colônias de japoneses, assim como convivi também com outros grupos imigrantes, pois meus pais tinham amigos espanhóis, italianos e sírios libaneses.

Em Piracicaba, onde vim morar a partir de 1995, observei a existência de diversos Clubes e Associações ligadas aos grupos imigrantes, portugueses, espanhóis, italianos, japoneses e sírios-libaneses.

Como professora da rede pública oficial do Estado de São Paulo, desde o ano de 1985, lecionei em diversas localidades, em particular desde 1996 no município de Piracicaba, e na escola tenho a oportunidade de ter contato com a diversidade cultural.

Apesar do multiculturalismo, estabelecido a partir das diversas imigrações que para o município se dirigiram, nos chama atenção o fato de existirem escassas pesquisas que relatam a importância dos grupos imigrantes: **sírio- libanês, e espanhol**, assim como o japonês que já pesquisamos durante o mestrado.

Na escolha do tema preponderou o interesse pela diversidade cultural do município. Como questionamento, levantamos as possibilidades de conexão entre os fatos escritos e relatados por imigrantes e descendentes, não deixando de lado a possibilidade de analisarmos o tema através da ótica geográfica que envolve as perspectivas de tempo e espaço.

Considerando esses aspectos, a especificidade do estudo se apresenta como construção de conhecimento e valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no mesmo espaço geográfico.

Para a organização desta pesquisa, além dos dados encontrados em repartições públicas e privadas, pesquisamos em base de dados virtuais sobre o tema, como também visitamos as sedes e pesquisamos os arquivos da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba e da Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira de Piracicaba, do Memorial do Imigrante em São Paulo, e do Centro de Memória da Unicamp.

A partir da coleta e da organização de dados, intentamos que essa organização fosse realizada de forma clara e objetiva, procurando adequar os procedimentos às necessidades que surgiram durante a pesquisa. Esta tarefa nos levou a definir a escolha da metodologia para execução da pesquisa.

Tratar desse tema é um estímulo à discussão das questões associadas à identidade e diversidade, favorecendo a construção do entendimento do ambiente social no qual estamos inseridos.

E, mediante a amplitude do tema, e considerando o tempo destinado a esta pesquisa, entendemos que conseguimos estabelecer relações espaço-temporais baseadas e dialogadas com outras contribuições que se dedicam ao entendimento do mesmo tema.

METODOLOGIA DE PESQUISA E SUPORTES EMPIRICOS UTILIZADOS

Para a realização da pesquisa proposta foram realizados levantamentos bibliográficos em repartições públicas e privadas do município de Piracicaba, levantamento de teses e dissertações que focalizavam o tema proposto, como também visitas para levantamento documental e iconográfico, no Memorial do Imigrante, na sede das associações Sírio Libanesa e Espanhola de Piracicaba e no Centro de Memória da Unicamp na Universidade de Campinas. Todo esse esforço foi necessário no sentido de traçar o panorama do estágio atual dos conhecimentos já elaborados sobre a temática de pesquisa.

Neste sentido, podemos afirmar que a etapa correspondente ao levantamento bibliográfico, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, permitindo embasar a metodologia a ser utilizada.

Por se tratar de uma pesquisa na área de organização do espaço e dentro do contexto ao qual nos deparamos, isto é, da escassez de pesquisas acadêmicas relacionadas aos imigrantes de Piracicaba, ao fazer o levantamento bibliográfico, optamos por recorrer a duas metodologias: ao método dialético que utiliza a análise da realidade no contexto social do espaço geográfico e a história oral, embasada no método biográfico, que consubstancializa o levantamento de dados. Justificamos a escolha dessas metodologias baseadas nos seguintes estudos:

Nas ciências sociais, as possibilidades metodológicas são inúmeras. Desde o empirismo (que busca a cientificidade na observação e no trato experimental dos fenômenos); o positivismo (na verdade, positivismos, devido a várias versões calcadas em Augusto Comte, as quais aceitam a neutralidade científica como uma das opções possíveis: a dele próprio, com um cunho político religioso; o positivismo lógico; o positivismo de Popper e Albert); o estruturalismo (baseado na ideia da ordem interna das coisas); o funcionalismo (que enxerga o consensual na realidade social); o sistemismo (embasado na Teoria dos Sistemas e com a sobrevivência dos sistemas e a ideia do conflito); a dialética (que vê a história como um processo, não somente como o fluxo das coisas, mas tendo o conflito como a origem explicativa principal).

Sobre esta última teoria, a dialética, Demo (1985, p. 67) escreve que:

[...] imaginamos coerente propor para as ciências sociais uma metodologia própria, denominada dialética, que não busca diferença absoluta para com outras metodologias, mais próprias das ciências exatas e naturais; ao contrário, convive com elas, delas aprende, mas não abdica de especificidades próprias.

Compreendendo que a realidade é suficientemente contraditória e considerando que o comportamento humano expressa sempre uma tentativa de responder, de modo significativo, a cada situação particular com que se depara, na busca de encontrar certo equilíbrio entre o sujeito da ação e o meio no qual ela se efetiva, fica óbvio que esse equilíbrio sempre apresenta um caráter transitório e falível (ANTONIO FILHO; DEZAN, 2009).

Ainda segundo Antonio Filho; Dezan ,(2009, p. 81).

É essa dinâmica que existe no processo de interação entre o comportamento humano e o mundo, a qual os caracteriza como agentes transformadores e agentes transformados. O equilíbrio alcançado pode ser mais ou menos satisfatório entre as estruturas mentais do sujeito e o mundo que o envolve. Esse equilíbrio, porém, torna-se insuficiente, na medida em que ocorrem transformações e novas situações se apresentam, exigindo novas respostas significativas, gerando a necessidade de um novo equilíbrio a ser alcançado que, entretanto, mais cedo ou mais tarde será superado.

Compreende-se, desta forma, que as realidades humanas apresentam-se, sempre, num constante processo de desestruturação das antigas estruturas e de estruturação de novas realidades, de tal maneira que venham a responder satisfatoriamente às novas exigências dos grupos sociais com elas envolvidos.

Sob essa perspectiva, os procedimentos metodológicos visam analisar e avaliar os fatores humanos e os fenômenos que ocorrem no mundo real sejam eles econômicos, políticos, sociais, culturais e mesmo os de conotação natural, originados da ação humana, de modo a compreender os processos geradores e buscar esclarecer tanto os equilíbrios desfeitos como os que tendem a ser criados.

Neste sentido, ao entendermos que toda metodologia traz consubstanciada uma concepção de realidade, a dialética também traz consubstanciada uma concepção dialética da realidade. Seu pressuposto fundamental é de que toda formação social é suficientemente conflituosa, portanto, contraditória, sendo historicamente superável. (ANTONIO FILHO; DEZAN, 2009). O diferencial da visão dialética é que ela capta as estruturas da dinâmica social. (DEMO, 1985).

Contudo, a dialética não explica tudo e é necessário ter sempre em mente que, muitas vezes, outras abordagens metodológicas, mais adequadas a certas especificidades, nos trazem maior clareza.

Ainda, segundo Demo (1985), a atividade básica da Ciência é a pesquisa, através da qual descobrimos a realidade e sendo a realidade social complexa, os esquemas explicativos nunca irão esgotar a realidade. Neste sentido, justifica-se a possibilidade de lançarmos mão de outras metodologias, em certas circunstâncias da pesquisa, quando outra abordagem possibilita melhor explicação do fenômeno social. A partir destas considerações, optamos também pela metodologia de História Oral, pouco utilizada nas pesquisas da área de organização do espaço, como a Geografia.

Nosso objeto de pesquisa se encaixa no contexto das mudanças sociais. Na metodologia dialética, as mudanças sociais não são ocasionais e muito menos anormais. São regularidades históricas, que fazem parte da estrutura da História e da formação do espaço geográfico.

Por outro lado, o método de História Oral, também conhecido como método biográfico, utilizado em pesquisas de caráter sócio-histórico, que não visa, como única preocupação, à reconstrução de fatos do passado é grande colaborador nas tentativas de capturar e compreender as visões do mundo de diferentes grupos sociais, envolvidos nos mesmos fatos e os mecanismos da propagação destes fatos.

Este método objetiva com o auxílio da memória de informantes, construir versões sobre o passado que as narrativas permitem elaborar. Nesse sentido, ele é complementado com as informações obtidas, por meio de outros suportes empíricos, como realia, documentos escritos (certidões, diários, cartas, passaportes) ou imagéticos, (fotos, gravuras e filmes). Esse cotejamento dos dados colhidos através de outros documentos é fundamental, uma vez que a preocupação com certo grau de veracidade é significativa para a pesquisa sócio-histórica. **(ANEXO I – Contrato de Reprodução de Imagem).**

Rompendo as dificuldades inerentes a esse processo metodológico, através de contatos com a direção das duas sociedades de imigrantes, formamos uma pequena rede de informantes. Salientamos que no caso da presente pesquisa de caráter qualitativo, cuidamos da seleção criteriosa dos informantes pois priorizamos a qualidade dos depoimentos e não a quantidade, sendo que os relatos colhidos tinham densidade suficiente para representar o universo estudado.

A partir do contato com o presidente da Sociedade Espanhola Sr. Nelson Martinez e com o diretor da Sociedade Sírio Libanesa Sr. Alexandre Neder e sua secretária Sra. Flávia Brandão de Camargo selecionamos quinze possíveis depoentes de cada etnia, e finalizamos a coleta com nove da Sociedade Espanhola e nove da Sociedade Sírio Libanesa. Posteriormente dentro do contexto da pesquisa, esses informantes e seus relatos serão apresentados segundo os eixos temáticos da mesma.

Para apresentação dos depoentes, utilizamos Portraits, onde são feitas breves apresentações e de seus depoimentos, enriquecidos por recursos iconográficos (fotos, documentos, etc.). Os portraits, e apresentações responderão as questões fundamentais para quem trabalha com a metodologia biográfica ou história oral: Quem fala? De onde fala? Por que fala? e Para quem fala?

Na metodologia de História Oral, as fotos e documentos dialogam com o texto.

Outro fator que salientamos é que a pesquisadora não possui descendência das etnias pesquisadas o que lhe fornece certa neutralidade. Mas, por outro lado, tivemos que aprender a utilizar algumas formas de etiqueta, comuns às relações sociais de caráter étnico para nos inserir nos grupos e obter informações, colocando em prática a autocensura que inibe a colocação de certos temas nas entrevistas/depoimentos. Um dos fatores que nos auxiliaram nesse contato, foi o fato de ser docente de uma escola do município e ser reconhecida pelo trabalho que já havíamos desenvolvido junto à comunidade japonesa. Os depoentes aceitaram de forma gentil, após apresentação prévia do diretor do clube ou da apresentação de outros depoentes, como também pelo exame da declaração oferecida pela universidade, que esclarecia meu vínculo com a mesma.

Assim, os informantes, depois de certo tempo, estabeleceram uma relação de confiança e disponibilizaram objetos, documentos, fotografias que depois de devidamente explorados, através do processo de identificação e catalogação, contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

As entrevistas, utilizando a metodologia da história oral, complementadas pela análise dos documentos disponibilizados pelos informantes, favoreceram a ampliação da coleta de dados e consolidação da pesquisa com uma considerável riqueza documental.

O nosso objeto de pesquisa está inserido num tema maior, que é, a diversidade cultural ou pluralidade cultural, decorrente da imigração estrangeira para o município de Piracicaba. Nesse contexto se apresentam diferentes ideologias e visões do mundo, sendo este, portanto

um fenômeno social e cultural variável no tempo e no espaço. Isso irá caracterizar as diferenças no espaço geográfico estudado, no recorte temporal que propusemos a pesquisa que foi do final do século XIX até a primeira década do século XXI. Ressaltamos a importância e a necessidade de em alguns momentos nos reportarmos ao final do século XIX, porque assim se esclareceram alguns fatos pertinentes ao “por que” do processo imigratório espanhol e sírio libanês para o município de Piracicaba.

Para melhor entendimento do escopo do projeto, mostraremos, no transcorrer dos capítulos, algumas respostas a questões referentes ao “por quê”, “para que” e “para onde”, se promoveu à imigração espanhola e sírio libanesa, no espaço geográfico piracicabano.

Dentro da metodologia utilizada, fiz um Diário de Campo, no qual segundo Minayo (1993 p.100),

“(…) constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Fala, comportamentos, hábitos, usos costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais.”

O Diário de Campo tem como objetivo registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo. Por meio dos registros podem-se estabelecer relações entre a vivência da pesquisa e o aporte teórico

Os registros devem ser feitos diariamente, sempre datados, sinalizando os sujeitos envolvidos, o local, a situação observada, as condições que podem estar interferindo no fato, a influência da rotina e normas institucionais no fenômeno etc.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para melhor compreender o tema e o contexto da pesquisa, foi feita o seguinte levantamento de obras que apresentamos a seguir:

SAYAD, Abdelmalek São Paulo: Editora Edusp, 1998

A IMIGRAÇÃO – ou os paradoxos da alteridade

O autor, Sociólogo argelino e orientador de pesquisas no CNRS da França é um minucioso, examinador da problemática da imigração. Este livro com prefácio de Pierre Bourdieu, (que não cansa de elogiá-lo por sua “discrição e dignidade”) e tradução de Cristina Muracho, nos mostra o cotidiano do imigrante, do migrante, das minorias étnicas e raciais, resgata a *diferença* como presença constante, que vai do que há de mais positivo, como o jogo de solidariedades e de reconhecimento entre os “iguais”, até o que há de mais negativo, como sua condição de não nacional e não cidadão. E é de um olhar atento sobre o modo pelo qual as condições materiais de vida revelam as tensões que se estruturam em torno dessa diferença que se nutre *Un Nonterre Algérien, Terre de Bidonvillez*. Sayad parte do conhecimento acumulado ao longo de anos de pesquisa sobre a imigração argelina na França, para extrair das narrativas sobre os bidonvilles (bairro pobre, favela), feitas por antigos moradores o conjunto de determinações sociais que estruturam a experiência do imigrante argelino na França. O autor discorre sobre a presença argelina em Nanterre, mediante a análise das condições de vida nos *bidonvilles*. Estes conjuntos de barracos construídos pelos imigrantes na periferia urbana, a partir de materiais diversos, disponíveis ou a baixo custo, concentraram uma porção significativa da população argelina na França dos anos 50 e 60. O cotidiano dos *bidonvilles* é o ponto de partida para identificação das relações dos imigrantes entre si e com os franceses.

Um dos principais elementos que estruturam essa experiência é a oposição entre o imigrante e o nacional, que está na base dos sentimentos de identificação entre eles e de rejeição diante dos franceses, que os *bidonvilles* materializam. Os *bidonvilles* são um espaço de vida, um lugar onde os imigrantes escapam à solidão e renovam suas solidariedades. Mas é também um lugar de vergonha e privação. Um lugar negativamente qualificado, tanto no discurso dos jornais e dos políticos quanto no dos próprios imigrantes. São em torno desses espaços concretos, os cafés onde os homens se encontram e as esquinas onde as crianças

brincam, mas também os barracos precários e a lama que os invade, que se constrói a memória da presença argelina na França.

A principal contribuição dessa obra para a presente pesquisa foi o uso de narrativas que demonstram sentimentos, esse aspecto desta obra se identifica com a metodologia que utilizamos.

PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya.

Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

O livro registra a importância da Hospedaria de Imigrantes, datada de 1888, para o recebimento dos Imigrantes em São Paulo. Localizada no Brás, ela foi um lugar de hospedagem provisória e triagem dos imigrantes e dos trabalhadores nacionais, destinados a trabalhar, principalmente, nas lavouras de café. Suas atividades foram encerradas em 1978 e o antigo edifício da Hospedaria se tornou o Memorial do Imigrante.

O estudo mostra a Hospedaria em diferentes períodos de transformação da cidade e de políticas imigratórias. Três aspectos da história são abordados: a evolução histórica do alojamento de imigrantes em São Paulo; os fluxos migratórios e seus diferentes momentos históricos; e a constituição do Memorial do Imigrante como lugar de preservação da memória dos fluxos migratórios.

Na parte final do livro encontramos uma relação de tipos de produção documental que existem no acervo do Memorial: desde registros sobre a recepção, encaminhamento e processos administrativos até documentos pessoais dos imigrantes, como passaportes e cartas. Há, ainda, o setor iconográfico com fotos e um acervo de mapas e plantas.

FREITAS, Sônia Maria de.

E chegam os imigrantes... O café e a imigração em São Paulo. São Paulo: Chevalier, 1999.

O livro registra o processo migratório desde o Império, com as primeiras colônias, até a década de 40 do século XX. Sobretudo, aborda o processo de desenvolvimento econômico e social em razão da expansão da lavoura cafeeira e as transformações ocorridas no campo e na

cidade: a imigração, a expansão das ferrovias e da fronteira agrícola, a urbanização, os novos setores sociais, o avanço técnico e tecnológico e a industrialização. Trata dos diversos aspectos da temática da Grande Imigração, como as mudanças da mão de obra escrava para assalariada, o sistema de colonato, a triagem na Hospedaria dos Imigrantes, as principais nacionalidades.

Essa obra usa de diversos recursos, como os documentos textuais e iconográficos, depoimentos de época, cartas, diários, poemas, pinturas, fotografias, mapas e ilustrações.

Este livro nos apresenta de forma didática, o panorama das questões sobre imigração no Brasil se valendo para isso da intertextualidade.

FAUSTO, Boris et al. Imigração e política em São Paulo. São Paulo: Sumaré e UFSCAR e FAPESP, 1995.

Imigração e política em São Paulo

FAUSTO, Boris; GRÜN, Roberto; SAKURAI, Célia; TRUZZI, Oswaldo.

A obra reúne autores que discutem a relação da política com a imigração. No capítulo "Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo", Boris Fausto estabelece conexões entre a política e os imigrantes especialmente no Estado de São Paulo.

O capítulo "Sírios e Libaneses em São Paulo: anatomia da sobre-representação" é assinado por Oswaldo Truzzi; Roberto Grün apresenta "Os Judeus na política paulista: identidade, antissemitismo e cultura"; Célia Sakurai traz "A fase romântica da política: os primeiros deputados nikkeis no Brasil".

No conjunto, percebe-se que a elite republicana vetou, sobretudo de forma simbólica, o acesso dos imigrantes à esfera de poder. Apesar disso, as pesquisas apontam a inserção, principalmente, dos descendentes de imigrantes, que foram se aproximando do campo político. Os italianos foram os pioneiros e, mais tarde, os japoneses. Houve uma variação para cada grupo de imigrantes e em diferentes regiões do Estado. A publicação serve de apresentação em forma síntese de outras pesquisas desenvolvidas pelos quatro autores.

FAUSTO, Boris.

Negócios e ócios: histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

O texto é uma narrativa de leitura ágil e também, um registro de memória do pesquisador, que pode ser usado como fonte de pesquisa.

O autor recupera a história da própria família, que emigrou nas primeiras décadas do século passado em busca de melhores condições de vida e para escapar de pressões político e religioso. Para tanto, recorre a relatos, correspondências e documentos pessoais que permitam o registro memorialístico da migração, inicialmente para a Espanha e, depois, para Argentina e finalmente Brasil.

A partir do estabelecimento da família no Brasil, a narrativa percorre o cotidiano paulistano das primeiras décadas do século XX, com seus meios de transporte, sua economia, lazer, moradia e principalmente os núcleos judaicos da cidade, como o bairro do Bom Retiro.

A contribuição deste autor foi muito importante, isto porque sua origem germânica (Fussen) nos remete a uma visão de mundo do migrante, que pode relatar em detalhes familiares, sobre os sentimentos que afloram no imigrante, que tem laços familiares e espaciais no local onde vive e posteriormente migra para outra localidade, no caso em outro país. este autor se utiliza da história oral como recurso metodológico e como forma de enriquecer seus escritos. O autor se vale da sua própria memória e da intertextualidade na reconstrução da memória da imigração.

TRUZZI, Oswaldo M. S.

De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Ed. Sumaré, 1992.

O livro trata da imigração de sírios e libaneses em São Paulo. Os primeiros grupos começaram a chegar ao Brasil a partir dos anos 70 do século XIX e esse grupo se encontra em sexto lugar entre as etnias, contribuindo com 4% da imigração vinda para São Paulo. O autor destaca os casos das famílias Jafet e família Calfat e entre os temas relevantes para o estudo dessa comunidade aparecem: a religião, as associações, o preconceito, o padrão dos casamentos na colônia (que segue uma lógica de clã e mecanismo de controle de negócios)

A maior parte dos migrantes se concentra na atividade do comércio, em geral no ramo de tecidos. Muitos iniciaram sua vida no país como mascates e depois se estabeleceram no comércio, principalmente na Rua 25 de março e Rua Florêncio de Abreu, no centro de São Paulo.

O autor aponta, ainda, a importância dos sírios e libaneses no comércio e nas profissões liberais, em particular na medicina. Segundo ele, a história social da colônia evidencia a conquista de um setor comercial importante na São Paulo das primeiras décadas do século passado o que possibilitou a entrada maciça de seus filhos no mercado das profissões liberais.

A contribuição do autor Truzzi, foi de suma importância para a pesquisa, por ser um dos autores que se interessa pelo enfoque dos sírios libaneses no Brasil. Seus livros são ricos em detalhes e levantamento documental. Utiliza de espaços de memórias, recurso utilizado na história oral, metodologia que utilizamos. Suas pesquisas reafirmam as características comerciais e a relação com as profissões liberais, fato que se reafirma no município de Piracicaba.

Esse trabalho apresenta o contexto mais amplo da imigração sírio-libanesa para o estado de São Paulo, moldura ampla onde o caso de Piracicaba se encaixa.

TRUZZI, Oswaldo M. S.

SÍRIOS E LIBANESES: Narrativas de História e Cultura. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Os imigrantes de origem síria e libanesa que se dirigiram ao Brasil a partir das duas últimas décadas do século XIX se estabeleceram principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Eles migraram da Grande Síria (atuais Síria e Líbano), que estava sobre o domínio dos turcos. A publicação está ordenada da seguinte forma: Introdução; Uma História pautada pelo comércio; Identidades, Cultura e Memória; Memória e História; Cronologia, Glossário, Bibliografia, Dados sobre o autor; Laboratório de Estudos da Intolerância.

O livro trata desde as origens, os fluxos, os destinos mais importantes da imigração de sírios e libaneses para o Brasil, sua inserção inicial como mascates, as principais estratégias utilizadas para sua afirmação como comerciantes, a construção de uma identidade singular, o modo como a colônia no Brasil se diferenciou, a marca da culinária árabe no país, a trajetória bem sucedida de doutores e políticos na primeira geração de descendentes, os espaços da memória e os registros na literatura que testemunham a influência da imigração sírio-libanesa no Brasil.

O autor se preocupa com os processos de ascensão social das segundas e terceiras gerações de descendentes via educação.

KLEIN, Herbert S.

A Imigração Espanhola no Brasil. São Paulo: FAPESP, 1994.

O autor explica os motivos da emigração de espanhóis para o Brasil e sua experiência depois da chegada.

A migração espanhola está vinculada a mudança da mão de obra escrava para a mão de obra assalariada e sua história tem muito em comum com a experiência dos outros migrantes mediterrâneos e mesmo japoneses.

Para entender melhor essa migração, o autor analisa a crise da mão de obra causada pela abolição, no final do século XIX. Estuda, brevemente, o movimento de colonização agrícola por imigrantes europeus dos primeiros dois terços do século XIX que, ao mesmo tempo, precedeu e ajudou a definir a migração de massa do período posterior a 1880.

Os demais capítulos tratam especificamente da experiência da migração espanhola no

seu ritmo, origem, quantidade, composição, direção dos movimentos migratórios da Espanha e comparações com outros grupos migratórios. O livro ainda avalia os padrões de integração social e econômica dos membros da migração espanhola e suas taxas relativas de integração à sociedade e à economia nacional, no período posterior ao café. Essa publicação contextualiza a imigração dos espanhóis para o Brasil, em comparação com outros grupos de imigrantes externos. É uma leitura inicial dessa temática específica, trazendo as primeiras noções sobre esse grupo de imigrantes.

Salientamos que são poucas as obras científicas sobre imigração espanhola, por isso essa publicação revelou-se muito importante ao fornecer o quadro mais amplo em que se encaixa o objeto do nosso estudo.

GALLEGO, Avelina Martinez.

Espanhóis. Cadernos de Migração. 5. São Paulo: CEM 1995. .

A partir de fontes orais e diversas outras bases documentais, como os jornais da comunidade de imigrantes espanhóis, dados do Instituto Espanhol de Emigração e principalmente, da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos, a obra analisa a trajetória da imigração espanhola em São Paulo, desde a chegada dos primeiros grupos, que foram trabalhar nas lavouras de café, até aqueles que se integraram à vida econômica da cidade. Identifica-se na obra, também, a diversidade de grupos regionais na capital paulista e suas divergências ideológicas, principalmente em relação ao regime franquista, o que pode ter provocado menor coesão e visibilidade da comunidade, em comparação com outras correntes migratórias. Diferentemente de outros autores, que mostram a promoção da emigração com subsídios às passagens para os imigrantes a autora observa que havia uma mentalidade anti-imigrantista dos políticos e intelectuais na área de origem dos mesmos impedindo a existência de políticas emigratórias na Espanha.

Esta autora colaborou nos mostrando o outro lado do processo migratório, a situação na Espanha, no período da imigração, como também a posição dos políticos espanhóis em relação à imigração.

D'ÁVILA, Rosemeire Pereira.

Lembranças da imigração: cenas e cenários de vida dos imigrantes espanhóis em Bauru, 1892 -1930. Bauru: EDUSC, 2004.

O livro analisa o contexto histórico da Espanha e do Brasil no período do grande surto imigratório, no final do século XIX e início do século XX. Reconstrói a história regional da cidade de Bauru, em São Paulo, partindo da história da vida de famílias pioneiras da imigração espanhola, entre 1892 e 1930.

O primeiro capítulo trata dos estímulos à política imigratória em que emergem a discussão do abolicionismo e da mudança das relações de trabalho nas lavouras da expansão cafeeira. O segundo apresenta a região de Bauru no cenário da economia cafeeira: a recepção de imigrantes, a implantação da ferrovia, além de questões ligadas à questão indígena.

O terceiro capítulo trata da integração social dos imigrantes espanhóis na cidade, sua mobilidade social e a formação de uma nova identidade no Brasil.

A trajetória dos imigrantes é revelada por meio de seu cotidiano, dos rumos de sua ascensão econômica e social, da assimilação de novos modos de vida e da persistência de traços da identidade de origem que, discretamente, foram transmitidos às gerações seguintes.

Esta autora nos apresenta como se deu a mobilidade social e o caminho para formação de uma nova identidade, questões relevantes quanto tratamos do tema migrações.

A referida autora contribuiu para nos ajudar a compreender o papel dos espanhóis na formação da diversidade cultural no interior paulista, e assim nesse contexto interiorano nos permite fazer uma analogia entre duas cidades do interior paulista Bauru e Piracicaba este último nosso foco de pesquisa.

SOUZA, Ismara Isepe.

Espanhóis: História e Engajamento. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

O livro trata da migração de espanhóis para o Brasil. A impossibilidade de conquistar terra e trabalho na Espanha originou esse contingente de migrantes para a América, no final do século XIX e início do século XX. Além dos motivos econômicos, houve também questões políticas e religiosas, em outros momentos da história.

Estima-se que oitenta por cento dos espanhóis que vieram para o Brasil se estabeleceram no Estado de São Paulo. As sociedades espanholas e os periódicos voltados à comunidade e a vida política são elementos de destaque. Mostra que os laços de solidariedade se intensificaram nos períodos de greve, guerra civil na Espanha e miséria.

A publicação está ordenada da seguinte forma: Introdução; Histórico; Imigração Cultura e Política; História, Memória e Identidade, Cronologia e Bibliografia.

A autora discute a preservação da identidade e da memória, os elementos da cultura espanhola, os espaços da memória, como a gastronomia, os restaurantes, as escolas regulares, associações, escolas de dança e a presença no memorial do imigrante, em São Paulo. A obra compõe uma série denominada imigrantes no Brasil, de caráter paradigmático. Tem linguagem acessível para os estudantes e é produto de um projeto de discussão sobre a diversidade cultural e a questão da intolerância.

Este livro contribui com a forma que nos apresenta as questões relacionadas à solidariedade, elemento crucial nos momentos mais difíceis vividos pelos imigrantes, mas também presente nos aspectos do cotidiano.

Essa revisão é parte integrante do início de minha pesquisa, recorri a essas leituras considerando a importância do tema dentro da área do conhecimento. Revisar no âmbito de pesquisa significa olhar novamente, retomar os discursos de outros pesquisadores sobre o tema. Esta atividade nos permitiu considerando o posicionamento, os avanços sobre o tema, como também visualizar formas de contextualização e enfoques sobre o tema. Permitiu-nos também a ampliação do conhecimento sobre o assunto, tornando mais claros os objetivos propostos, como também nos deu pistas para otimizar o trabalho de investigação.

LEVANTAMENTOS DE TESES REFERENTES AO TEMA DE PESQUISA

Pesquisamos nos bancos de teses, disponíveis, das seguintes Universidades: USP- Universidade de São Paulo; UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas; UNESP- Universidade Estadual Paulista; UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro; UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais; UFPR- Universidade Federal do Paraná; UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFSCAR- Universidade Federal de São Carlos. Observamos que as teses encontradas sobre o tema Imigração tratam de diversas etnias e grupos migrantes, as que são mais específicas a imigração sírio libanesa e espanhola e a metodologia utilizada, são as apresentadas:

USP- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Documento

Tese de Doutorado

Autor

Osman, Samira Adel (Catálogo USP).

Nome completo

Samira Adel Osman

.

Área do Conhecimento

História Social

Data de Defesa

2007-04-19

Imprenta

São Paulo, 2007

Orientador

Meihy, Jose Carlos Sebe Bom (Catálogo USP).

Banca examinadora

Meihy, Jose Carlos Sebe Bom (Presidente)

Debiaggi, Sylvia Duarte Dantas

Jarouche, Mamede Mustafa

Moura, Esmeralda Blanco Bolsonaro de

Truzzi, Oswaldo Mario Serra.

Título em português

Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida

Palavras-chave em português

Família

História oral de vida

Imigração libanesa

Líbano

Retorno

Resumo em português

Essa pesquisa tem como tema central a História Oral de Vida de imigrantes libaneses e seus descendentes nascidos no Brasil, bem como de brasileiras não descendentes, que empreenderam o retorno ao Líbano, cujo fluxo foi verificado com maior intensidade ao final da década de 1980. A problemática geral dessa pesquisa é verificar e analisar a concretização do retorno, a partir da análise dos fenômenos de readaptação e adaptação, reinserção e inserção, destacando-se as dificuldades, os dilemas e os conflitos decorrentes desse ato. Mais do que a ocupação de um espaço geográfico, devemos considerar que o retorno e restabelecimento nos vilarejos de origem significam uma apropriação (ou criação) cultural do lugar (aqui entendido em sua dimensão subjetiva), construindo-se sentimentos de identidade, de pertencimento ao grupo que, por meio de suas ações, controlam e influenciam pessoas, estabelecem relações, determinam valores e normas a serem seguidas. Considerando identidade e cultura como processos dinâmicos, em constante elaboração e reelaboração, há que se verificar que a reinserção e inserção ao país implicarão renúncias, escolhas e seleções, que serão negociadas pelo migrante em relação ao grupo de origem

Documento

Tese de Doutorado

Autor

Canovas, Marília Dalva Klaumann (Catálogo USP)

Nome completo

Marília Dalva Klaumann Canovas

Unidade da USP

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Área do Conhecimento

História Social

Data de Defesa

2007-08-02

Imprenta

São Paulo, 2007

Orientador

Marcilio, Maria Luiza (Catálogo USP)

Banca examinadora

Marcilio, Maria Luiza (Presidente)

Aquino, Maria Aparecida de

Pinto, Maria Inez Machado Borges

Truzzi, Oswaldo Mario Serra

Velasco, Ignacio Maria Poveda

Título em português

Imigrantes espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922

Palavras-chave em português

Cidade de São Paulo

Emigração em massa

Emigração espanhola

Imigração

Imigrantes espanhóis em São Paulo

Resumo em português

Esta investigação pretendeu recuperar, amparada por substantivo corpus documental, a multiplicidade de papéis vivenciados pelo imigrante espanhol na Paulicéia: redes de afazeres e práticas associativas, modos efetivos de incorporação e experiências precárias de

acomodação à atividade produtiva da cidade, formas de sociabilidade, enfim, os diversos meios de inserção, as estratégias e as experiências concretas relacionadas à sua trajetória na urbe paulistana, entre os anos de 1890 e 1922. Conhecido como o da emigração em massa, esse período será o responsável pelo deslocamento de imensas ondas humanas que cruzavam o Atlântico em direção à América. Para o Brasil, vinham atraídas pela eficiente e agressiva política oficial de arregimentação de braços em larga escala que se alicerçava no subsídio à passagem das famílias emigrantes, modalidade de captação com a qual se pretendia irrigar com mão-de-obra farta e, portanto, barata, a lavoura cafeeira do Estado de São Paulo, em constante expansão. Grande parte desse caudal emigratório espanhol movia-se fugindo das distorções do sistema agrário, da miséria, das convocações militares para as guerras coloniais e da falta de perspectiva no futuro, trazendo, em sua bagagem imaginária, o desejo de melhoria em sua condição de vida e o sonho do retorno ao seu país de origem. Desses milhares de desterrados, muitos, por razões que a pesquisa buscou explorar, acabaram se dirigindo - refluindo ou não do colonato - para a cidade de São Paulo que, promovendo para si a atração de capitais e população, ostentava com eloqüência os frutos colhidos pelo café, metamorfoseando-se radicalmente de maneira acelerada e se transformando, na passagem do século XX, de pequeno núcleo urbano, na metrópole do café. Face à especificidade da constituição da urbe, o adensamento de uma população diversificada - verdadeiro caleidoscópio étnico no qual o imigrante espanhol, em que pese a sua quase total obscuridade historiográfica, figurou entre as três correntes majoritárias -, constituída por universos socioculturais heterogêneos e assimétricos, amálgama de múltiplas expectativas e experiências de vida, representou campo fecundo para a investigação, descortinando perspectivas e abordagens privilegiadas na problematização do objeto e no tratamento teórico-metodológico das fontes e da bibliografia utilizadas.

Documento

Tese de Doutorado

Autor

Porta, Eliane Veiga (Catálogo USP).

Nome completo

Eliane Veiga Porta

Unidade da USP

.

Área do Conhecimento

História Econômica

Data de Defesa

2008-09-12

Imprenta

São Paulo, 2008

Orientador

Novais, Fernando Antonio (Catálogo USP).

Banca examinadora

Barbosa, Wilson do Nascimento

Ferlini, Vera Lucia Amaral

Lopes, Gustavo Acioli

Menz, Maximiliano Mac

Puntoni, Pedro Luis.

Título em português

Imigrantes espanhóis em Santos, 1882-1920.

Palavras-chave em português

Barcelona brasileira

Cidade de Santos

Emigração espanhola

Imigração

Imigrantes espanhóis em Santos

Resumo em português

Esta pesquisa pretende reconstituir a trajetória da emigração espanhola que, no período compreendido entre 1882 e 1920, abandonou as adversidades de sua pátria para atravessar o

oceano Atlântico em busca da prosperidade e de melhores condições de vida amplamente propagadas pelos agenciadores de mão de obra para a lavoura cafeeira paulista. O porto de Santos e suas atribuições em decorrência da exportação do café tornaram-se um atrativo aos que ali desembarcavam, notadamente os imigrantes espanhóis que muito se identificaram com a vida urbana daquele local. Convidados por patrícios ou vindos por vontade própria, elegeram a cidade de Santos como ponto de partida para se estabelecerem em busca de seus sonhos e objetivos, fossem trabalhando nas docas ou nas muitas atividades que se apresentavam em seu entorno. Não raro, muitos dos que subiram a serra com destino ao Oeste Paulista retornaram ao porto para engrossar o contingente espanhol em seu envolvimento com outros trabalhadores que atribuíram à cidade santista a alcunha de Barcelona brasileira.

Documento

Tese de Doutorado

Autor

Souza, Ismara Izepe de (Catálogo USP).

Nome completo

Ismara Izepe de Souza

Unidade da USP

.

Área do Conhecimento

História Social

Data de Defesa

2009-08-05

Imprenta

São Paulo, 2009

Orientador

Carneiro, Maria Luiza Tucci (Catálogo USP).

Banca examinadora

Carneiro, Maria Luiza Tucci (Presidente)

Bueno, Clodoaldo

Capelato, Maria Helena Rolim

Segrillo, Angelo de Oliveira

Vizentini, Paulo Gilberto Fagundes.

Título em português**Caminhos que se cruzam: relações históricas entre Brasil e Espanha (1936-1960)****Palavras-chave em português**

Franquismo

Guerra Civil Espanhola

Imigração espanhola

Itamaraty

Ministério das Relações Exteriores

Relações diplomáticas

Resumo em português

Este estudo analisa as relações diplomáticas entre o Brasil e a Espanha sob a ótica da política externa brasileira entre 1936 a 1960, tendo como referências para reflexão: as tensões político-ideológicas geradas pela Guerra Civil Espanhola e pelo alinhamento brasileiro aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial; o anticomunismo como fator de aproximação entre os dois países; a intensificação das ações de intercâmbio cultural e comercial verificada a partir da década de 1950; o fluxo imigratório de espanhóis para o Brasil como um elemento central das relações hispano-brasileiras. Tendo como principal fonte os documentos do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, sob a guarda do Arquivo Histórico do Itamaraty/RJ e da Coordenação de Documentação Diplomática em Brasília, procuramos avaliar a posição da diplomacia brasileira frente à Espanha e os interesses que permearam a configuração das relações históricas construídas com esse país. Considerando os momentos de ruptura e permanência, demonstramos que os compromissos firmados no cenário internacional pautaram as atitudes do governo brasileiro frente à Espanha, especialmente entre 1936-1939 e na década de 1940.

UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Título [PT]: Infância, educação infantil, migrações

Autor (es): Rosali Rauta Siller

Palavras-chave [PT]: Infância, Migração, Educação de crianças, Educação intercultural, Bilinguismo

Área de concentração: Ciências Sociais na Educação

Titulação: Doutor em Educação

Banca: Débora Mazza (Orientador)

Alice Beatriz da Silva Gordo

Ana Lúcia Goulart de Faria

Rogério Drago

Zeila de Brito Fabri Demartini

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar como as crianças que vivem em contextos de migração, em geral, e de imigração pomerana, em particular produzem, reproduzem e difundem as práticas sociais de seus e de outros grupos étnicos e culturais, por meio das relações que estabelecem com seus pares e com profissionais da educação em dois Centros Municipais de Educação Infantil, no município de Santa Maria de Jetibá-ES/Brasil. É apresentado o contexto da pesquisa, analisando numa perspectiva histórica, os fluxos migratórios, rumo ao município. Dentre as metodologias usadas para coletar, analisar e interpretar as vozes dos sujeitos da pesquisa- crianças pequenas e suas famílias em contextos migratórios- destacam-se a etnografia e a história oral. Os dados coletados resultaram de observações diretas por meio de registros em diários de campo, relatos das crianças, depoimentos de profissionais e de membros das famílias, filmagem, fotografias, histórias. A perspectiva analítica adotada tomou como referência os clássicos da Sociologia que, nas décadas de 1930 e 1940, já afirmavam que as crianças produzem suas culturas infantis, assim como as contribuições

contemporâneas da Sociologia da infância. Para compreender, ainda, como as crianças migrantes vão construindo suas identidades culturais em contextos diaspóricos, são trazidas as categorias de cultura popular, diáspora, identidade cultural, culturas híbridas, "estabelecidos" e "outsiders" e circularidade cultural. (HALL, 2003; GINZBURG, 2006; 2009; ELIAS, 2000). Os relatos orais e a observação permitiram: levantar as práticas sociais que marcaram a identidade cultural das crianças pomeranas. Posteriormente acompanhar as práticas das crianças pomeranas recém-chegadas, com vergonha de se vincularem a essa origem e das crianças de outros grupos por se sentirem "fora do lugar?" e, elucidar os processos de aproximação e distanciamento a determinados padrões culturais considerados hegemônicos, que as atividades cotidianas praticadas pelas creches e pré-escolas ratificam. A pesquisa apontou que os Centros Municipais de Educação Infantil apresentam-se como Instituições "enraizadas", "fixas", "territorializadas", que tem como padrão uma identidade nacional referenciada a uma língua, um povo e um território. As práticas dessas Instituições de educação infantil são marcadas pela abordagem monocultural e monolinguê que se esforça por apagar a diferença em nome da assimilação das culturas das crianças pomeranas e das crianças recém-chegadas a um padrão de cultura nacional, definido pela língua portuguesa, pela religião católica, pelo trabalho e valores urbano-industriais. A pesquisa revelou que as práticas familiares e grupais são marcadas por configurações pluriculturais, multilingues e pelo trabalho familiar referenciado fortemente pelo universo rural-agrícola. Os dados e análises que compõem esta pesquisa trazem a grande relevância que tem a pedagogia adotada, a qual pode contribuir para uma formação de meninos e meninas desde pequenos, num processo de valorização de diferentes culturas num mesmo contexto como um aspecto de altíssimo valor humano; apontam também como a escola pode ser um lugar do esvaziamento de práticas culturais grupais, prevalecendo apenas as da classe dominante. Por isso esta pesquisa traz em seus escritos, desafios para a construção de uma Pedagogia da infância, Intercultural e Multilingue que reclama a luta contra a discriminação e a promoção de uma educação emancipatória.

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

JULIO DE MESQUITA FILHO

Inserção às avessas: a imigração espanhola em Franca SP (1900-1955)

- Autor:** Dias, Vanessa Martins.
Oliveira, Lélío Luiz de.
Gonçalves, Paulo César.
- Colaboradores** Tosi, Pedro Geraldo.
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de História, Direito e Serviço Social.
- Descrição:**
- Editora:** Franca: [s.n.],
Imigrantes - História - Franca (SP)
Espanha - Imigrantes - História.
- Palavras chaves:** European immigration. eng
Spanish immigration. eng
Regional history. eng
- Aparece nas coleções:** Banco Digital de Teses e Dissertações

Espaço migrante: entre enunciações e olhares

- Autor:** Gonçalves, Amanda Regina.
- Colaboradores:** Leite, César Donizetti Pereira.
Cazetta, Valéria.
Veiga Neto, Alfredo José da, 1945-
Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências de Rio Claro.

Idioma: Português

Orientador: César Donizette Pereira Leite

Banca: Valéria Cazetta

Banca: Alfredo José da Veiga-Neto

Resumo: A mobilidade do homem no espaço, ainda que faça parte da humanidade, é um acontecimento que se torna marca do período contemporâneo. Um movimento que produz um constante encontro com “o outro”, como também atualizações de mecanismos para (re) inventar o outro e (re) inventar-se a si mesmo. A escola é, no entanto, uma instituição que celebra a característica do trabalho com saberes e do sedentarismo: fixam formas de ser, de se relacionar com o mundo, de se usar o território. Outras tantas instâncias culturais – imagens, filmes, jornais, propaganda, televisão, multimídias – também são potentes domínios pedagógicos que, de uma forma ou outra educam, apresentam modos de ser e sentir que atravessam suas enunciações verbais e visuais, modulando subjetividades. Isso faz com que a educação geográfica aconteça nos mais distintos espaços do mundo contemporâneo. Este trabalho objetiva discutir tais problemáticas e compreender a migração no período contemporâneo, a partir da busca de um “olhar atento” a enunciações verbais e, especialmente os visuais, que tomam as pessoas que se deslocam no território (em especial aquelas que deixam a região nordeste brasileira) como objeto de regulação e os inserem em determinadas trajetórias, histórias, lugares, acontecimentos. As relações em funcionamento nos enunciados que fazem referência ao imigrante e seus correlatos, em geral, estão imersas num imperativo de unidade e mesmidade que dilui as diferenças e faz uso da produção da imagem de “outros” indivíduos como estranhos. Por se constituírem de práticas, os enunciados produzem modelos de relações sócio-espaciais, como o preconceito pelo lugar de origem como uma destas estratégias para produção da noção de espaço dada não pela diferença, mas pelos opostos, aniquilando as possibilidades de heterotopia.

UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**Título: Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora Minas Gerais (1888-1912)**

Autor: Maysa Gomes.

Data de Publicação 31- Ago – 2009

Palavra – chave: Educação História Teses

Educação Aspectos demográficos Minas Gerais séc. XIX.

Imigrantes, Educação

Juiz de Fora (MG) Educação História séc. XIX e séc. XX.

Publicador – UFMG

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender como foi promovida a escolarização de crianças filhas de imigrantes no contexto de grupos sociais distintos, considerando as relações sociais oriundas da vida dos imigrantes, investigando como estes elementos se relacionam com a construção de um processo educacional escolar e com as políticas de educação e imigração em fins do XIX e início do XX, especificamente no período de 1888-1912. Essas políticas são aqui entendidas como a ação do Estado por meio da legislação, de seus agentes e de suas instituições. Como demarcação geográfica, apresentamos as cidades mineiras de Belo Horizonte e nestes municípios levamos em conta a diferença entre urbanos importantes para Minas Gerais, Juiz de Fora um centro industrial e comercial consolidado economicamente, com grande concentração populacional que esteve no cerne das ações de imigração do Estado.

CAPITULO 01

IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL – SUBSIDIOS HISTÓRICOS-GEOGRÁFICOS.

Ao longo da história da Humanidade, observamos repetidos movimentos de migração e de fixação de populações em várias regiões do globo, impulsionados por problemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, por guerras, ou pela combinação de dois ou mais destes fatores.

No decorrer dos séculos, muitos desses movimentos apresentaram diferentes proporções, inclusive alguns influem significativamente na evolução histórica do gênero humano.

A imigração teve início no Brasil a partir de 1530, quando começou a se estabelecer um sistema relativamente organizado de ocupação e exploração da nova terra. A tendência acentuou-se a partir de 1534, quando o território foi dividido em capitanias hereditárias e se formaram núcleos de povoamento importantes em São Vicente e Pernambuco.

Foi um movimento, ao mesmo tempo colonizador e povoador, pois contribuiu para formar a população que se tornaria brasileira, sobretudo num processo de miscigenação que incorporou portugueses, indígenas e negros. A formação da sociedade brasileira foi fortemente marcada por grandes deslocamentos populacionais (migrações). O tráfico de escravos, que desde o século XV trasladou mais de 10 milhões de negros africanos para terras americanas, foi o mais importante desses afluxos, deixando marcas profundas em nossa constituição étnico - social. Contudo, desde a primeira metade do século XIX, com o iminente fim da escravidão, a possibilidade de introduzir trabalhadores europeus esteve na pauta das ações políticas brasileiras, principalmente na transição do trabalho escravo para assalariado.

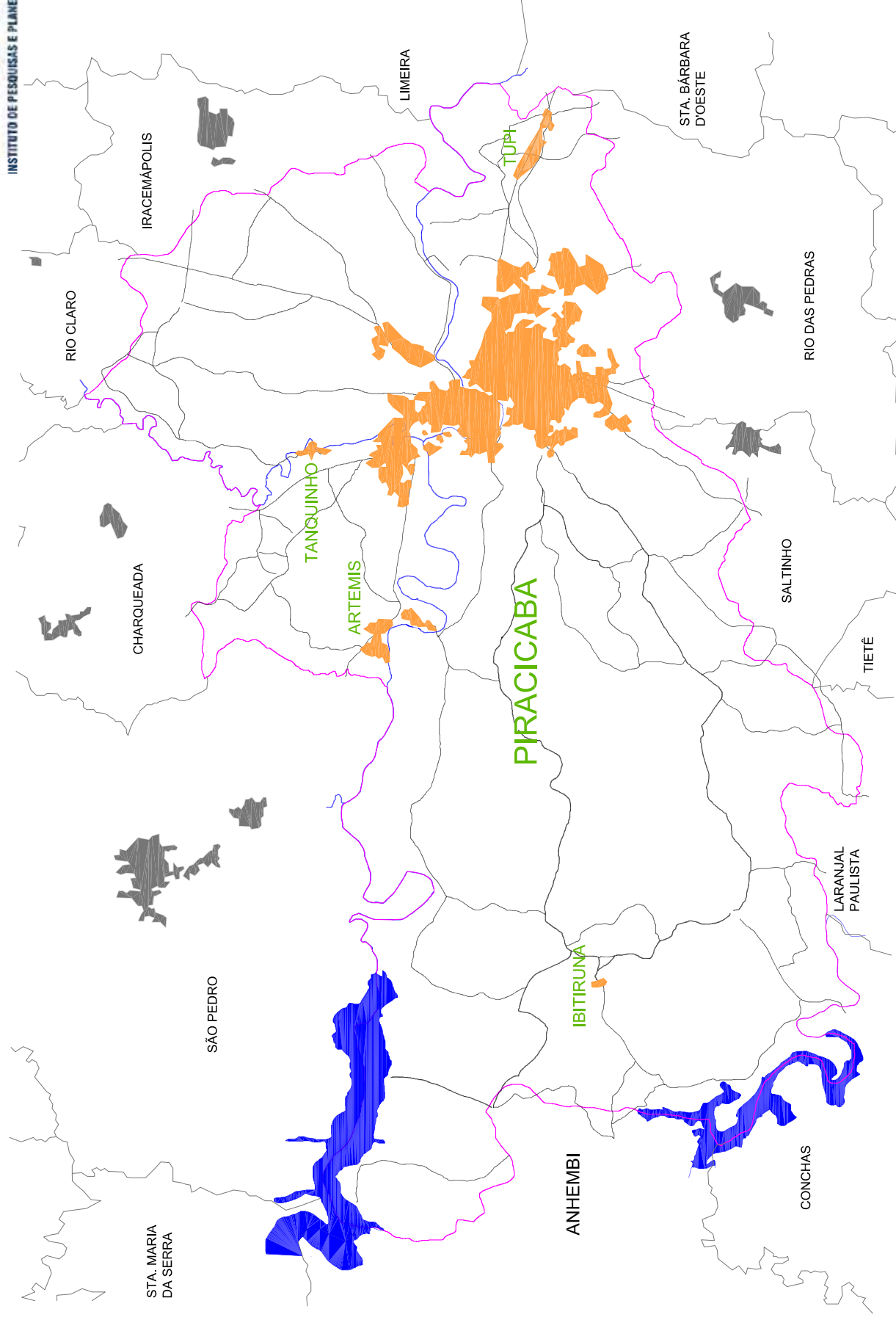
No entanto, é preciso entender esse enorme movimento migratório sob outra perspectiva, inserindo-o num panorama mais geral. A segunda metade do século XIX assistiu o desenrolar de um processo que ficou marcado como a maior migração de povos de toda a história. Estima-se que entre 1846 e 1875, cerca de nove milhões de pessoas deixaram a Europa - principalmente a Itália - e cruzaram o Atlântico, rumando, sobretudo para os Estados Unidos, na esperança de "fazer a América".

As emigrações **espanhola e sírio-libanesa**, mais especificamente aquela ocorrida no município de Piracicaba, aqui examinadas, são parte de um dos maiores deslocamentos em massa ocorridos na história, entre os séculos XIX e XX.

Os imigrantes, espanhóis e sírio libaneses se fixaram na área rural e urbana do município, pois muitas famílias não se fixavam e mudavam de fazenda ou sítio, devido as condições de trabalho, ou vencimento de contratos. Nesse sentido, a localização geográfica precisa de cada família não foi possível precisar, mas a presença no município foi marcada pelas Sociedade Beneficente Sirio Libanesa e pela SOREAL – Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira.

Os espanhóis e sírios- libaneses, não fixaram colônia no município de Piracicaba, no sentido de grupos étnicos predominantes, cujas tradições, cultura, língua, etc. se tornassem marcos característicos do município, como por exemplo em Blumenau (SC), com os alemães e em Bento Gonçalves (RS) com os italianos.

As figuras a seguir, expõem a localização do município de Piracicaba- SP, que tem como limites os municípios de: Santa Bárbara d'Oeste, Limeira, Iracemápolis, Rio Claro, Charqueada, São Pedro, Santa Maria da Serra, Anhembi, Conchas, Laranjal Paulista, Tietê, Saltinho e Rio das Pedras.



Legenda

- Perimetro do Município de Piracicaba
- Mancha Urbana do Município de Piracicaba
- Mancha Urbana dos Municípios Vizinhos

Escala - 1:300.000

Base Cartográfica elaborada a partir de levantamento aerofotogramétrico realizado em 1995
Janeiro 2004

FIG. - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA NO ESTADO



1.1 – IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL E PARA PIRACICABA

Tomamos como referência um breve histórico de estrangeiros no Brasil, para entendermos o processo imigratório. A entrada de estrangeiros no Brasil era proibida pela legislação portuguesa no período colonial **1500 a 1815**, mas isso não impediu que chegassem **espanhóis** entre 1580 e 1640, quando as duas coroas (Portugal e Espanha) estiveram unidas. Judeus (originários da península ibérica) ingleses, franceses e holandeses, viajavam para o Brasil, assim como cientistas, missionários, navegantes e piratas ingleses, italianos ou alemães. Alguns destes estrangeiros, vieram por um período curto, não sendo considerados imigrantes, pois não se fixaram no país.

A criação do Governo Geral em 1549, atraiu muitos portugueses para a Bahia. A partir de então, a migração tornou-se mais constante. O movimento de portugueses para o Brasil foi relativamente pequeno no século XVI, mas cresceu durante os cem anos seguintes e atingiu cifras expressivas no século XVIII. Embora o Brasil fosse, no período, um domínio de Portugal, esse processo tinha na realidade, sentido de imigração.

A descoberta de minas de ouro e de diamantes em Minas Gerais foi o grande fator de atração migratória. Calcula-se que nos primeiros cinquenta anos do século XVIII entraram só em Minas Gerais mais de 900.000 pessoas. No mesmo século, registra-se um outro movimento migratório: o de açorianos para Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Amazônia, locais em que fundaram núcleos que mais tarde se tornaram cidades prósperas. A emigração de casais açorianos para o Brasil começou no Século XVII, quando 50 famílias constituídas por 219 pessoas embarcaram, no dia 29 de março de 1677, no barco *Jesus, Maria e José* em Horta, Ilha de Faial, com destino ao Grão Pará, atual Estado do Pará,.

Em meados do Século XVIII começou a se realizar, por determinação das autoridades de Lisboa, uma bem sucedida experiência de colonização do tipo moderno mediante a fixação de famílias ao solo. Essa imigração em massa visava defender e povoar os atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pois a Coroa estava convencida que a melhor maneira de garantir a posse da terra era povoá-la. Assim, imigraram para o Brasil, a partir de 1732, milhares de colonos ilhéus oriundos do arquipélago dos Açores, num

processo de imigração compulsória, ou seja, migração sem escolhas de localidades, praticamente obrigatória.

Em 31 de agosto de 1746, o rei Dom João V de Portugal comunicou aos habitantes das ilhas dos Açores que a Coroa oferecia uma série de vantagens aos casais ilhéus que decidissem emigrar para o litoral do sul do Brasil. Nos termos de um edital fartamente distribuído pelas nove ilhas do arquipélago as vantagens do convite eram evidenciadas.

Os colonos açorianos, nos primeiros tempos, estabeleceram contato com uma população indígena, em constante nomadismo. Os portugueses, embora possuidores de conhecimento técnicos mais avançados, tiveram que aceitar numerosos saberes indígenas indispensáveis a sua adaptação ao novo meio. O legado indígena tornou-se um elemento da formação do luso brasileiro. A nova cultura incorporou o banho de rio, o uso da mandioca na alimentação, cestos de fibras vegetais e um numeroso vocabulário nativo, principalmente tupi, associado às coisas da terra: na toponímia, nos vegetais, e na fauna, por exemplo.

Surgiu também um terceiro grupo importante que participaria da formação da população brasileira: o negro africano. É impossível precisar o número de escravos trazidos durante o período do tráfico negreiro, do século XVI ao XIX, mas admite-se que foram de cinco a seis milhões. O negro africano contribuiu para o desenvolvimento populacional e econômico do Brasil e tornou-se, pela mestiçagem, parte inseparável de seu povo. Os africanos espalharam-se por todo o território brasileiro, em engenhos de açúcar, fazendas de criação, arraiais de mineração, sítios extrativos, plantações de algodão, fazendas de café e em áreas urbanas. Sua presença, projetou-se em toda a formação humana e cultural do Brasil influenciando nas técnicas de trabalho, na música, nas danças, nas práticas religiosas, de alimentação e nas vestimentas.

A imigração propriamente dita verificou-se a partir de 1808, às vésperas da independência, quando instalou-se um permanente fluxo de europeus para o Brasil, se acentuando com a fundação da colônia de Nova Friburgo na província do Rio de Janeiro em 1818, e com a de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824. Assim dois mil suíços e mil alemães radicaram-se no Brasil nessa época, incentivados pela abertura dos portos brasileiros às nações amigas.

Na caracterização do processo de imigração para o Brasil encontram-se três períodos que correspondem respectivamente ao auge, ao declínio e à extinção da escravidão. **O primeiro período** vai de 1808, com a livre importação de africanos até 1850, quando foi decretada a proibição do tráfico. **O segundo período** é de 1850 a 1888, é marcado por medidas progressivas de extinção da escravatura (Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, alforrias e finalmente a Lei Aurea). Em decorrência dessas medidas, as correntes migratórias passaram a se dirigir para o Brasil, sobretudo para as áreas onde o braço escravo era menos importante. **O terceiro período** que durou até meados do século XX, começou em 1888 quando, extinta a escravidão, o trabalho livre ganhou expressão social e a imigração cresceu notavelmente de preferência para o Sul, mas também para São Paulo, onde até então a lavoura cafeeira se baseava no trabalho escravo. Após a abolição, em apenas dez anos (1890 a 1900), entraram no Brasil mais de 1,4 milhão de imigrantes, o dobro do número de entradas nos oitenta anos anteriores (1808 a 1888).

Acentua-se também a diversificação por nacionalidades das correntes migratórias, fato que já ocorria nos últimos anos do período anterior. No século XX, o fluxo migratório apresentou irregularidades, em decorrência de fatores externos, como as duas guerras mundiais, a recuperação européia no pós guerra, a crise nipônica e, devido também a fatores internos. No começo do século XX, por exemplo, assinalou-se em São Paulo uma saída de imigrantes, sobretudo italianos para a Argentina. Na mesma época. Verifica-se o início da imigração nipônica que alcançaria em cinquenta anos grande significado. No recenseamento de 1950, os japoneses constituíam a quarta colônia no Brasil em número de imigrantes, com 10,6% dos estrangeiros de origem nipônica recenseados.

Até o início do século XIX, índios, negros e brancos (estes em sua maioria portugueses) foram os responsáveis pelo povoamento do Brasil. Durante o século XIX, milhares de europeus migraram para nosso país, em função ou de uma política oficial incentivadora ou em decorrência de iniciativa particular.

A abolição da escravatura, coincidiu com uma fase de grande desenvolvimento da lavoura cafeeira, que requeria muito trabalho braçal. Os fazendeiros paulistas se prepararam, de antemão, para a substituição do escravo pelo trabalhador assalariado.

Nesse período, o mundo vivia uma fase de expansão capitalista e, no mercado de trabalho, imperava o regime de livre concorrência. Quanto ao Brasil, a orientação dada pelo

governo imperial foi no sentido de distribuir lotes de terra aos colonos, agrupando-os em núcleos coloniais.

Das iniciativas particulares, vale destacar a de Nicolau de Campos Vergueiro, que trouxe para sua fazenda, em Ibicaba (localizada atualmente no município de Limeira), certo número de famílias de alemães, suíços, portugueses e belgas, ao longo das décadas de 1840 e 1850, em regime de parceria, no que foi imitado por outros proprietários.

Tal sistema de parceria foi um arranjo intermediário entre o tradicional, com a formação de pequenos proprietários e o assalariado puro, adotado mais tarde. Com o incremento da lavoura cafeeira, principalmente a partir da década de 1870 do século XIX, e a urgência por mão-de-obra, os trabalhadores passaram a fixar-se diretamente nas fazendas como simples assalariados, isto é, abandonou-se o pagamento através da divisão do produto (sistema de parceria) e passou-se a fazê-lo em dinheiro.

O florescimento da cafeicultura, a partir da segunda metade do século XIX, trouxe um grande desenvolvimento econômico para o Brasil, em especial para o atual estado de São Paulo. Este desenvolvimento possui intensa relação com a vinda de imigrantes para as lavouras cafeeiras. Segundo Nogueira (1973,p.38)

O governo, por outro lado, encarregou-se de subvencionar a propaganda de nosso país nas regiões fornecedoras de braços e a pagar as passagens dos imigrantes até os nossos portos. Com alguns curtos períodos de interrupção, o sistema de imigração subvencionada vigorou no Estado de São Paulo por muitos anos

A preocupação dominante dos homens da então Província de São Paulo era solucionar o problema, tendo para tanto lançado mão de imigrantes das mais diversas procedências, sendo que, dentre eles, foram os italianos os que afluíram em maior número. Conforme Nogueira (op.cit. p.37)

O imigrante, que veio durante certo período em caráter supletivo – tendo coexistido com o escravo na lavoura – a partir da abolição tornou-se o substituto efetivo da mão-de-obra escrava. [...] distingue três períodos: o primeiro de 1808 a 1886, o segundo de 1887 a 1930, e o terceiro de 1930 em diante.

No início do século XX, o café era o principal produto de exportação brasileiro, e, como se viu, desde o final do século XIX, para suprir a necessidade de trabalhadores nas lavouras, foi incentivada a vinda de imigrantes. Os últimos doze anos do século XIX caracterizaram-se como o período mais intenso de entrada de imigrantes, em São Paulo, principalmente, para as lavouras de café que se expandiram, e havia a necessidade de mais trabalhadores. A princípio, deu-se preferência aos imigrantes europeus.

Devido à superprodução, os preços do café no mercado internacional começaram a cair a partir de 1896. Durante o período da crise da cafeicultura, muitos colonos imigrantes europeus, já instalados no Brasil, abandonaram as fazendas. Com isso, a falta de trabalhadores nas lavouras tornou-se um problema, sendo os cafeicultores os que mais se ressentiam desta ausência de mão-de-obra. Diante dessa situação, reuniram-se, a fim de pressionar o governo a encontrar uma solução.

Os especialistas distinguem dois tipos de distribuição do imigrante no país, com efeito direto nos processos de assimilação. Pode-se chamar o primeiro tipo de “concentração”, em que os imigrantes se localizam em colônias, como no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nesse caso, os imigrantes não mantêm contato, nos primeiros tempos, com os nacionais, mas a aproximação ocorre a medida que o processo de colonização se intensifica.

Os principais grupos de imigrantes no Brasil são: portugueses, italianos, **espanhóis**, alemães e japoneses, que representam mais de oitenta por cento do total do contingente imigratório. Até o fim do século XX, os portugueses aparecem como grupo dominante, com mais de trinta por cento, o que é natural, dada sua afinidade linguística e cultural com a população brasileira. São os italianos, em seguida, o grupo que tem maior participação no processo migratório, com quase trinta por cento do total. Eles aparecem concentrados, sobretudo no estado de São Paulo, onde se encontra a maior colônia italiana do país. Seguem-se os **espanhóis**, com mais de dez por cento, os alemães, com mais de cinco, e os japoneses, com quase cinco por cento do total de imigrantes.

No processo de urbanização, assinala-se a contribuição do imigrante, ora com a transformação de antigos núcleos coloniais em cidades (São Leopoldo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Farroupilha, Itajaí, Brusque, Joinville, etc.), ora através da sua presença em atividades urbanas de comércio ou de serviços, iniciando a venda ambulante, nas ruas, como se deu em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Outras colônias, fundadas em vários pontos do Brasil, ao longo do século XIX, se transformaram em importantes centros urbanos. É o caso de Holambra SP, criada pelos holandeses; de Blumenau – SC, estabelecida por imigrantes alemães liderados pelo médico Hermann Blumenau; e de Americana – SP, originalmente formada por confederados emigrados do sul dos Estados Unidos, em consequência da Guerra de Secessão (1861-1865). Imigrantes alemães se radicaram também em Minas Gerais, nos atuais municípios de Teófilo Otoni e Juiz de Fora e no estado do Espírito Santo, na região serrana do estado do Rio de Janeiro nos municípios de Santa Teresa, Petrópolis e Teresopolis, incentivados pelo governo imperial.

Em todas essas colônias, ressalta igualmente o papel desempenhado pelo imigrante como introdutor de técnicas e de atividades que se difundiram em torno de suas ocupações. Ao imigrante devem-se ainda outras contribuições, em diferentes setores das atividades econômicas e culturais.

Uma das mais significativas apresenta-se no processo de industrialização dos estados da região Sul do país, nos quais o artesanato rural difundido nas colônias cresceu até se transformar em pequena ou média indústria. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, imigrantes enriquecidos contribuíram também com a aplicação de capitais nos diferentes setores produtivos.

A contribuição dos portugueses merece destaque especial, pois sua presença constante assegurou a continuidade de valores que foram básicos na formação da cultura brasileira, no âmbito da língua, da administração pública, do plantio e comércio de hortaliças, entre outros.

Os franceses influíram nas artes, literatura, educação e nos hábitos sociais, além dos jogos hoje incorporados a atividade ludica infantil. Os italianos, especialmente em São Paulo, tiveram grande influência na arquitetura. A eles também se deve uma pronunciada influência na culinária e nos costumes, traduzidos por uma importante herança na área religiosa, musical e recreativa. Os alemães contribuíram na indústria com vários conhecimentos e técnicas, e na agricultura, trouxeram o cultivo de centeio e da alfafa. Os japoneses trouxeram a soja, bem com a cultura e o uso de legumes e verduras. Os libaneses e outros árabes divulgaram no Brasil sua rica cultura influenciando o setor culinário e o campo do comércio.

O processo imigratório foi de extrema importância para a formação da cultura brasileira. Esta foi, ao longo dos anos, incorporando características de culturas

provenientes dos quatro cantos do mundo. Basta pararmos para pensar nas influências trazidas pelos imigrantes, que teremos um leque enorme de resultados: como exemplo o idioma português, a culinária italiana, as técnicas agrícolas alemãs, os ritmos musicais africano e muito mais. Graças a todos eles, temos um país de múltiplos usos, costumes, cores e sabores. O povo brasileiro possui assim uma cultura muito diversificada e de grande valor histórico sociológico.

Concordamos com o que nos diz Darcy Ribeiro, em seu livro *O Povo Brasileiro* (2006 p. 16)

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado geneticamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente.

Isso tudo nos mostra que toda essa diversidade cultural, provinda do processo migratório, que tem como base segura uma primeira ocupação da terra pelo lusitano no período colonial. Estes por sua facilidade de aceitação da diferença se mesclaram a índios e negros constituindo a formação fundamental da nossa sociedade à qual se juntaram a partir do séc. XIX as outras etnias. Devido a ausência de mulheres brancas havia um código não explícito de incentivo e permissividade de casamentos com mulheres não brancas.

Segundo Queiroz, (1989, p.18)¹

(...)O fato de que escravos negros e servidores indígenas foram sempre empregados por famílias brancas; o fato de que crianças brancas foram acalentadas e amamentadas por mães-pretas, o fato de que senhores brancos tinham amantes negras e mulatas, que concebiam filhos de características raciais inteiramente misturadas; o fato de que negros livres e indígenas vivendo sua existência tribal nas matas sempre existiram no país; o fato de que nos estratos inferiores das aglomerações urbanas e das fazendas gente de origem étnica variada se misturava, — introduzira mesmo nas famílias de mais elevada posição social crenças,

¹ Maria Isaura Pereira de Queiroz, na Conferência de Abertura pronunciada no “Simpósio sobre Identidade Nacional”, organizado pela Associação de Professores de História, dias 26, 27 e 28 de novembro de 1987, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Intitulada **Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil-Revista Tempo Social -1989.**

maneiras de pensar e de agir, costumes, objetos materiais, que nada tinham a ver com a cultura européia. Uma nova civilização foi assim surgindo pouco a pouco, nascida de contatos étnicos e culturais diversos, uma civilização brasileira que, em fins do século XVIII, já havia adquirido mais ou menos certa estabilidade.(...) A onda de imigração estrangeira, que se avolumara nos últimos anos do século XIX, persistiu durante as primeiras décadas do século XX; e pelos anos 10 e 20, alguns do recém-chegados e seus descendentes já haviam se alçado a estratos mais elevados da hierarquia sócio-econômica e até política, atingindo mesmo posições importantes na administração pública. Assim, não apenas a europeização cultural ameaçava a antiga civilização originada no período colonial, que estava sendo literalmente afogada pela avalanche de traços culturais estrangeiros, mas também os próprios imigrantes estavam ameaçando as posições sociais dos brasileiros, e ocupando postos de mando que deveriam ser atribuídos a estes.

O município de Piracicaba e a imigração espanhola e sírio-libanesa

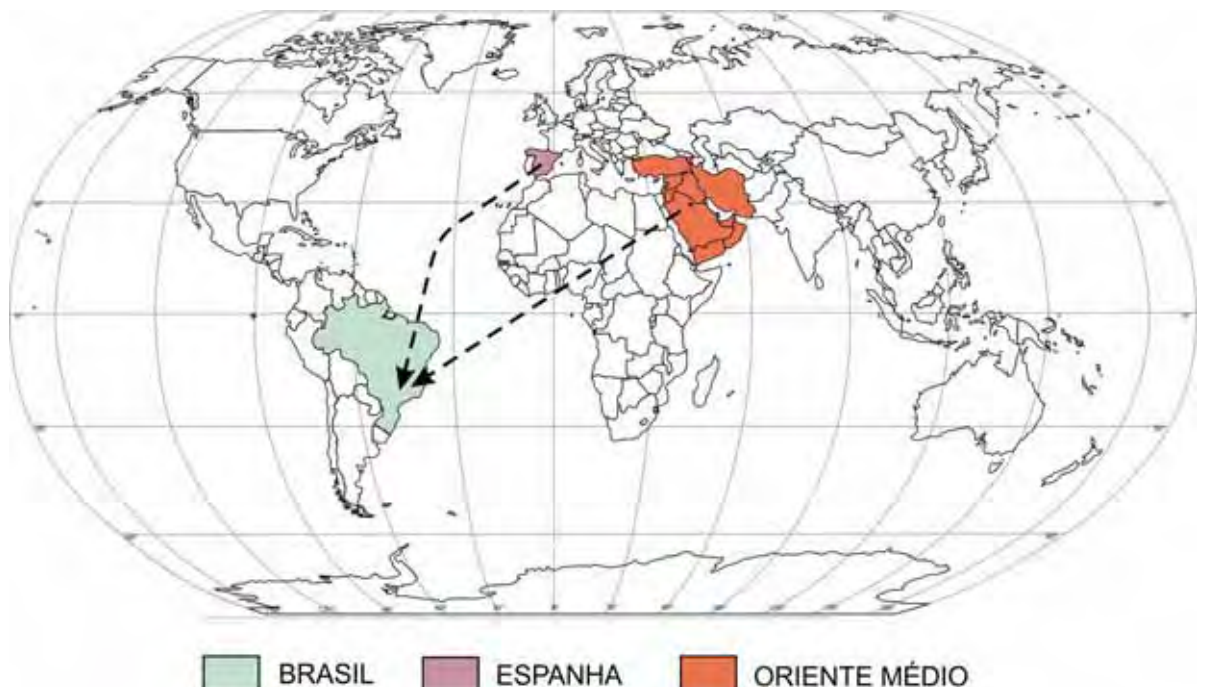


Figura ilustrativa sem escala – localizando as regiões de origem dos imigrantes, espanhóis e sírios-libaneses.

Ao nos referirmos ao desenvolvimento econômico e cultural de qualquer município, devemos considerar o processo histórico-geográfico no qual ele se encontra inserido.

Dentro do contexto histórico da imigração, cabe nos perguntarmos sobre o motivo da escolha do município de Piracicaba. Por que Piracicaba? Quais as características que esse processo apresentava e o que norteava o desenvolvimento do município? Estas são algumas questões pertinentes ao contexto histórico e geográfico no qual se insere nossa pesquisa. Isto porque descrever o meio geográfico em seus detalhes é fundamental, ainda que nem todos os fatos possam ser por ele explicados. Pretendemos, aqui, não perder o referencial espaço-temporal, base da elaboração do conhecimento de cunho geográfico.

O processo histórico do município de Piracicaba inicia-se com a consubstancialidade de três fatos ocorridos nos tempos coloniais: a *sesmaria*, a *povoação* e a *freguesia*.

O povoado de Piracicaba surge da necessidade de se estabelecer um caminho terrestre (através de picadões) entre São Paulo e a exploração do ouro nas terras do Mato Grosso, no século XVIII.

Em 1722, Luis Pedroso de Barros, sendo cabo de guerra, assume com o sertanista ituano Felipe Cardoso a missão de instalar a abertura da primeira picada ou o Picadão do Mato Grosso, que ligaria o território do atual estado de São Paulo à Cuiabá. Como via de acesso, eles utilizariam, entre outros, o rio Piracicaba. Neste período, Piracicaba pertencia à Vila de Itu.

A fundação de Piracicaba deu-se a 1º de agosto de 1767, pelo povoador Antonio Corrêa Barbosa. Em 1784, a então Freguesia de Santo Antonio de Piracicaba começou a desenvolver suas primeiras lavouras canavieiras.

Em 10 de agosto de 1822, Piracicaba tornou-se vila, obtendo assim sua emancipação de Itu e passando a ter Câmara Municipal e Pelourinho próprios.

Existe uma íntima complementaridade entre os seres e as coisas, e não podemos negligenciar a influência do relevo, do clima, da posição continental ou insular sobre as sociedades humanas. Um estudo detalhado da distribuição populacional e das condições geográficas pode contribuir para a compreensão da correspondência entre os aglomerados humanos e as condições físicas.

Segundo La Blache (apud Torres, 1975, p. 46), “[...] Os aglomerados humanos atuais remontam ao passado, e o seu estudo analítico permite compreender a gênese, pois a população se agrupa segundo determinadas linhas de atração.

Ao nos referirmos a tempo e espaço, podemos observar os processos que transformam a sociedade, pois o homem modifica o espaço físico, segundo seus interesses econômicos.

Em 1890, Piracicaba atravessava um período de intensa transição econômica, caracterizando-se como “boca de sertão”, e sua fronteira agrícola, pautada na produção de cana-de-açúcar, começou a se expandir. Neste período, houve um crescimento da população e o aumento do número de engenhos, de modo que a terra passou a ser mais valorizada e, conseqüentemente, criou-se a necessidade da instalação de um sistema viário para escoamento da produção.

Registra-se que, final do século XIX e início do século XX, nos espaços agrários de Piracicaba desenvolviam-se concomitantemente as culturas de cana-de-açúcar e café.

Quando analisamos o processo de povoamento no Brasil, observamos que ele se dá nas proximidades dos rios, inserindo as populações nas bacias hidrográficas. Os cursos d’água, desde o início da colonização brasileira, foram fatores determinantes na distribuição do povoamento. No caso de Piracicaba, a região possuía capacidade de agregar água e terras férteis, fatores preponderantes aos interesses econômicos dos senhores de engenho e dos fazendeiros produtores de café. Em meio a estas culturas, desenvolveram-se, evidentemente, outras culturas de subsistência, voltadas, por excelência, ao consumo interno.

A localização e aspectos do relevo e do clima do município de Piracicaba também influenciaram no posicionamento geográfico da população urbana e rural.

Segundo Torres (1975,p.46)

Piracicaba está situada na faixa de terrenos sedimentares da série permiana. Dispostas ao longo de um crescente entre as zonas cristalinas, de cristas mamilosas ao Leste, e a zona de terras tabulares, ao Oeste. As camadas permianas estendem-se desde Casa Branca até a fronteira do Paraná, constituindo uma larga depressão periférica. Relevo modesto, vasta campina onde os rios correm desenhando meandros divagantes.

O relevo piracicabano é pouco acidentado, com ondulações suaves representadas pelas colinas (característica marcante da topografia do município). A formação de colinas é resultante de um processo erosivo fluvial propiciado pela rica trama hidrográfica (córregos, ribeirões e rios) do município, além do trabalho pluvial, modelador das colinas.

Em relação ao estado de São Paulo, o município de Piracicaba está localizado no interior da Depressão Periférica Paulista. Trata-se de uma forma de relevo constituída por sedimentos paleomesozóicos, que atravessa o estado no sentido sudoeste-nordeste, entre o planalto Atlântico (embasamento cristalino) e a Serra Geral (Frente da Cuesta²). É uma área deprimida, estreita e alongada, formada durante o recuo do mar interiorano que modelou inicialmente o relevo do interior do estado de São Paulo.

A região de Piracicaba está sob a influência climática de várias massas de ar – tropical Atlântica, mTa (quente e úmida e estável); tropical continental, mTc (quente, seca e estável); polar atlântica, mPa (fria e úmida) e equatorial continental mEc (quente, superúmida e instável) –, que contribuem para a distribuição e ocorrência das chuvas e para o regime térmico. Outros fatores determinantes da configuração do clima no município também devem ser considerados: as altitudes médias, raramente superiores a 600 metros; sua latitude, 22°43'25"S, inserida na zona térmica da Terra convencionalmente classificada como de clima tropical; fica próximo do município o Trópico de Capricórnio, a pouco menos de 1° de latitude (um grau = 111 km); a influência do clima subtropical (temperado), nos meses de inverno.

O regime pluviométrico é típico de clima tropical, com um período de estiagem de abril a setembro e um período chuvoso, de outubro a março. Apresenta índices de precipitação pluviométrica entre 1.100 e 1.500 mm/ano e temperaturas médias de 16°C a 24°C ao ano.

O estado de São Paulo está dividido em três grandes bacias hidrográficas: Bacia do Rio Paraná, Bacia Costeira do Sudeste e Bacia Costeira do Leste. Devido aos interesses sobre o direito e uso sobre a água, foi criado o Conselho de Recursos Hídricos – CRH, que subdividiu as bacias em unidades hidrográficas de gerenciamento dos recursos hídricos – UGRHI, em número de 22 no estado.

² *Cuesta* é uma forma de relevo dissimétrico constituída por uma sucessão alternada das camadas com diferentes resistências ao desgaste e que se inclinam numa direção, formando um declive suave no reverso e um corte abrupto ou íngreme na chamada *frente de cuesta* (Guerra, 1997, p. 178).

O município de Piracicaba está localizado em duas dessas unidades hidrográficas: UGRHI-05, composta pelos municípios de Piracicaba/Capivari/Jundiaí, e UGRHI-10, Tietê/Sorocaba, sendo que somente a região sudoeste do rio Piracicaba faz parte da última.

Mais de 70% do município inserem-se na UGRHI-05, que engloba 57 municípios na bacia do Piracicaba, e o restante na bacia do Tietê.

O rio Piracicaba é o principal afluente do rio Tietê e o mais importante do município, cortando-o praticamente ao meio no sentido leste-oeste. Origina-se na confluência dos rios Jaguari e Atibaia, ou seja, na desembocadura do rio Atibaia no rio Jaguari, localizada no município de Americana. A largura média do rio é de 70 metros, chegando a ter entre 100 e 120 metros na região do Salto.

Os cursos d'água, em todo o Brasil, desde o início da colonização, têm sido um dos fatores determinantes na distribuição do povoamento. Em Piracicaba não foi diferente, sendo este o fator de maior relevância para a produção agrícola. As culturas de café e cana desenvolvidas no município exigiam boas terras e grande quantidade de água. Utilizado para os engenhos, (sejam de serra), de açúcar ou de benefício de café, para os monjolos e moinhos de fubá, para os lavadores e despoldadores de café, para os dejetos industriais, nas destilarias de álcool, ou aguardente, e, finalmente, para comunicação, o rio era a via natural.

Piracicaba nunca esteve dissociada do seu veio norteador: o rio de mesmo nome. O município e o rio mantiveram-se atrelados ao longo do tempo, como também a qualidade e fertilidade de suas terras. O rio era uma via de transporte de suma importância, contribuindo para o desenvolvimento do município, que utilizava a navegação fluvial para o escoamento de suas produções agrícolas.

Tais condições do meio geográfico podem explicar, em parte, as razões do desenvolvimento de Piracicaba, no final do século XIX, fazendo do município o centro da policultura regional.

Em 1855, ela foi considerada uma das maiores cidades produtoras de açúcar, pois o café começava a se expandir por outros municípios da província de São Paulo, embora não deixemos de traçar a importância da produção cafeeira no município. Contudo, constatamos que o café iria conviver pacificamente com a produção açucareira.

Alguns projetos educacionais foram idealizados no sentido da formação agrícola. O maior exemplo foi de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que, em 1892, transferiu sua Fazenda

São João da Montanha – com 319 hectares, banhada pelo rio Piracicaba e pelo ribeirão Piracicamirim, situada a três quilômetros da cidade –, para o Estado, a fim de que ali fosse construído um centro de formação agrícola.

A realização final deste projeto deu-se anos mais tarde, em 1900, quando o governo do Estado de São Paulo reconheceu e decretou oficialmente o estabelecimento de ensino como Escola Agrícola Prática de Piracicaba. Passando por diversas reformas, em 1934 integrou-se à Universidade de São Paulo – USP, com a denominação Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ). Atualmente, constitui uma referência nacional e na América Latina, no que se refere a cursos, nas áreas de graduação e pós-graduação, de engenharia agrônômica e florestal.

O município explorou diversas produções agrícolas, sendo o café voltado fundamentalmente para o mercado externo, e o açúcar, aguardente e outros bens, destinados ao mercado interno em expansão.

Com relação ao desenvolvimento urbano, no final do século XIX, a cidade havia progredido; novos problemas surgiam, exigindo novas normas de administração. Com a alteração na forma de contratar a mão-de-obra surgida com a abolição e a entrada de trabalhadores livres no proletariado agrícola, capitais tomavam outros rumos e o capitalismo afirmava-se sob a forma de reinvestimentos financeiros.

A cidade exigia novas posturas relacionadas a problemas de saúde e saneamento que então se apresentavam; um dos mais sérios era o número de leprosos que chegavam e se instalavam em barracos em seus arredores.

Na segunda metade do século XIX, houve um surto de urbanização no Sudeste do país, com rápido crescimento demográfico, época de grandes melhoramentos urbanos. A arrecadação do município de Piracicaba conheceu elevado salto positivo; entretanto, a cidade conservava certo aspecto modesto. Com poucas indústrias, era na produção agrícola que se encontravam as maiores fontes de renda. Segundo Torres (2003, p. 269), mesmo que não cheguem a suplantar a produção rural é normal que as funções industriais surjam, após o comércio. No Brasil, a manufatura só se tornou significativa quando os cafeicultores paulistas passaram a investir em estradas de ferro, bancos e sociedades comerciais, cuja ausência constituía o principal obstáculo ao desenvolvimento capitalista. Ainda o mesmo autor considera a intensificação das correntes migratórias outro dos fatores que concorreram para a evolução da indústria (op cit., p. 269).

Nesse sentido, observamos que à medida que a economia de mercado foi se desenvolvendo, instauraram-se de forma ampla e profunda os valores centrais da economia capitalista tais como: propriedade privada, visando o lucro e direção dos empreendimentos, busca de previsão de negócios, complementaridade produtiva e também crises e flutuações específicas de cada setor ou ramo de atividade.

Pautado nas bases do mercado e do capitalismo, o desenvolvimento econômico provocava alterações nas ocupações e nas relações sociais. Devido à expansão do setor industrial e com maior divisão de trabalho, o município de Piracicaba adquiria fisionomia própria, com um novo tipo de mão-de-obra que substituiu gradualmente o elemento escravo pelo assalariado, acompanhando o incentivo à imigração.

As cidades cresciam e ofereciam novas oportunidades de trabalho, com o aumento da burguesia agrária que foi se constituindo, aos poucos, durante o Império, mas só se tornaria urbana, atuante e efetiva após a abolição e a proclamação da República.

As antigas famílias piracicabanas, proprietárias de terras, cujos patriarcas tornaram-se usineiros, comerciantes e industriais na nova ordem econômica, ofereciam oportunidades de trabalho urbano aos imigrantes que contribuíram com seu trabalho e força de vontade para o progresso de Piracicaba, desde o início do século XX.

A partir da segunda metade do século XIX, Piracicaba já não é tipicamente latifundiária, pois, na paisagem piracicabana, já se define certa divisão de propriedade, o que, se considerarmos que uma das características do baronato brasileiro é exatamente o latifúndio, a faz diferenciar-se de outras zonas próximas, como, por exemplo, Campinas.

Assim, recorrendo à História, podemos constatar que Piracicaba não é um centro que concentra muitos barões do café e que o novo surto da economia açucareira não chegava a alterar, no conjunto, a tendência à divisão de propriedade.

A pequena produção é constituída de formas de artesanato ou de pequenas empresas familiares nas quais o mesmo agente é o proprietário e tem a posse dos meios de produção, sendo ainda o trabalhador direto. O trabalho é geralmente fornecido pelo proprietário e sua família, que não recebe salário, pois o pequeno comércio, no qual o proprietário é ajudado pela família e oferece trabalho, emprega, apenas excepcionalmente, mão-de-obra contratada.

Indubitavelmente, no final do século XIX, as relações sociais, políticas e econômicas em Piracicaba foram fundamentais para fortalecer e conduzir o município da condição de agricultura de exportação para a agroindústria e indústrias diversificadas (metalurgia, têxtil).

Analisando as características do município, concordamos com o que defende Calvino (2003, p.46)

toda cidade tem um código interno, um fio condutor em seu discurso, uma perspectiva lançada em desafio à voracidade dos tempos: “[...] As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa [...] De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá a nossas perguntas.

Quanto às origens do povo piracicabano, torna-se imprescindível lembrar-nos das diversas culturas que o constituíram – os indígenas, que viviam na região, os negros que trabalhavam nas lavouras como escravos e, após a abolição, continuaram no município, e os diversos imigrantes que aqui chegaram, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX: alemães, suíços, italianos, árabes, espanhóis, portugueses e japoneses.

Todas as etnias acima citadas chegaram à região antes dos japoneses, e em maior número. Os italianos sabemos, que constituíram o maior contingente de imigrantes em Piracicaba, por meio de alguns pesquisadores que reconstruíram suas trajetórias de vida e suas ligações com a pátria de origem.

No processo de desenvolvimento econômico e na diversidade cultural de Piracicaba, podemos brevemente relatar a importância de cada etnia.

A presença dos *alemães e suíços* encontra-se registrada historicamente Em Piracicaba, já em 1835, havia um caldeireiro de origem alemã, Martinho Bernardinho. Em 1856, confirma-se a existência de dois médicos, também de origem germânica: Hermann Kupper e Hermann Melchert, este último também farmacêutico e um dos primeiros alemães a solicitar a naturalização, com base na Constituição Brasileira.

O primeiro alemão a ter um registro comercial oficial foi José Sipp, proprietário de uma venda, em 1855. Mais tarde, vieram para as fazendas São Lourenço e Paraíso as famílias cujos sobrenomes tornaram-se comuns à própria história de Piracicaba: Vollet, Ritter, Diehl, Wolmar, Martin, Gobeth, Gerdes, Priester, Krahenbühl, Eschor, Stein, Schmidt, Morbach, Vouet, Kock, entre outros.

Os alemães marcaram presença em Piracicaba na área dos transportes, com o uso do trole e com a introdução de melhoramentos no tradicional carro de bois. Foram eles os

grandes responsáveis pela expansão do cultivo de batata que, até 1951, São Paulo importava, pois a produção era escassa e de qualidade inferior.

Na distribuição espacial dos bairros de Piracicaba, existe o dos Alemães, que era periférico. Mas, devido à expansão urbana do município, este bairro, juntamente com a ESALQ- Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da qual ele é próximo, incorporaram-se ao sítio urbano.

Os *italianos* constituíram, desde o início do século, um grande fluxo imigratório em Piracicaba. Ao longo deste século, chegaram a obter grande representatividade socioeconômica, cultural e política. Essa imigração foi tão numerosa que já em 1905, pelo menos metade dos habitantes do município de Piracicaba era de descendência italiana. Como conseqüência, a cultura italiana teve forte influência para a formação econômica e cultural do município.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os hinos italianos, comum nas rádios piracicabanas, foram proibidos. Seus clubes beneficentes, como o Mútuo Soccorso e Circolo Italiano Cristofaro Colombo, abasileiraram seus nomes, para não serem perseguidos e fechados.

Nos detalhes arquitetônicos do município, encontramos diversas construções com características da arquitetura italiana. Desde de 1887, após restauração no ano de 1997, o Clube Ítalo Brasileiro – Sociedade Italiana de Mutuo Socorro mantém atividades inerentes à cultura italiana, como, por exemplo, ensino da língua, festas típicas, exposições artísticas, como formas de manter as tradições.

A presença italiana no campo ainda é muito forte, pois, mesmo com o êxodo rural, muitos permaneceram fiéis ao trabalho na terra. Um caso típico de imigração e permanência no campo foram os bairros rurais de Santana e Santa Olímpia, formados por um grupo de tirolezes. Estes provinham da província de Trento, então território sob domínio austríaco, que, em conseqüência da política européia, passava por muita miséria, tendo a população sido assolada por fome e falta de trabalho.

Os trentinos vieram para o Brasil no ano de 1877 e, para Piracicaba, em 1893. As famílias Vitti e Forti e seus descendentes juntaram-se, na fazenda Sant'Anna. A partir de 1910, como parte da cultura trentina e camponesa, começou o processo de divisão da fazenda entre os descendentes. Segundo Leme (2001, p.74)

“[...] Os tirolezes de Piracicaba foram os únicos do estado de São Paulo que permaneceram em comunidade, preservando toda uma cultura e tradição. Se o compararmos com os de outros estados do Brasil, como os do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Paraná e de Santa Catarina, percebemos que são eles os que têm características mais originais preservadas até hoje [...]. Isso se deve, em parte, ao fato de se casarem com parentes.

Um imigrante italiano que se destacou na formação econômica de Piracicaba foi Mário Dedini. Chegou em Piracicaba em 1914, acompanhado do irmão Armando; em 1920, ambos compraram uma pequena oficina de consertos de carroças e charretes para fabricação e conserto de veículos e utensílios agrícolas. Com o falecimento do irmão, em 1926, Mário assume os negócios da oficina, transformando, depois de alguns anos, seu pequeno negócio em um grande complexo industrial, formado por empresas que atuam em diversos setores da economia local e nacional.

Um outro grupo de imigrantes, também teve um importante papel no desenvolvimento econômico de Piracicaba: **os árabes**, que chegaram à região entre 1878 e 1880. Em 16 de novembro de 1902, 28 compatriotas da colônia Síria fundaram no município a Sociedade Beneficente Síria de Piracicaba, que teve como primeiro presidente Manoel Elias Zina. Iniciaram suas atividades num imóvel alugado, mas logo adquiriram um imóvel próprio, na principal rua do comércio a Governador Pedro de Toledo, local que permanece como um dos eixos principais do comércio até os dias atuais.

Foi nele que inauguraram, em 15 de novembro de 1927, sua associação. Em 20 de novembro de 1955, ela passou a denominar-se Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa. Nesta época, já existiam diversos libaneses radicados em Piracicaba. O principal objetivo da sociedade era amparar os imigrantes; ao chegarem, eles recebiam hospedagem, alimentação e uma mala com mercadorias para começar a ganhar a vida, na atividade típica desta etnia, o mascatear.

Esses imigrantes tiveram um importante papel na vida social da cidade. Como a comunicação entre as mais diversas localidades era praticamente inexistente, os vendedores ambulantes sírio-libaneses, ou mascates, como eram conhecidos, faziam o papel dos atuais carteiros: levavam cartas, encomendas e recados, além de vender seus produtos.

A antiga associação foi, durante longos anos, o principal ponto de reunião da colônia. Com a morte dos imigrantes mais antigos e a ascensão social dos descendentes o que

conduziu a casamentos fora da colônia, a associação, atualmente, está restrita apenas algumas comemorações culturais e a eventos sociais.

A formação da comunidade urbana piracicabana contou ainda com as correntes imigratórias **de espanhóis** e *portugueses*. Entre os anos de 1908 e 1929, os espanhóis representavam 20,15% dos imigrantes que, desembarcados em Santos, fixavam-se nos cafezais paulistas por isso algumas fazendas de Piracicaba os recebiam e também no comércio local.

Com relação aos portugueses, desde o descobrimento do Brasil, em 1500, já haviam se instalado em diversas partes do país. Um desses imigrantes, de origem portuguesa, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, tornou-se muito influente econômica e politicamente, atuando como senador do Império. Ele veio para o Brasil em 1802, com 25 anos de idade. Era advogado formado pela Universidade de Coimbra e estabeleceu-se em São Paulo, como os irmãos Arouche, Manuel Azevedo Marques e Manuel Joaquim Ornelas. Eram, na época os únicos advogados da Vila de São Paulo, então com 20 mil habitantes, pois a Faculdade de Direito do Largo São Francisco só seria criada em 1824.

Bem preparado, acumulou cargos públicos como promotor, juiz e vereador. E, como outros portugueses, recebeu uma sesmaria, no seu caso na região do rio Piracicaba, fundando então, em 1817, a Fazenda Ibicaba. Sua importância política permitiu que, a partir de 1840, Vergueiro fosse responsável pela introdução de mais de 3 mil imigrantes europeus no Brasil.

Na Fazenda Ibicaba, a quantidade de imigrantes foi vultosa, mas a mão-de-obra européia era ali explorada, o que ocasionou uma revolta, bastante conhecida entre os pesquisadores do processo migratório: a “Revolta de Ibicaba”, em 1856. Ela ocasionou a quebra de contrato de diversos imigrantes, muitos dos quais vieram estabelecer-se em Piracicaba.

Os *japoneses* foram um dos últimos grupos de imigrantes a chegar à cidade. Isto se deu a 7 de setembro de 1918, motivado pelo fato de dr. Paulo de Moraes Barros, médico e político piracicabano, proprietário da Fazenda Pau D’Álho, no bairro de Ártemis haver retornando de uma viagem ao Japão, bastante impressionado com a disciplina e o esforço do povo japonês.

Através de negociações com uma companhia de imigração, contratou 40 famílias para sua fazenda. O contrato excluía velhos e doentes e exigia que a família tivesse pelo menos três

integrantes em condições de trabalho. Por isso, muitos familiares solteiros dos imigrantes agregavam-se às famílias para completar o número de trabalhadores exigidos.

Ao final do contrato, muitos japoneses, por meio de intensa poupança familiar, puderam comprar suas terras ou se mudar para a cidade, estabelecendo um comércio ligado à venda de produtos agrícolas.

Entre os imigrantes que vieram para Piracicaba, os japoneses foram uns dos que mais tiveram dificuldades no processo de integração à sociedade local, devido à dificuldade em relação a cultura, língua e clima.

Quando nos referimos aos japoneses ou *nikkeis*, esclarecemos, com base em Sakurai (1993, vol. 4), que “[...] O japonês-brasileiro é atualmente denominado Nikkei, não importa a que geração pertença. Essa denominação está sendo utilizada desde a Convenção Panamericana Nikkei, ocorrida em 1985, em São Paulo, que adotou essa terminologia para todos os descendentes dos imigrantes, e sansei, para os descendentes da terceira geração”.

CAPITULO 02

A IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA O BRASIL E PARA PIRACICABA

A marca da imigração para o Brasil pode ser percebida especialmente na cultura e na economia, das duas mais ricas regiões brasileiras: Sudeste e Sul. Piracicaba está inserida na região Sudeste do Brasil. A colonização foi o objetivo inicial da imigração no Brasil, visando o povoamento e a exploração da terra, por meio de atividades agrárias. A criação das colônias de imigrantes estimulou o trabalho rural.

A grande imigração espanhola para o nosso país só começou em fins do século XIX devido ao agravamento dos problemas sócio-econômicos naquele país.

A presença espanhola em terras brasileiras acontece desde o início da colonização do Brasil. Porém, só se pode falar de uma efetiva imigração de espanhóis para o Brasil, a partir do final do século XIX.

Segundo Klein (1994,p. 35)

A grande onda de imigração européia e asiática que seguiu a abolição da escravidão em 1888 acabou por trazer cerca de cinco milhões de imigrantes estrangeiros para o Brasil. Nessa imigração em massa, os imigrantes da Espanha desempenharam um papel importante. Os 750 mil espanhóis que vieram nos setenta anos seguintes envolveram-se vitalmente na expansão da indústria cafeeira brasileira e na construção de uma importante economia agrícola e urbana no Estado de São Paulo. Em termos nacionais, eles foram terceiros em importância, depois dos italianos e portugueses, mas devido a sua concentração em São Paulo, ocuparam o segundo lugar entre os estrangeiros nesse Estado vital.

No final do século XIX, com as crises enfrentadas por certas regiões européias e pelo desenvolvimento da tecnologia naval, permitindo viagens mais seguras, milhares de pessoas saíram da Europa em busca de melhores condições de vida nas Américas.

No caso da Espanha, a imensa maioria rumava para suas colônias ou ex-colônias, pelos laços históricos e culturais que mantinham e, por esse fato, os destinos preferidos dos imigrantes espanhóis eram a Argentina, o Uruguai e Cuba. Todavia, alguns desses países de cultura hispânica passaram a enfrentar problemas financeiros e deixaram de ser um destino atrativo para os espanhóis.

O Brasil jamais representou o destino preferencial do imigrante espanhol. A ele conviria, até por questões de idioma, dirigir-se a Argentina ou ao Uruguai, países que, tal como o Brasil nesse período, procuravam atrair mão-de-obra européia.

No entanto, o Brasil acenava com uma facilidade que não era ofertada pelos outros países – o subsídio da passagem, o qual também podia ser utilizado, como consta ter ocorrido, para finalmente se atingir o destino desejado. Informes da Secretaria da Agricultura dão conta de que muitos espanhóis se utilizavam do subsídio para, uma vez em S.Paulo, e alegando terem sido enganados quanto ao destino, solicitarem uma passagem para o Rio Grande do Sul. Tal procedimento, de tão freqüente, alertou os funcionários de que, na verdade, eles estavam tentando, por essa via, na verdade atingir os países do Prata: Argentina e Uruguai.

O ciclo do café representou um marco na economia brasileira. De reconhecida importância, sob vários aspectos, na Província e depois Estado de São Paulo, ele foi o responsável, por exemplo, por mais da metade dos ingressos econômicos até 1930.

Era preciso, no entanto, abastecer constantemente sua cultura intensiva com mão-de-obra farta. Esse foi o principal foco da política imigratória brasileira desse período: suprir as fazendas que ocupavam o interior da Província com imigrantes constituídos em famílias, para que, conforme sua ótica, evitar que se deslocassem com mais freqüência.

Os grandes fazendeiros eram membros do grupo governante neste período, e, como tal, nesta conjugação de interesses, utilizavam-se da máquina estatal para uma agressiva política imigratória “oficial” de arregimentação de trabalhadores estrangeiros em larga escala, cuja oferta crescente, lhes garantiria maior poder de barganha na assinatura dos contratos.

Essa política assenta-se sobre alguns pilares, sendo o principal deles o subsídio à passagem do candidato à emigração. Tal política ainda previa outras facilidades ao imigrante subsidiado: o desembarque à sua chegada e o transporte à Hospedaria às custas do Estado; sustento e alojamento na hospedaria durante os oito primeiros dias, após a chegada; colocação por intermédio da Agência Oficial e transporte da Hospedaria até a estação de trem mais próxima à fazenda (Lei 673, de 09.09.1899).

A riqueza gerada pelo café acabou por seduzir milhares de espanhóis, que partiram para o Brasil à procura de uma nova vida. Quando aqui chegaram, espalharam sua cultura por todo o Brasil. Aspectos da cultura espanhola foram sendo passadas de pai a filho até chegarem aos dias de hoje.

Houve a vinda de espanhóis para São Paulo já no século XVII e XVIII (as famílias tradicionais Bueno e Toledo por exemplo) são de origem hispanicas. A grande imigração

espanhola em direção ao Brasil se dá na década de 1880. Até o final do século XIX, a grande maioria era de galegos, que se fixaram principalmente em centros urbanos brasileiros de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Devido à grande semelhança entre galegos e portugueses, aqueles eram muitas vezes confundidos com estes.

No começo do século XX, entretando, passaram a predominar os andaluzes. Com a decadência da imigração italiana para o Brasil, os espanhóis foram atraídos aos milhares, a fim de substituir a mão-de-obra italiana no café. Dentre eles, outros grupos importantes foram os catalães, bascos e valencianos.

A pobreza e o desemprego no campo, na Espanha desse período, foram os responsáveis pela grande imigração espanhola para o Brasil que se iniciou na década de 1880. Na realidade, a presença espanhola em terras brasileiras acontece desde o início da colonização do Brasil. Porém, só se pode falar de uma efetiva imigração de espanhóis para o nosso país, a partir do final do século XIX.

Assim, formou-se rapidamente uma comunidade espanhola de operários, trabalhando nas nascentes indústrias brasileiras. Cerca de 78% dos espanhóis ficaram concentrados no estado de São Paulo. Estima-se que, entre 1880 e 1960, mais de 750 mil espanhóis imigraram para o Brasil. Apenas os portugueses e italianos chegaram em maior número.

A Guerra Civil Espanhola de 1936 a 1939, formou um novo fluxo de imigrantes que buscaram o Brasil. O crescimento da economia espanhola após a segunda guerra, fez o número de imigrantes cair e a imigração hispânica passou a ser pouco significativa.

Com pouca visibilidade, o imigrante espanhol que se destinou ao Estado de São Paulo, no período denominado de emigração em massa, trazia em sua bagagem imaginária as mesmas expectativas e anseios que motivaram a todos os outros imigrantes de outras nacionalidades. Os espanhóis concentraram-se, sobretudo no estado de São Paulo, que atraiu cerca de 70% dos imigrantes hispânicos. Esse contingente populacional ficou marcada principalmente pela divisão dos espanhóis: os Galegos se fixaram nas cidades, enquanto os Andaluzes se dedicaram à colheita de café em São Paulo, como já visto mas, maus-tratos contra espanhóis nas fazendas de café e o trabalho semiescravo fez com que a Espanha passasse a restringir a vinda de seus cidadãos para o Brasil.

Segundo José Ortega y Gasset, a Espanha deste período era classificada como “Espanha Invertebrada”, devido as condições de desigualdade social no território e de sua população.

No final do século XIX, a Espanha possuía uma população de 18,5 milhões de pessoas, densidade considerada crítica para um país pobre, com um setor agrário representando 2/3 de sua economia, nele acentuadas contradições internas resultaram em profundos descompassos não apenas entre os diversos setores da sociedade, mas igualmente entre suas diversas regiões.

Coexistiam, de um lado, setores produtivos, agrários e industriais, identificados com uma nascente burguesia, e, de outro, imensas regiões improdutivas, resultado das desapropriações dos latifúndios pertencentes à Igreja Católica – processo a que se denominou de desamortização, no caso, eclesiástica. A denominada “desamortização eclesiástica” (na verdade levada a efeito em sucessivas etapas) consistiu em desapropriações, por parte do Governo Central, das propriedades territoriais pertencentes a determinadas ordens religiosas, igrejas e monastérios, às quais, pelo direito civil e canônico eram de posse perpétua, ou seja, os bens podiam ser incorporados aos organismos eclesiásticos, mas não podiam deles ser desvinculados, quer por contrato ou qualquer outro título, oneroso ou lucrativo. Tais desamortizações estendem-se também às propriedades pertencentes aos municípios – desamortização civil –, calculadas em cinco milhões de hectares e, posteriormente, ocorrem os confiscos das propriedades legitimamente herdadas e denominadas de *manos muertas*. Denominavam-se *manos muertas* os proprietários de imóveis e bens de raiz inalienáveis. Já no século XVIII delineou-se na Espanha o problema das *manos muertas* que se encontra em estreita relação com o da desamortização eclesiástica [...]; daí, a denominação ter sido estendida na Idade Moderna e na época contemporânea aos proprietários cuja *hacienda* (herdade, fazenda) constituía um imóvel com uma dotação permanente, como era o caso dos bens territoriais da Igreja e dos *mayorazgos*.

Como resultado dessa ingerência oficial, o camponês vê-se progressivamente desalojado do uso das terras comunais, que são terras pertencentes aos municípios antes das desamortizações e às quais, historicamente, os camponeses tinham acesso, através do sistema de campos abertos (Antigo Regime). Nesses termos comunais tinham liberdade de buscar o melhor aproveitamento (caça, pesca, lenha, coleta de frutos, etc.), ao mesmo tempo em que, em decorrência dos leilões a que foram submetidas, assiste-se à transferência de imensas propriedades e bens comunais para grandes proprietários que as arrematam num movimento

que, no entanto, não logrou trazer qualquer benefício aos lavradores, nem deu lugar ao camponês proprietário, contribuindo tão somente para acirrar o seu alijamento dos tradicionais meios de subsistência.

A condição do povo espanhol e de suas vivências, foi retratada na literatura espanhola da época, como exemplo podemos citar a obra *La Bodega* de Blasco Ibañez, que retrata um dos maiores problemas sociais, da Espanha neste período, a fome.

Partindo da existência desta problemática em território espanhol, definidora da grande imigração e a partir dos relatos de nossos depoentes, chegamos ao histórico da SOREAL - Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira, antigo Grêmio Espanhol de Piracicaba que foi fundada em 26 de junho de 1898.

Segundo o Sr. Hélio Manfrinato, os registros de espanhóis em Piracicaba são a partir de 1890. Eles eram ajudados por sua avó materna, Maria Blumer Rodrigues de Almeida, que doou o terreno para construção da SOREAL. Até então eles foram acolhidos por Joaquim Rodrigues de Almeida seu avô que acolhia os espanhóis que chegavam ao município no alojamento existente em seu próprio comércio, que estava instalado em um grande terreno no centro da cidade, na esquina da Rua Governador Pedro de Toledo com a Rua São José. Seu avô era um forte comerciante no município.

Apresentaremos a Ata de Abertura da SOREAL – Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira no capítulo posterior, 2.1.

Desde a fundação em 1898, a Sociedade progredia, tendo como princípios norteadores: a ajuda mútua e assistência na área da Saúde. No Grêmio Espanhol, também havia empréstimos aos espanhóis. Seu avô faleceu em 1932, e a partir desse período a Sociedade passou a enfrentar dificuldades, chegando ao ponto de não funcionar como Sociedade, passando por um longo período de ações judiciais para reaver o prédio.

Atualmente a SOREAL tem como missão a integração dos descendentes de espanhóis à sociedade piracicabana em questões de cunho social, cultural e educacional, sobretudo

naquelas em que estejam envolvidas por relações entre a nacionalidade brasileira e a espanhola.

Em sua trajetória, como entidade associativa, a SOREAL enfrentou inúmeros percalços, entre eles os efeitos da 2ª Guerra Mundial, na década de 40, quando, tal como outras instituições, foi impedida de exercer suas atividades.

A partir do ano de 2000, marco da recuperação e da posse definitiva de sua sede, a Sociedade Espanhola vem impulsionando ações rumo a uma revitalização e seus efeitos já se fazem notar através da reconstrução de costumes e tradições espanholas em toda a cidade de Piracicaba.



Fachada da SOREAL – Sociedade Recreativa Cultural Real Hispano Brasileira - restaurada.
Arquivo Maria Dalva S. Dezan Maio/2012.

2.1 -OS IMIGRANTES ESPANHÓIS EM PIRACICABA

Sabe-se que o nome dos lugares muda
tantas vezes quantas as suas línguas estrangeiras;
e que cada lugar pode ser alcançado de outros
lugares, pelas mais variadas estradas e rotas,
por quem cavalga guia rema voa.

Italo Calvino, *Cidades Invisíveis*, (2003, p. 131)

Segundo os depoentes a história da SOREAL, se inicia ainda no século XIX.

A Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira, antigo Grêmio Espanhol de Piracicaba, foi fundada em 26 de junho de 1898, tendo como missão, a ajuda aos espanhóis que chegavam ao município. Atualmente a instituição está integrada à sociedade piracicabana em questões de cunho social, cultural e educacional, sobretudo naquelas em que estejam envolvidas relações entre as nacionalidades brasileira e espanhola.

A partir do ano de 2000, marco da recuperação e da posse definitiva de sua sede, a Sociedade Espanhola vem impulsionando ações rumo a uma revitalização e seus efeitos já se fazem notar através do resgate de costumes e tradições espanholas em toda a cidade e região.

Com relação a SOREAL, apresentamos alguns documentos que fazem parte de seu acervo histórico.

Primeira Ata da Sociedade Espanhola – Arquivo SOREAL

Sociedad Gremio Español
de Piracicaba

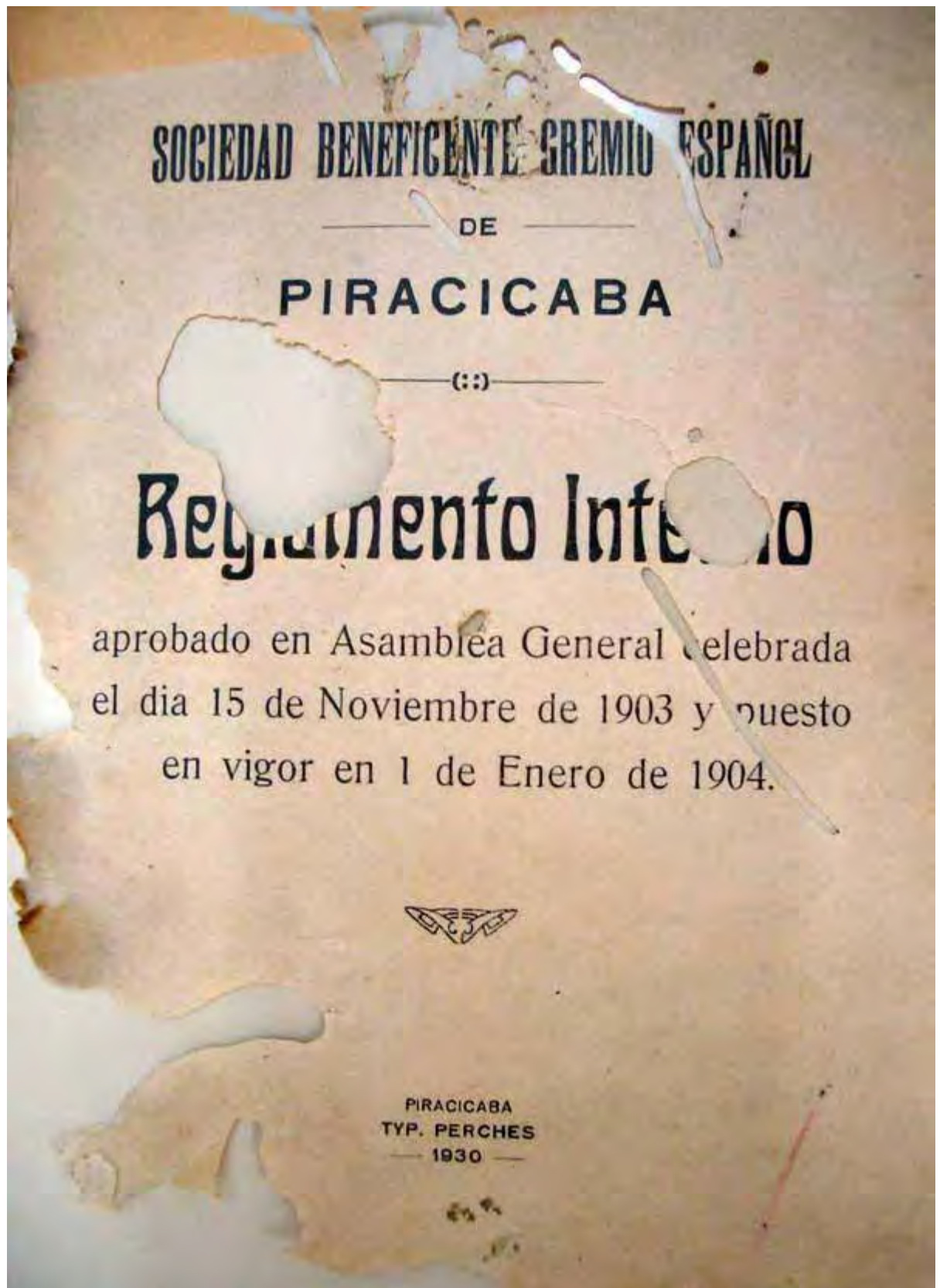
Acta 1^a

A los veinte y seis ^{del} mes de Junio de mil ochocientos noventa y ocho en esta Ciudad de Piracicaba Estado de San Paulo, en la sala de la casa n^o tres sita en el Largo del Teatro; Reunidos mas de cincuenta sueltos Españoles se propuso la fundacion de una Sociedad con el titulo Gremio Español cuyos fines sean trabajar afianzadamente en pro de nuestra amantissima, Madre Patria, en la presente lucha que actualmente sostiene con los Estados Unidos de la America del Norte;

Para el fin indicado fue propuesto que se nombrase una Directoria provisoria, compuesta de un Presidente y dos Secretarios; para la celebracion de esta primera sesion y la presente acta; Recayo dichos nombramientos en los Sres Rafael Lorenzo, Manuel de Lago, y Antonio Martinez Moquera; el 1^o para Presidente y los dos ultimos Secretarios; Y iniciada la presente acta fue por el Presidente declarada allan abierta la sesion siendo aceptado dichos nombramientos.

Por el Sr Domingo Gil fue propuesto que para el buen orden de la Sociedad y firme cumplimiento de su programa, fuese ya declarada en la presente sesion el precio de Entrada, como asi mismo el de mensualidad a que quedan obligado todos los socios;

Capa do Primeiro Regimento Interno – Arquivo SOREAL



Ultima página do primeiro regimento interno – Arquivo SOREAL

— 7 —

determinando en la forma que satisfarán su compromiso social y justificándose por falta de trabajo, etc., etc., siendo la Junta Directiva obligada á contestar al peticionario en el plazo más breve aceptando ó negando con la más estricta Justicia.

Los socios que causen baja por falta de pago serán considerados como deudores de la Sociedad y su reingreso será requisito indispensable para su caja sus atrasos, y siempre cumpliendo con lo que previenen nuestros Estatutos en sus artículos 9.º

ÚNICO

Artículo 15.º Serán expulsados de esta Sociedad los socios que causen baja por dos veces, sea voluntaria ó involuntariamente, como así mismo los que con su conducta irregular traten de desacreditarla ó perturben su buena marcha.

Sala de sesiones — Piracicaba, 1.º de Enero de 1904.

Joaquín Rodrigues Almeida — Presidente;
Manoel do Lago (ausente) — Vice-Presidente;
Felipe Diaz Rubio — Tesorero;
Juan Medina Rueda — Secretario 1.º
Antonio Zoto — " 2.º
Gallego Perea — Vocal 1.º
de Baja — Vocal 2.º
José Cervilla — Vocal 3.º
Mariano Pelegrino — Vocal 4.º

Observamos que o presidente Joaquim Rodrigues de Almeida, era o avô de nosso depoente Sr. Hélio Manfrinato. Este nos relatou que:

Seus pais foram Habrão Manfrinato (descendência italiana), mãe, Olga Rodrigues Manfrinato (descendência espanhola), sua avó materna Maria Blumer, era proprietária e herdeira da família Blumer, que possuía uma padaria em Araras e muitas propriedades, Joaquim Rodrigues de Almeida, veio trabalhar na padaria e conheceu a Sra. Maria Blumer, com quem se casou. Esse casamento deu início a relação do Sr. Hélio com os espanhóis.

O pai de Maria Blumer o Sr. Jacob Blumer, após o casamento veio a falecer, em 1890, deixando muitas propriedades em Araras e em Piracicaba, dentre os imóveis deixados tinha um terreno de 500m², na rua Prudente de Moraes nº 1292.

Seu avô Joaquim Rodrigues de Almeida, através da herança da esposa, possuía um grande comércio na Rua Governador esquina com a R. São José,.Neste local era onde ele permitia o alojamento de espanhóis que chegassem em Piracicaba, sua avó que era herdeira direta, junto ao esposo doou o terreno para construção do Grêmio Espanhol. Esse Grêmio oferecia empréstimos e assistência médica para os necessitados.

Nesse mesmo ano em 1898, na cidade de São Paulo reunia-se uma comissão organizadora para viabilizar a criação do que viria a ser a Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos e Instrução (SESM).

Segundo Canóvas (2009, p. 363)

Após a fundação dessa primeira associação espanhola na Paulicéia, muitas outras se sucederão. Um rápido olhar sobre os elementos que comporão outras entidades congêneres é o bastante para demonstrar serem quase sempre os mesmos elementos que gravitam e se alternam em seus postos diretivos (...)

Nessa data, portanto, reunia-se a comissão, cujos membros haviam previamente subscrito uma circular endereçada aos imigrantes residentes na cidade, informando sobre os propósitos de sua constituição, basicamente, nesse momento, o amparo aos associados em caso de doença e morte, objetivos que, mesmo levando-se em conta o ainda pequeno percentual de espanhóis então radicados na cidade – o oferecido pelos órgãos oficiais, pelo menos – ou que por ela transitavam, evidenciava o percentual desse contingente, em grande parte mergulhado em extrema pobreza.

Em Piracicaba, a Sociedade Espanhola, progrediu, considerando os objetivos de ajuda mútua, e assistência mas, em 1932 o então fundador José Rodrigues de Almeida veio a falecer, Sr. Hélio tinha então 10 anos, e lembra-se:

Meu avô era um comerciante muito bem sucedido, e participava ativamente de tudo que era relacionado a Sociedade, mas com seu falecimento em 1932, a sociedade começou a entrar em decadência. Durante a Segunda Guerra 1939-1945 a Diretoria ficou com brasileiros, a sociedade em 1938 foi alugada transformando-se em uma Casa de Saúde “Santo Antonio”. Os médicos que fizeram isso foram os doutores Francisco Alvarez e Alcides Aldrovandi, que permaneceram por 18 anos, ou seja até 1956. Posterior a esse período a Sociedade continuava com poucas atividades, mas sempre fazia votações para diretoria e etc. Quando no ano de 1986 houve uma grande enchente em Piracicaba e o então Prefeito Adilson Maluf, fez um acordo com a presidência da Sociedade, para ceder o espaço para abrigar os famílias desabrigados da enchente.

Tendo uma das famílias lá permanecida por quinze anos, em 1991, iniciamos um longo processo judicial de apropriação indébita, que durou 10 anos.

Organizei pessoas e respondia pela Sociedade no processo e assim reconquistamos o prédio em precárias condições. Inclusive as documentações que permaneceram no prédio, muitas foram resgatadas.

Iniciamos uma luta, para o restauro, através de campanhas e união. No restauro o que foi mais difícil foi o telhado, mas quando entramos após conquista, muitos documentos, livros de atas, foram encontrados, também passarão por restauração.

O prédio já passando por restauro. Foto extraída do site da SOREAL, com permissão de seu presidente Sr. Nelson Martinez. Acesso em Abril/2011.





Restauração do prédio da SOREAL – Foto extraída do site da SOREAL, com permissão de seu presidente Sr. Nelson Martinez. Acesso em Abril/2011.



Nesta placa observamos que o prédio faz parte do Patrimônio Histórico Cultural de Piracicaba, desde 2001. Arquivo de Maria Dalva de Souza Dezan. Maio/2012.



Foto de parte da fachada, com o ano de sua inauguração 1905. Arquivo Maria Dalva de Souza Dezan. Maio/2012.

2.2 – HISTÓRICO PARA MANUTENÇÃO DA CULTURA NA SOREAL

No período de nossa pesquisa sua administração estava assim constituída,³ Estrutura administrativa da Sociedade Espanhola para o biênio 2009/2011.

Presidente	Nelson Rodrigues Martinez
Vice Presidente	Juan Antonio Moreno Sebastianes
1º Secretário	Ana Augusta Moore Supia
2º Secretário	Mercedes Gomes
1º Tesoureiro	Orlando Soler
2º Tesoureiro	Marcos Antonio Gomes

Conselho Fiscal

Membro	Cláudio Mastrocolla Paleo
Membro	Flávio Arias Pinotti
Membro	Pablo Vidal Torrado

Suplentes do Conselho Fiscal

Membro	José Midinilla Florida
Membro	Nelson Carrano Torres
Membro	Paulo Afonso Arruda

Diretor de Relações Públicas	Ivo Matiello Alcantú
-------------------------------------	----------------------

³ Alguns dos administradores se colocaram a disposição como nossos depoentes, que serão posteriormente apresentados.

Sua sede é própria, conforme histórico já apresentado pelo depoente Sr. Hélio Manfrinato.

A SOREAL, conforme os depoentes, reúne esforços, para manutenção da Sociedade e de suas tradições, através de reuniões, eventos gastronômicos, relacionados a cultura espanhola, como também o ensino da língua.

Exemplo disso foi o evento XUNTANZA, relatado por Manoel Lomba, disposto no site da Soreal:

*Nos dias 22 e 23 de julho de 2.006, em uma chácara situada na zona rural de nosso município, foi realizada a 1ª Xuntanza organizada pela Sociedade Espanhola de Piracicaba. Xuntanza é uma palavra do idioma galego, falado na região espanhola da Galícia, que significa reunião de pessoas. Essas reuniões podem finalidades diversas, inclusive festivas. Esse foi o caso da xuntanza de Piracicaba, eis que visou a confraternização dos membros da comunidade espanhola de Piracicaba e de outras cidades. Participaram a xuntanza de piracicaba, além das integrantes da comunidade local, pessoas vindas das cidades de Americana, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Claro, Santos, São Paulo e Tietê. A xuntanza ocorreu na semana em que são realizadas festas em homenagem a São Tiago Maior, cujo dia é 25 de julho. São Tiago Maior, um dos doze apóstolos, também é conhecido como “**Santiago, o Grande**” ou mais frequentemente como **Santiago de Compostela**. Santiago além de emprestar seu nome à cidade de Compostela, é o patrono da Galícia e de toda a Espanha. Daí a razão pela qual, nessa época, em várias locais do Brasil a comunidade espanhola realiza festas. No Estado de São Paulo, além da xuntanza realizada em Piracicaba, no corrente ano foram realizadas festas em Santos, São Paulo, Catanduva e Campinas. A xuntanza de Piracicaba foi bastante concorrida e as pessoas que dela participaram puderam ver, muitas pelas primeira vez, um grupo de gaiteros e um bailado galego. Para alguns foi uma surpresa saber que a gaita de fole não é um instrumento que se toca apenas na Escócia, mas que, na verdade, está presente também em várias regiões da Espanha e até mesmo em Portugal. Deliciaram-se as pessoas ao assistir o grupo de jovens, vestidas a caráter, bailando muiñeras e outras danças típicas da Espanha. Deliciaram-se, também, com a favada que foi servida como prato principal. A favada é um prato asturiano, ou seja, típico do Principado das Astúrias, região autônoma espanhola que se situa ao norte da Galícia. A favada é feita com fava asturiana (um feijão grande, imenso), chourizo espanhol, morcilla e outros pertences. Alguns a*

apelidam de feijoada espanhola. Além da favada também foi servido um cocido (cozido), prato comum na Galicia, mas que, na nossa xuntanza, foi abrasileirado com o acréscimo de feijão comum. Vários quitutes antecederam esses pratos, sendo certo que os mais apreciados foram o jamón (xamón em galego, que é um presunto crú e curado e não defumado) e o pão com tomate e alho (“pá amb tomaquet” na lígua catalã, outro idioma falado na Espanha). Tudo, obviamente, acompanhado de bons copos de vinho. Durante todo o sábado (dia 22) as pessoas comeram, tertuliam, cantaram e dançaram. À noite, como ocorre na Galicia, uma acendeu-se uma fogueira. O grupo Caminos de España dançou com seus trajes típicos ao ar livre, sobre o amplo gramado da chácara. Alguns casais, menos tímidos, também dançaram. Em seguida, ao lado da fogueira, foi feita a “queimada”. Trata-se de um ato do folclore galego, no qual, enquanto é preparado um tipo de licor à vista de todos, é lido um exconjuro para espantar demônios, bruxas, má sorte e tudo o que exista de mal. Na preparação do licor, os ingredientes (grãos de café torrado, açúcar e bagaceira) são colocados em um recipiente e à eles se atea fogo. Por fim, terminada a leitura do exconjuro, o licor é servido. Foi assim que, no sábado, a festa terminou. Mas não acabou, pois, no domingo, as pessoas voltaram para cantar, dançar e comer, o que só parou lá pelo final da tarde porque no dia seguinte todos tinham que trabalhar.

A seguir apresentamos foto de uma das apresentações do evento, disponíveis no site da SOREAL, com autorização do seu presidente Sr. Nelson Martinez, para reprodução.



Foto da apresentação da Banda Galega de Santos na Xuntanza – Arquivo SOREAL.

Outros eventos comuns para manutenção da tradição, são os eventos gastronômicos, como paellas, pucheros, que ocorrem regularmente na Sociedade ou em outras localidades, como na Festa das Nações, evento anual do município, onde a Sociedade mantém uma barraca, que oferece pratos típicos espanhóis, música e dança.

A seguir apresentamos um dos cartazes convites, para Paella, exposto na sede da Sociedade.

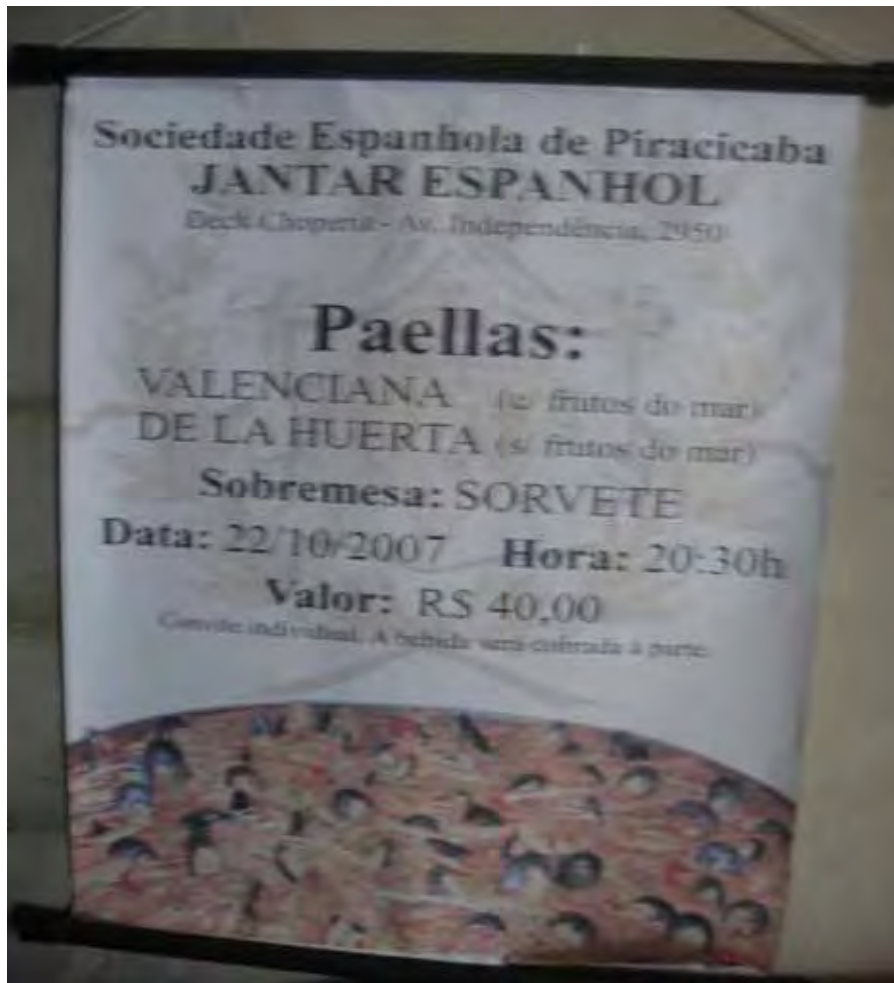


Foto de cartaz promocional das Paellas – Arquivo SOREAL

Outros eventos gastronômicos são os pucheros, prato típico espanhol, cozido de vegetais, grão de bico e carnes. Também pode ser vegetariano.



Integrantes da SOREAL após um almoço em Junho de 2012, onde foi servido Puchero – Arquivo Mercedes Gomez.

CAPITULO 03

IMIGRAÇÃO SIRIO LIBANESA PARA O BRASIL E PIRACICABA.

A imigração árabe para o Brasil teve início ainda no período imperial, no final de 1860, quando o Imperador Dom Pedro II fez uma visita ao Líbano e estimulou a imigração de libaneses para o nosso país. Líbano e Síria foram atacados e dominados pela Turquia, fazendo com que muitos sírios-libaneses imigrassem para o Brasil. Muitos deles possuíam passaporte da Turquia, e eram frequentemente confundidos com turcos quando chegavam ao Brasil. É sabido que, no final do século XIX, o Império Otomano (1299-1922) ainda dominava a região, portanto a documentação pessoal, incluindo o passaporte, era emitido pelo governo turco. Esses imigrantes árabes (Sírios e Libaneses) ao aportarem em outros países eram denominados genericamente de “turcos”, devido à documentação que portavam, apesar de não serem originalmente dessa etnia.

Até 1930, cerca de 100.000 árabes entraram no Brasil. No começo, a maioria dos imigrantes era da Síria, do Líbano e da Palestina, mas havia também alguns representantes do Iraque, do Marrocos, da Argélia e do Egito.

Os primeiros imigrantes eram rapazes solteiros, provenientes das classes populares, que queriam ficar ricos e voltar para seus países de origem, muitos deles vieram ainda antes da Primeira Guerra Mundial. Após a Primeira Guerra Mundial, vieram camponeses arruinados e árabes em busca de paz, lar e segurança, fugindo dos constantes conflitos que ocorriam na região. Trouxeram sonhos de dias melhores e um idioma riquíssimo, com quinze séculos de existência. A partir do início do século XX, a imigração árabe no Brasil cresceu rapidamente, concentrando-se nos grandes centros urbanos, onde eles se dedicavam, sobretudo ao comércio. A maioria dos árabes que vieram para o Brasil eram cristãos ortodoxos.

Comparando os estudos e registros sócio históricos sobre outros grupos imigrantes, alguns estudiosos do tema, da imigração sírio-libanesa, entre eles Truzzi (2009), nos dizem que a imigração sírio libanesa tem sido pouco estudada.

Recorrendo a história do povo árabe, encontramos um breve resumo explicativo no livro de Elias Sallum (2003), que por sua vez, recorreu aos estudos de Bilad El-Cham sobre os atuais territórios de países como Síria, Líbano, Palestina e Jordânia.



Mapa sem escala, figura ilustrativa.

*This image is a work of the United States National Geospatial-Intelligence Agency. As a work of the U.S. federal government, the image is in the **public domain**.* Acesso em 23/05/2011.⁴

A Península Arábica é a pátria original da raça semita, de onde partiram as caravanas de imigrações semitas, desde o quarto milênio a.C., rumo á Mesopotâmia (atual Iraque), ao Egito e ao Norte da África. Esses semitas eram todos oriundos de ondas de imigrações que, independentemente dos nomes adquiridos, eram originários da Península Arábica que lhes pertencia desde as mais antigas épocas. De acordo com diversos historiadores europeus, todos os árabes são semitas.

Existem tres hipóteses para a origem dos povos semitas: a primeira hipótese é de que esses povos teriam se originado na Etiópia e depois se estabelecido na Arábia e no Oriente

⁴ Essa imagem é um trabalho da Agência Nacional de Inteligência Geoespacial dos E.U.A. Com um trabalho do Governo Federal dos E.U.A, a imagem é de domínio público.

Médio. A segunda é de que os Semitas seriam originários do sul da Mesopotâmia. E a terceira e a mais convincente é de que esses povos teriam surgido na Arábia e a partir de 3.500 a.C. teriam migrado para outras regiões em busca de terras férteis. Entre os antigos povos semitas estão os Fenícios, Hebreus, Amoritas, Cananeus, Sírios, Arameus e Árabes.

O século XX foi marcado por diversos acontecimentos envolvendo dois povos semitas remanescentes: os árabes e os hebreus. Nações semitas do Oriente Médio, submetidas aos europeus no século XIX, conquistaram a independência através de processos de descolonização ocorridos após o fim da Segunda Guerra Mundial, obtendo assim áreas extremamente ricas em petróleo e ganhando meios econômicos para se desenvolverem. No mesmo período, começou o processo de criação do estado de Israel que foi reconhecido pela ONU – Organização das Nações Unidas em 1948, em partilha com um Estado Palestino em território contestado pelos palestinos, intensificando-se assim a cisão entre árabes e judeus. Desde então, aquela região tem sido abalada por diversas guerras e se mantém num estado de permanente conflito.

Atualmente, as principais regiões de cultura árabe compreendem desde a África Saariana até o Oriente Médio e regiões isoladas no Irã.

Com relação aos judeus, além do estado de Israel, ainda existem muitas comunidades judaicas, sendo as mais importantes as dos Estados Unidos, da Rússia e dos demais países da Europa Oriental, além do Reino Unido e da França. Existem também importantes colônias de judeus em países árabes do norte da África, no Irã, no Egito e na Turquia.

Outras vertentes semitas são as dos amáricos e oromos, localizadas na Etiópia e na Eritreia e as dos arameus e assírios vivendo no Líbano e norte do Iraque e os curdos, que lutaram muito para possuir seu próprio território como pátria, para dar um lar a seus mais de 35 milhões de curdos no mundo, que hoje vivem divididos entre a Turquia, Síria, Iraque e Irã. Comunidades curdas também podem ser encontradas no Líbano, Armênia, Azerbaijão e, em décadas recentes, em alguns países europeus e nos Estados Unidos. São na maioria muçulmanos.

A **imigração libanesa** começou oficialmente no Brasil por volta de 1880, quatro anos após a visita do imperador Dom Pedro II ao Líbano. Entretanto, registros históricos apontam a presença libanesa no país, pelo menos desde 1808, já que ao saber da vinda de D. João ao Brasil e que não havia um palácio digno de sua realeza, Antun Elias Lubbois ofereceu sua

residência, hoje o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista do imperador regente. O libanês era proprietário de terras, possuía um açougue de carne de carneiro e uma casa de secos e molhados. O local se tornou a Casa Imperial Brasileira, onde nasceu Dom Pedro II.

Alguns autores estudados acreditam que a presença de sírios e libaneses no Brasil remonta à época colonial, tendo em vista que Portugal mantinha relações comerciais com a Síria. É certo, entretanto, que a segunda metade do século XIX foi a principal época de entrada dos imigrantes libaneses no Brasil, ou seja, de 1860 a 1890. Conforme podemos atestar, os “turcos-árabes” já aparecem de outra forma expressiva entre os imigrantes entrados no país no período de 1820 a 1920.

A maioria dos imigrantes veio ao nosso país fugindo da falta de perspectiva econômica da sua região de origem, então dominada pela política turco-otomana. O Brasil, na época, atravessava a sua primeira fase de urbanização e industrialização, o que o tornava propício aos novos negócios. Diferente dos imigrantes europeus, que procuraram no Brasil as terras para cultivo, os libaneses encontraram nas cidades um local para a criação de indústrias e casas de comércio e de indústrias.

A maioria deles começou a sua vida no país vendendo mercadorias de porta em porta como mascate. O dinheiro juntado acabou sendo o pontapé para a abertura de pequenas confecções e lojas de armarinhos e tecidos. Muitos dos imigrantes libaneses que vivem ou viveram no Brasil colaboraram inclusive com o desenvolvimento do próprio Líbano, com envio ao país de recursos que propiciaram a construção de hospitais, escolas e bibliotecas.

Os principais motivos da imigração foram lutas político-religiosas, dificuldades econômicas ou uma combinação de ambas. Como fatores políticos constatamos que, os cristãos viviam nas montanhas do norte do Líbano, formando aí uma grande população rural e mantendo uma independência relativa. Outra influência a considerar, quanto à emigração foi a questão do alistamento militar, obrigatório para os cristãos depois de 1909, devido às dificuldades militares e políticas do Império Otomano. O rude tratamento imposto aos cristãos nos alistamentos pelos oficiais e soldados otomanos determinou a emigração de milhares deles para fugir do serviço militar.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, a emigração da Síria e do Líbano cessou. No fim da guerra, os povos desses países devastados esperaram para ver o que o futuro lhes traria. Quando descobriram que a independência lhes seria recusada, recomeçaram a emigrar.

Alguns fatores econômicos também influenciaram a imigração: o século XIX na Síria e no Líbano foi de declínio econômico e miséria. Altos impostos e desgoverno eram a tônica nesse momento. Como a maioria dos coletores de impostos eram otomanos, os cristãos eram mais penalizados do que os outros. Devido a pressão demográfica, a pobreza do solo, as doenças endêmicas, o declínio das indústrias tradicionais e a falta de oportunidades econômicas, a emigração tornou-se a única solução possível para essa situação desfavorável. Com o tempo, tornou-se comum, em períodos de dificuldade econômica, a emigração dos homens das vilas para ganhar dinheiro no exterior e depois mandar fundos para casa, a fim de ajudar familiares e parentes.

Quando questionamos o por quê da escolha pelo Brasil, temos como resposta, segundo relatos de informantes, que os primeiros sírios e libaneses vieram para o Brasil porque não conseguiram visto de entrada para os Estados Unidos, devido ao seu estado de saúde, ao analfabetismo ou outras deficiências pessoais.

Logo espalhou-se no Oriente a notícia das dificuldades para conseguir entrar nos Estados Unidos. Sírios e libaneses, receosos de não preencherem as condições exigidas para entrar naquele país, vieram para o Brasil, onde não existiam barreiras.

Entretanto, sabe-se que muitos sírios e libaneses vieram para cá enganados pelas companhias de navegação, que diziam aceitar emigrantes para a América (EUA). Esses imigrantes eram levados para Santos ou Rio de Janeiro e só quando desembarcavam percebiam que não estavam na América do Norte.

Truzzi (op cit. p.47), reafirma o que nos dizem os depoentes.

(...) é curioso que alguns dos que se estabeleceram no Brasil pretendiam na verdade ir para os Estados Unidos, mas foram impedidos de lá desembarcarem ora por problemas de saúde (em especial, o tracoma), ora porque foram ludibriados pelas companhias de navegação, que interessadas em balancear seus fluxos de passageiros, argumentavam que, afinal, tudo era América.

Muitos imigrantes vieram chamados pelos parentes que já estavam aqui estabelecidos. E, finalmente, muitos vieram porque acreditavam que o país fosse mais propício a fazer dinheiro do que outros países.

O censo de 1876 aponta o ano de 1871 como sendo a primeira vez em que aparecem imigrantes sírios e libaneses no Brasil. O censo menciona três “turcos” na cidade do Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Biografias de alguns imigrantes revelam, ainda, que seus autores já estavam no Brasil no início de 1880. Diante disso, o ano de 1871 é aceito como a data em que os primeiros sírios e libaneses entraram no Brasil.

A princípio, a imigração foi lenta e irregular. No período de 1871 a 1891, registrou-se no Brasil a entrada de 156 sírios e libaneses. Esses primeiros imigrantes eram, na realidade, “escoteiros”, ou seja, vinham para sondar o país e determinar se os futuros imigrantes deveriam vir para o Brasil ou escolher algum outro país.

Não se sabe exatamente quando, eles iniciaram suas atividades comerciais em nosso Estado, embora os sírios e libaneses contem que, já em 1885, havia um pequeno núcleo de mascates trabalhando na praça do mercado na cidade de São Paulo.

O almanaque de 1893 para o Estado de São Paulo (Completo Almanach, Administrativo Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895 - São Paulo, Ed. Companhia Industrial, 1895), é o primeiro a conter dados sobre a presença de sírios e libaneses na região da rua 25 de Março, registrando seis casas de armarinhos de propriedade de sírios e libaneses e uma mercearia. Estavam então começando a substituir a mascateagem pelo comércio varejista. Em 1901, o número de companhias sírias e libanesas inscritas no Almanaque subiu para mais de 500.

Os relatos de sírios e libaneses indicam que, durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX, o governo turco proibiu a emigração, exceto para o Egito. Essa proibição tornou-se mais rígida por volta de 1900, quando a Turquia se viu envolvida numa série de guerras coloniais com os Balcãs e, necessitada de tropas, arregimentava todos os jovens em idade militar.

Uma vez liberalizadas as leis contra a imigração, o movimento para o Brasil aumentou. Com a Primeira Guerra Mundial, o movimento migratório cessa. Passado esse

período, os sírios e libaneses começam novamente a deixar seus países em decorrência da depressão e da situação caótica do Levante no pós-guerra. A onda emigratória para o Brasil aumenta, mas é contida pelo sistema de quotas adotado pelas autoridades brasileiras. Em seguida, a Segunda Guerra Mundial pôs fim à imigração. Desde então, poucos imigrantes têm entrado no Brasil. Leva-se em conta que a independência da Síria e do Líbano removeu uma das principais causas da imigração, que era o desejo de fugir da condição de colônia.

Os primeiros sírios e libaneses como vimos, chegaram a São Paulo por volta de 1880, via litoral. Sozinhos ou em grupos, penetraram pelo interior com grande quantidade de mercadoria para mascatear. Vinte anos depois, já conheciam grande parte do Brasil.

Durante os primeiros anos de 1900, três eram os centros de atração, no Brasil, para o imigrante sírio e libanês: Amazônia, Rio de Janeiro e São Paulo. A Amazônia, porque o ciclo da borracha levou o progresso para a região. Nas principais cidades da bacia amazônica, cresceram colônias comerciais de sírios e libaneses que vieram para mascatear. Dessas cidades espalharam-se por toda a região. Fizeram fortunas e muitos dos antigos mascates, agora ricos, mudavam-se para o Rio de Janeiro e São Paulo. Porém muitas famílias sírios-libanesas se fixaram e se adaptaram a região Amazônica, contribuindo para o seu progresso.

Com a decadência da borracha na Amazônia, os imigrantes voltaram seus olhos para o estado de São Paulo, uma vez que sua economia estava se expandindo, devido à florescente lavoura cafeeira e ao crescimento da rede ferroviária. Os sírios e libaneses foram então mascatear no interior paulista.

Outro estado que atraiu sírios e libaneses foi Minas Gerais. Formaram, nesse estado, uma rede de lojas de varejo e assim, em pouco tempo, dominaram o comércio da região de Minas Gerais, destacando-se as cidades de Teófilo Ottoni, Juiz de Fora, Uberlândia e Belo Horizonte.

Segundo Figolis e Vilela (2004).

Os imigrantes sírios e libaneses, residentes em Minas Gerais, mantêm uma forte ligação com suas sociedades de origem e respectivas tradições culturais, por maiores que tenham sido as pressões exercidas pela sociedade brasileira para a sua assimilação.

De 1900 a 1920, milhares de comerciantes sírios e libaneses do interior do Brasil prosperaram. Houve períodos de depressão durante os quais muitos faliram, mas muitos obtiveram êxito econômico. Começando como mascates, passaram para o comércio de varejo, depois para o comércio de atacado e finalmente para a indústria. À medida que aumentavam seu capital, muitos se mudaram para a cidade de São Paulo, para viver entre os compatriotas já estabelecidos e assim participar da vida cultural e social da colônia. Outros vinham para educar os filhos e outros vinham forçados pelas esposas, que queriam ver seus filhos casados com jovens do mesmo grupo étnico.

O censo de 1920 enumerou 50.246 sírios e libaneses no Brasil, 38,4% do total nacional no estado de São Paulo, cerca de vinte mil, dos demais estavam nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. O censo de 1940 enumerou 48.614 sírios, libaneses e outros grupos afins com um decréscimo, portanto, de aproximadamente 1647 pessoas.

Como a imigração cessou depois de 1929 e a colônia envelheceu, é de admirar que o declínio não tenha sido ainda maior. A tendência do período entre 1920 e 1940 foi a contínua concentração de sírios e libaneses no estado de São Paulo. Quase metade (49,3%) dos sírios e libaneses residentes no Brasil viviam em São Paulo.

Em 1940, chamou a atenção de um observador a extrema concentração desses imigrantes, num triângulo cujos lados são as ruas 25 de março, rua Cantareira e a avenida do Estado.

Segundo Araujo, (1940, p.231)

[...]onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro...O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se, constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os rádios, em geral, estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do país.

A imigração libanesa no Brasil não se restringiu a uma área específica como outras correntes imigratórias que aqui se estabeleceram, mas predominou nos grandes centros urbanos. Isso se explica também pelas atividades econômicas exercidas, pois como comerciantes buscavam novos mercados e melhores oportunidades

De acordo com Fausto (1991), sírios e libaneses começaram a imigrar para o Brasil em fins do século XIX, fugindo das dificuldades econômicas em suas regiões de origem. Concentraram-se, principalmente, no estado de São Paulo, mas uma parcela deles fixou-se no Norte do país, nos estados do Pará, Amazonas e no então Território do Acre, espaços caracterizados por um baixo fluxo imigratório. Por toda parte, sírios e libaneses se dedicaram às atividades comerciais, tendo um papel relevante no comércio da borracha, durante o auge do período de produção e exportação desse produto (1890-1910), nos estados do Norte.

Em São Paulo e em menor escala no Rio de Janeiro, sírios e libaneses dedicaram-se ao comércio, a princípio como **mascates**, percorrendo com suas mercadorias as ruas dos grandes centros urbanos, as fazendas e pequenas cidades do interior. O mascate percorreu o Brasil inteiro, alicerçando com o seu esforço a base do trabalho e com isso gradativamente, abriram estabelecimentos comerciais, tornaram-se industriais, escalando os degraus da mobilidade social.

A singular figura do mascate Segundo Lacaz (1982, p. 37) pode ser assim descrita:

A palavra mascate é um topônimo originado de um porto da Arábia, de nome **Mascate**, conquistado pelos portugueses, em 1509. Na linguagem popular é um mercador ambulante que percorre ruas e estradas, vendendo pequenos objetos manufaturados. Os mascates sírios e libaneses que penetraram em várias regiões do país, arqueados pelo peso das cestas ou das malas que carregavam, seguras por tiras de couro nos ombros, anunciavam suas mercadorias com instrumentos de percussão denominadas matracas (do árabe mitraka). Com os recursos obtidos ampliavam seus negócios, montando lojas de armarinhos, bem com indústrias, sobretudo tecelagens. Davam a seus filhos a nacionalidade brasileira, transmitindo-lhes sua fé cristã e despertando-lhes o patriotismo pelo país ou pelo estado que os acolhera.

A figura do mascate ou do imigrante, foi retratada em versos pelo poeta Halim Damus que viveu no Brasil de 1905 a 1908, na cidade de Corumbá no estado do Mato Grosso, posterior a esse período regressou ao Líbano. Segundo Lacaz (op.cit, p. 40).

Ele chega às terras da promessa, fixa-se, cresce, desenvolve-se, vence, cria sua família, instiga o emigrante a não abandonar a mãe, nem a família, necessitada. Apela, também, para que não se esqueça, jamais, da pátria oprimida.

À medida que o século XX avançava, na sociedade paulista, a imagens de homens dedicados ao comércio se sobrepôs ao exotismo anteriormente associado aos costumes das populações orientais. Os descendentes de sírios e libaneses haviam penetrado de forma irreversível em todos os patamares da estrutura comercial dos municípios onde habitavam, especializando-se em alguns ramos que, na época, eram importantes e facilmente notáveis, pois a alma do negócio consistia em atrair o consumo popular. Segundo Diegues Jr. (1951).⁵

Quando um “turco” chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se modifica: toma outro colorido, um colorido quase étnico...Os mostruários de bugigangas nas vitrines, as camisas dependuradas, ou sabonetes suspensos por cordões, bolsas escolares, brinquedos de criança, a variação, enfim, do colorido e dos objetos expostos dão logo à fisionomia da rua o seu caráter sírio.

Outros autores também escreveram sobre o tema, assim como Marques que em seus escritos também captou o mesmo tipo de impressão. Marques (1966, p. 82).

É rua colorida, alegre, gesticulante, com um cheiro gostoso de fazendas novas, de tecidos gomados, de bons ou falsos perfumes e de sabonetes caros ou baratos. Ali há de tudo. Tudo que possa arregalar os olhos bisbilhoteiros se acha ali exposto em local bem visível. As vitrines são por isso mesmo, arlequinescas.

⁵ Diegues Jr. escreveu no Jornal do Comércio da cidade de São Paulo em 04 de outubro de 1951.

As histórias de imigrantes comumente são recheadas de dramas pessoais, mas no geral são bem sucedidas, o que por certo constitui um dos episódios mais recorrentes da saga dos imigrantes sírios e libaneses, que tem seu começo com a figura do mascate.

É absolutamente pertinente a indagação a respeito das causas que levaram o imigrante de origem síria ou libanesa a se dedicar as atividades de mascateação.

A atividade de mascateação tinha várias vantagens. Em primeiro lugar, ela dispensava qualquer habilidade ou soma significativa de recursos. Os iniciantes começavam carregando as caixas e malas enormes dos mascates já treinados e mais experientes mas, mal aprendiam as palavras e frases suficientes para efetuarem a venda, saíam por conta própria. Com ânimo e juventude, sempre esteve aberta a possibilidade para o mascate encher um tabuleiro ou mala com variedades e vendê-las em bairros da capital, do interior ou nas zonas rurais carentes de novidades do comércio. Entretanto, isso não significa dizer que o trabalho não fosse duro e penoso.

Segundo Knowlton, (1961, p. 135) existem evidências ponderáveis de que a maior parte dos imigrantes que vieram para a América, provenientes da Síria, eram agricultores.

O elemento fundamental para a compreensão da inserção profissional na nova terra reside no contraste entre as características da estrutura agrária da terra de origem e aquelas aqui vigentes.

Segundo Knowlton, (op.cit., p.136)

[...] nos primeiros tempos da imigração, alguns deles empregaram-se como colonos, mas poucos meses depois fugiram para as cidades mais próximas, desmotivados pelo tratamento nas fazendas e pela falta de perspectivas de melhoria de vida. Seus relatos contribuíram, para que outros se mantivessem afastados da agricultura.

Em relação a profissão a ser desenvolvida pelos imigrantes sírios libaneses, Truzzi, (2008, p.51) esclarece:

Os dados relativos a profissão de imigrantes, coletados por ocasião de sua entrada pelo porto de Santos e disponíveis para o período 1908-1939, apontam que os sírios e libaneses, entre as demais etnias, pouco se apresentaram como

agricultores, provavelmente porque já tinham em mente trabalhar em atividades comerciais, aproveitando-se da inserção de parentes ou conterrâneos previamente estabelecidos.

Os descendentes de primeira geração dessa etnia diversificaram suas atividades, sendo notável sua concentração na medicina e sua presença nas atividades políticas.

Em relação a inserção na política, ela se deu de forma gradativa, de acordo com a ascensão social dos mesmos.

Isso nos é confirmado segundo observação de Fausto, et al (1995,p.9)

É certo que o grande objetivo dos imigrantes que se deslocaram para o Brasil , entre 1880-1930, era o de ascender socialmente, ficando mais distante o campo da política e da administração do estado, em mãos dos nacionais.

A partir da queda do monolitismo, com a fundação do Partido Democrático- PD, em 1926, imigrantes começam a vislumbrar possibilidades de se inserir no panorama político nacional.

Fausto, et.al (op.cit, p. 23) ressalta:

Apesar das idéias xenofóbicas expressas nas páginas do Diário Nacional e nas declarações de líderes democráticos como Waldemar Ferreira, não havia um abismo entre o partido e os imigrantes.

No interior paulista, em locais como as regiões Araraquarense, Alta Paulista e Alta Sorocabana, a adesão de imigrantes ao Partido Democrático, era possível, já que em nível local o acesso à vida pública era mais fácil e necessário. Um exemplo foi o médico Leonardo Cerávolo de Presidente Prudente, filho de pai italiano e mãe austriaca, que em 1927, foi levado a política por um dos chefes políticos da localidade, começou sua carreira política antes de 1930, como vereador, tendo assumido a prefeitura por um curto período. Mas, após a revolução de 1930 caiu no ostracismo, retomou suas atividades em 1938 sendo eleito presidente de seu diretório municipal.

Alguns acontecimentos foram barreiras, para a inserção de imigrantes na política, como o estabelecimento de quotas para a entrada de imigrantes, previstas na Constituição de 1934. Os naturalizados tiveram também seus direitos restringidos pois, além das proibições

anteriores, ficaram impedidos de se eleger para o Congresso Federal, assim como de exercer o cargo de ministro.

Nesse sentido, nos coloca Truzzi, in Fausto et al, (1995, p. 25)

Não obstante, há boas razões para acreditar que a participação política dos imigrantes em São Paulo se manteve e pode mesmo ter ganho maior ímpeto. Lembremos a esse respeito, pelo menos duas circunstâncias. Em primeiro lugar, como é óbvio, os descendentes de imigrantes, muitos deles integrando a terceira geração, não foram atingidos pelas medidas restritivas aos estrangeiros. Por outro lado, o governo Vargas acabou por golpear a antiga elite política, fechando seus partidos tradicionais em 1937. Quando ocorreu a democratização em 1945, a recomposição da elite teve de contar com o influxo dos descendentes de imigrantes, apesar das restrições ideológicas impostas a eles.

Esses aspectos do panorama político-social no curso da República, e especialmente nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, longe de dar as costas ao campo político, grupos de imigrantes e de seus descendentes estavam penetrando nele, em situações variáveis e limitadas

Durou ainda algumas décadas o processo de integração dos imigrantes ao universo político, assim como a eliminação do preconceito contra eles. A irrupção dos imigrantes no sistema político é um indicador importante da flexibilidade do meio social paulista.

Consideramos que para os imigrantes sírios libaneses em São Paulo, os principais determinantes das trajetórias sócio-econômicas, anteriores ou concomitantes a entrada na política de indivíduos, compreendem os seguintes aspectos:

- uma inserção marcadamente urbana, embora não concentrada apenas na capital;
- a constituição e o desenvolvimento de um nicho integrado de especialização econômica, o comércio e a industrialização de armarinhos e tecidos, com forte apoio em relações familiares e de conterraneidade.
- um investimento significativo na educação da primeira geração nascida no Brasil, cujo resultado provocou uma penetração substantiva de seus descendentes em escolas formadoras da elite das profissões liberais em São Paulo.

Apresentando essas características gerais, a participação de sírios libaneses em cargos políticos no Estado de São Paulo, ocorrem a partir do final do Estado Novo, em 1945, quando a disposição de postos eleitorais, reconstituindo-se sobre novas bases, incorporou pela primeira vez uma parcela significativa de imigrantes em São Paulo.

Segundo Fausto, et.al (1995 p. 59)

Tanto em 1962 quanto em 1966, o número de cadeiras ocupadas por patricios de São Paulo, tanto na Camara Federal (59 cadeiras disponíveis), quanto na Assembléia Legislativa do Estado (115 cadeiras disponíveis) já era francamente desproporcional à expressão numérica dos sírios e libaneses e de seus descendentes na população do estado.[...] Em 1987, uma publicação destinada a apresentar e a servir de referencia para a comunidade libanesa do Brasil (que não incluia portanto os descendentes de sírios), com indisfarçavel orgulho podia se gabar da expressão numérica do assim chamado grupo parlamentar Brasil-Libano: 33 deputados federais, 7 senadores e 2 governadores de estado.

No Brasil, muitos libaneses e descendentes fizeram fortuna e alcançaram notoriedade. A presença da cultura libanesa é sentida no país não apenas na culinária, como também na língua. que assimilou palavras do árabe. Historicamente nos reportamos ao domínio árabe na Península Ibérica, influenciando a lingua.Todas as palavras da lingua portuguesa iniciadas com as letras "AL", são de origem árabe, com raras excessões.

O nome Sirio Libanês esta associado a diversas áreas como a da saúde em hospitais e diversos outros setores. O Hospital Sirio Libanes de São Paulo, considerado um centro de excelencia no atendimento médico hospitalar, foi fundado em 15 de agosto de 1965, por um grupo de senhoras da coletividade siria e libanesa, lideradas por Adma Jafet.

Os descendentes dessa etnia diversificaram suas atividades, sendo notável sua concentração na área médica, pois segundo a tradição étnica para lidar com o corpo deve ser uma pessoa próxima e de extrema confiança, portanto eles tem clientela garantida entre os imigrantes e seus descendentes.

Paralelamente a expansão de seus interesses em atividades comerciais e industriais, a inserção de imigrantes e descendentes nas chamadas profissões liberais (advocacia, medicina e engenharia) constituia uma outra possibilidade de ascensão socioeconomica.

Entre as personalidades de origem libanesa destacam-se os políticos Paulo Maluf, Michel Temer (vice presidente da república na Administração 2011-2014), Adib Jatene, Pedro Simon, Paulo Abi-Ackel, Geraldo Alckmin (governador do Estado de São Paulo – por três administrações, 2001, 2006 e 2010) e Gilberto Kassab (prefeito da cidade de São Paulo – na administração 2009-2012) e Ibrahim Abi-Ackel que desde 1955 iniciou sua vida pública, exercendo sete mandatos como deputado federal por Minas Gerais desde 1975 a 2007 e Alfredo Buzaid que foi ministro da justiça de 1969 a 1974, os ex-governadores Simão Jatene do Pará – Administração 2003-2006 e Almir Gabriel do Pará nas administrações de 1994 e 2006, os ex-secretários Helio Mokarzel e Dionísio Hage, o Senador Tuma, que de 1992 a 1994, foi Assessor Especial do Governador de São Paulo, com “status” de Secretário de Estado e de 1995 a 2008 foi Senador. Na cultura e na comunicação podemos citar, o escritor Milton Hatoum, o publicitário Roberto Duailibi e o ex-colunista social Ibrahim Sued.

Segundo Truzzi,(2009, p. 171)

Nessa entrada vigorosa de descendentes de sirios e libaneses no mercado de profissões liberais, seja conquistando posições preexistentes, seja criando novos espaços legítimos de inserção, valorizados socialmente, como no caso do Hospital Sirio Libanes, a colônia, antes conhecida somente por suas habilidades comerciais, passou a abrigar também um número crescente de “doutores”, oriundos da Medicina, do Direito e da Engenharia.

Do ponto de vista sociológico, a extrema relevância dessa passagem reside precisamente no fato de que os filhos da colônia que abraçaram as profissões liberais “limparão o sangue” da etnia, justamente porque passarão a exercer profissões de valor intrínseco mais universal, de saber mais legítimo, do que o comércio.

O comércio pode trazer muito dinheiro, mas o título de doutor traz um reconhecimento da sociedade, dificilmente atribuível ao primeiro. É esse o ponto mais importante acerca das profissões liberais e foi por esse motivo que se justificaram todos os esforços, todos os investimentos na conquista de posições e na constituição de um mercado cativo da etnia, que, por sua vez, contribuíram para a redefinição do próprio campo das profissões liberais, antes territórios interditados a frações de imigrantes e somente reservados às estirpes da elite paulista.

3.1 -OS IMIGRANTES SIRIOS-LIBANESES EM PIRACICABA

Os turcos nasceram para vender
bugigangas coloridas em canastras
ambulantes.
Têm bigodes pontudos, caras
de couro curtido,
braços tatuados de estrelas.
Se abrem a canastra, quem resiste
ao impulso de compra?
É barato! Barato! Compra logo!
Paga depois! Mas compra!
A cachaça, a geléia, o trescalante
fumo de rolo: para cada um
o seu prazer. Os turcos jogam cartas
com alarido. A língua cifrada
cria um mundo-problema, em nosso mundo
como um punhal cravado.
Entendê-los, quem pode? [...]
Os turcos,
meu professor corrige: Os turcos
não são turcos. São sírios oprimidos
pelos turcos cruéis. Mas Jorge Turco
aí está respondendo pelo nome, e turcos todos são, nesse retrato
tirado para sempre... Ou são mineiros
de tanto conviver, vender, trocar e ser
em Minas: a balança
no balcão, e na canastra aberta
o espelho, o perfume, o bracelete, a seda,
a visão de Paris por uns poucos mil-réis?"

Carlos Drummond de Andrade, Os Turcos(2002, p.640-6)

Oswaldo Truzzi (2009) em seu livro “Patricios, Sirios e Libaneses”, salienta que, o elemento significativo da trajetória de sirios e libaneses, diz respeito às relações de complementariedade e de ajuda mútua no interior da colônia.

A Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba é prova desse espírito de solidariedade, pois sua fundação em 16 de novembro de 1902 sob a denominação de “Sociedade Beneficente Siria”, passando a denominar-se “Sociedade Beneficente Sirio Libanesa” em deliberação tomada em Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 20 de novembro de 1955, e atualizada por Assembléia Geral Extraordinária realizada em 25 de novembro de 1996.

Como exemplo neste sentido, as atas das primeiras reuniões da sociedade deixam claro a afirmação do espírito de solidariedade. Também na segunda ata, quando da eleição dos diretores em reunião que ocorreu em 27 de novembro de 1902.

Uma terceira reunião, em que consta em ata, a compra de móveis para a Sociedade e a nomeação dos compradores, essa solidariedade fica explícita.

Os originais destes documentos encontram-se na Sede da Sociedade sendo que o Sr. Elias Salum, os reproduziu e autenticou, em outubro de 2001.

Na primeira ata apresentada, da reunião realizada em 16 de novembro de 1902, salientamos a frase da sexta linha, que mostra a preocupação com a ajuda mútua.

“... e prestar apoio a todos aqueles cujas condições de vida entram em colapso.

ATA n. 01 – Arquivo Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba

República Federativa do Brasil
 Estado de São Paulo
ABDALLA MANSUR
 Tradutor Público e Intérprete Comercial
 Idioma Árabe
 CRM de Intérprete - 021.183.790 SP - COM. 2.862.104
 Inscrição de Tradutor Público de Idioma Árabe nº 222
 Inscrição de Tradutor Público nº 129
 Livro 02
 Folha 134

جمهورية البرازيل الاتحادية
 عبد الله منصور
 مترجم قانوني محلف
 سان باولو - البرازيل
 رقم المرجع: _____
 المجلد: _____
 الصفحة: _____

Certifico e dou fé, para os devidos fins, que nesta data me foi apresentado um documento em idioma árabe, o qual traduzo para o vernáculo no seguinte teor:

- Capa, do lado direito para o lado esquerdo -

LIVRO DE ATAS
 DA
 S. B. SYRIA
 FUNDADA A 16/11/1902
 PIRACICABA
 —
 Página 01

SOCIEDADE BENEFICENTE SYRIO-LIBANESA
 DE PIRACICABA
 BRASIL
 (A palavra LIBANESA foi acrescentada posteriormente em outra cor)
 —
 Página 02 (Em branco)
 —
 Página 03
 —
 1ª REUNIÃO.

Foi realizada a 1ª Reunião na casa do compatriota, Sr. Mansur Elias Zina e houve um debate para a formação de uma sociedade para reunir a coletividade syria de Piracicaba, no Brasil, com a finalidade de promover a harmonia, a união e o conagraçamento dos corações, defender o nome da Syria e preservar a sua honra, eliminar qualquer desentendimento que porventura possa surgir no seio da coletividade e entre os seus membros e prestar apoio a todo aquele cujas condições de vida entram em colapso.

Ocorreu esta reunião no dia 16 de Novembro do ano de 1902.

Esta reunião foi composta por vinte e oito pessoas, o debate foi adiado para uma segunda reunião e em seguida foi encerrada.

Rubrica:
 Salim Mikhaíl Zaidan

Rua Búrgos, 81 - CEP 03157-060 - São Paulo - Fone (11) 6966-0480 - Fax (11) 6128-5153

República Federativa do Brasil
Estado de São Paulo
ABDALLA MANSUR
Tradutor Público e Intérprete Comercial
Idioma Árabe



جمهورية البرازيل الاتحادية
عبدالله منصور
مترجم قانوني محلف
سان باولو - البرازيل

CPM Nº 11.511/1904 - Nº 1.922.141 SP - CCM 2.000.146.1

Matrícula de Arto Especial do Estado de São Paulo nº 129

Matrícula nº 129

Vol. 02

F.º 135

رقم المرجع: السجل: الصفحة

2ª REUNIÃO.

Com toda boa intenção e com todo sentimento nobre foi realizado o debate, do qual participaram trinta e seis pessoas, no começo do dia 27 de Novembro do ano de 1902. E essas pessoas novamente se empenharam com afincos "ergueram as suas mangas" para concluir o projeto que havia sido abordado na 1ª Reunião. E nessa ocasião, elas debateram o método de eleição de uma Diretoria para a Sociedade, para cuidar de seus assuntos. E estes são os nomes das pessoas, isto é, dos trinta e seis (36) senhores:

Mansur Elias Zina. Issa Al-Makdessi. Salim Zaidan. Youssef Tannous Queiroz. Mansur Elias Al-Khoury. Tannous Bachir. Salim Achi. Jubran Ibrahim Rizk. Mansur Al-Bannouf. Abdalla Al-Kauass. Jubran Semaan Al-Karrab. Darwich Semaan Al-Karrab. Suleiman Al-Sarruj. Leon Al-Sarruj. Mikhail Kraide. Youssef Al-Daghli. Zokhour Al-Ez Naum Rizk. Daoud Uaked. Ibrahim Al-Hayek. Issa Dib. Tansa Nicola. Norman Ibrahim Zaidan. Chaddad. Youssef Elias Zina. Saad Nabhan. Youssef Bechara Suleiman. Urdan Ibrahim Al-Khoury. Elias Semaan. Mikhail Semaan. Elias Al-Issa. Ibrahim Al-Issa. Elias Neme. Dumit Neme. Fares Abdalla Al-Rahal. Youssef Maluf. Suleiman Al-Akl.

E antes de ser iniciada a eleição daqueles que ocupariam os cargos foram proferidos discursos pelos Srs. Salim Achi e Salim Mikhail Zaidan, que agilizaram o assunto e fizeram uma introdução sobre o método da eleição.

A eleição foi de acordo com a lei e o resultado foi o seguinte:

Membros Efetivos da sociedade, os senhores:

Mansur Elias Zina. Saad Nabhan. Salim Achi. Mansur Al-Bannouf. Jubran Ibrahim Rizk. Jubran Semaan Al-Karrab. Salim Mikhail Zaidan. Issa Al-Makdessi. Elias Neme. Abdalla Al-Kauass. Mansur Elias Al-Khoury. Francis. Youssef Tannous Queiroz.

São doze Membros e dentre eles foram eleitos os seis Diretores:

Presidente: Mansur Elias Zina.

Vice-Presidente: Saad Nabhan

1º Secretário: Salim Mikhail Zaidan.

2º Secretário: Salim Achi.


Tesoureiro: Issa Al-Makdessi.

Procurador: Abdalla Al-Kauass.

AL TABELAÇÃO
Nº 19 OUT 2002

2




República Federativa do Brasil Estado de São Paulo ABDALLA MANSUR Tradutor Público e Intérprete Comercial Idioma Árabe		جمهورية البرازيل الاتحادية عبدالله منصور مترجم قانون محلف سان باولو - البرازيل
Mandado de Jure Translado do Cartório de São Paulo sob nº 535 Integridade nº 129 Livro 02 Folha 136	136	رقم المرجع: السجل: الصفحة:

E ela foi denominada de Sociedade Beneficente Syria e foi decidida a compra do que era necessário para o Salão da Sociedade: 24 cadeiras e 1 mesa.


Foram nomeados os senhores Issa Al-Makdessi, Mansur Zina e Salim Mikhail Zaidan para comprá-las.
 E a reunião foi encerrada.


Secretário
 Salim Mikhail Zaidan

Nada mais constava do documento acima, que devolvo com esta tradução, segundo o meu melhor entender, lavrada em 2 laudas e 18 linhas, a qual conferi, achei conforme e assino.
 Emolumentos: R\$ 114,24. Talão Nº 2, Recibo Nº 91.
 São Paulo, 15 de Outubro de 2001.

Abdalla Mansur 
ABDALLA MANSUR
 N.º 535

CARTÓRIO Nº 138 SABELIAS DE NOGAS - RUA Nº 1011 - JARDIM SÃO
 AL. SANTO, 9418 - FONE: 280-4377 Nº 01161733002
 Presença por assinatura e firma ABDALLA MANSUR, a qual confere-se
 e se poderá depositar no Cartório.
 São Paulo, 27 de Outubro de 2001
 Juiz Assessor: de verdade:
 Juiz Bernardes TAVES / Esc. Autorizada
 Valores/Firmas: L. B. T. P. de B. de B.
 VALIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE


 SP 148774

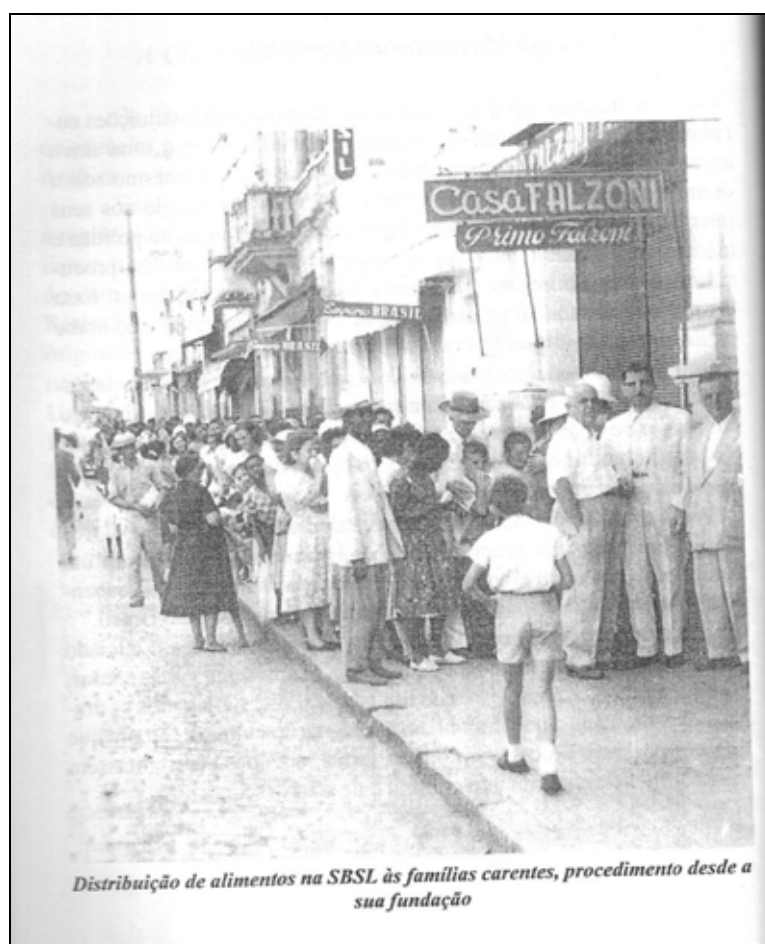

 19 OUT 2001
 SP 148774

Rua Barros R1 - CEP 03157-060 - São Paulo - Fone (11) 6966-0480 - Fax (11) 6128-5152

Continuação da ATA n. 02 – Arquivo SBSL de Piracicaba.

Desde sua fundação, a Sociedade Beneficente Sírio Libanesa, fez constar em seus Estatutos o lema “**A UNIAO FAZ A FORÇA**”, e como principio e finalidade; promover a harmonia, estreitar os laços de união, auxiliar moral e materialmente seus associados, podendo estender também seu auxilio a instituições e pessoas estranhas sem distinção de cor, religião ou nacionalidade.

O elemento de solidariedade, entremado de laços de parentesco e de conterraneidade, fornecia o substrato de uma certa cultura de cooperação, que sempre tendeu a se estabelecer de modo informal.



Fonte Salum, (2002, p. 12).

A maioria dos imigrantes sírios libaneses que aportaram em Piracicaba, eram acolhidos, desta forma, não se sentindo sozinhos, desamparados e desprotegidos. Imigraram e obtinham informações sobre onde ir, onde encontrar trabalho e que tipo de atividade lhes proteria emprego, amparo e treinamento ao recém-chegado.

Muitas vezes essas atividades e providências eram desenvolvidas em reuniões informais na sede da SBSL e ou nas residências dos patrícios (conterrâneo, compatriota), durante as habituais visitas mútuas de amizade e aproximação, após o que, não raramente, o mais antigo saía com o iniciado para lhe ensinar as estradas que o levariam às fazendas e bairros rurais, bem como para chegar onde pudesse encontrar pouso e alimentação. O trabalho dependia fortemente da atuação de toda a família, que se organizava para cooperar e sobreviver. O Estilo sírio libanês era peculiar, auxiliando a entrada desse imigrante na nova sociedade acolhedora.

Pesquisar sobre os sírios libaneses em Piracicaba nos remete ao relato do Sr. Elias Salum, que expressou seus sentimentos na introdução de seu livro.

Desde a minha infância, eu e meus irmãos fomos orientados e educados a fazer e trabalhar o máximo para a grandeza de Piracicaba, terra que abrigou meus pais e inúmeros imigrantes árabes desde o século XIX, que fugiam do Império Otomano que dominou a grande Síria do passado e de outros povos, por vários séculos. Deles, originou-se uma associação que se denominou Sociedade Beneficente Síria, que depois de meio século de existência, passou a denominar-se Sociedade Beneficente Sírio Libanesa, com finalidades voltadas ao amparo e projeção desses imigrantes, {...}



Vista Ppanorâmica da rua do comércio, hoje rua Governador Pedro de Toledo onde se vê a sede da SBSL - ano 1942

Fonte Salum (2002,p.34)



Foto da fachada da SBSL de Piracicaba – Arquivo Maria Dalva de Souza Dezan. Maio/2012.

Abaixo apresentamos a placa, na porta da Sociedade que fica na rua Governador Pedro de Toledo principal rua do comércio em Piracicaba.



Arquivo Dezan, Maio/2012.

Apresentaremos a seguir todos os fundadores da Sociedade Beneficente Sirio Libanesa observamos que todos são do gênero masculino, isto porque, segundo nossa depoente Faridy Nassar Arbex nesse período as mulheres não participavam das reuniões. Elas começam a participar a partir da década de 1990.

Abdala Kauáss

Abrahão Issa

Abrahão Haiek

Darviche Simão Arrabe

David Waked

Dumit Néme

Elias Issa

Elias Néme

Elias Simão

Feres Abdala Rahal

Gabriel Abrahão Rezk

Gabriel Simão Arrábe

Issa Dib

Issa Mokdossi

José Bichara Suleiman

José Dagli

José Elias Zina

José Maluf

José Tamús Queiroz

Laiún Sarruge

Luiz Abraão Rezk

Manoel Elias Zina

Manoel Elias Cury

Mansúr Yassúf

Miguel Kraide

Miguel Simão

Numán Ibrahim

Saad Nabhan

Salim Achi

Salim Miguel Zaidan

Suleiman Acle

Suleiman Sarruge

Tansi Nicolau

Tanús Bachir
Wardan Ibrahim Cury
Zaccar Ezz
Zaidan Chadad

Constituíram a primeira diretoria em 1902

Presidente	Manoel Elias Zina
Vice Presidente	Saad Nabdhan
1º secretário	Salim Miguel Zaidan
2º secretário	Salim Achi
Tesoureiro	Issa Mokdossi
Procurador	Abdala Kaúass

Diretoria 2008/2009 e 2010/2011.

Presidente	Alexandre Sarkis Neder
Vice Presidente	Jorge Sallum Nassin
1º secretário	Laurinda Massuh Pineze
2º secretário	José Aref Sabbagh Esteves
1º Tesoureiro	Giuliano Clemente Maluf

Segundo o Sr. Elias Salum, sempre foi uma preocupação dos dirigentes da Sociedade adquirir uma sede própria, sobre isso relata em um documento histórico. Salum (2002, p. 46).

A aquisição de um imóvel para servir de sede, foi a maior preocupação dos dirigentes desta entidade. Instalada nos seus primeiros dias, em casas particulares de seus abnegados fundadores, passou depois, a funcionar em sala de aluguel. Composta de elementos, na sua maioria, lutadores de vida, sem grandes recursos e com pesados encargos de prestar auxílio a diversos associados ou não, que de seu auxílio necessitam, não foi possível realizar o sonho da sede própria logo no início. E, assim após uma campanha interna, com Livro de Ouro para receber doações, conseguiu adquirir um imóvel sito na rua 13 de maio, sob o nº 52. Isto foi em em 13 de fevereiro de 1908.

Passaram-se mais 18 anos. Com o progresso geral da própria cidade, progrediu a Sociedade também. Aumentou o seu quadro social e paralelamente os seus recursos. Tornou-se necessário possuir um novo prédio, mais amplo e mais central. Organizou-se uma comissão especial para estudar esse assunto e conseguir os meios para a sua realização. Essa comissão, chefiada pelo então vice presidente, Sr. Jorge Athiê Coury, pôs mãos a obra em 08 de Junho de 1926, com um “Livro de Ouro”, que recebeu valiosas subscrições e com uma Quermesse em 23 de dezembro de 1926.

A comissão aludida foi bem sucedida conseguindo encontrar um imóvel bem localizado, na rua do Comércio (hoje a Rua Governador Pedro de Toledo, principal rua do comércio de Piracicaba) de propriedade do Dr. Samuel Neves, uma comissão composta dos Srs. Jorge Athiê Coury, Elias Tacla e Abdo Néme, previamente autorizados, numa sessão extraordinária realizada a 12 de agosto de 1926.

Seguiram-se 15 meses de trabalhos intensos, sob a direção do esforçado e bem lembrado Sr. Jorge Athiê Coury, eleito presidente, que conseguiu levar a bom termo as obras de reconstrução do prédio, a compra do seu mobiliário, etc., apresentando um balanço Geral em 3 de novembro de 1927, com o custo da construção que atingiu a soma de 79.037\$200.

Em 15 de novembro do mesmo ano, houve a festa da inauguração da nova sede. Com a inauguração da nova sede foi aberto novo capítulo de luta pela sua libertação definitiva, pois o balanço geral apresentado, acusava um déficit de 50.000\$000 que se transformou em hipoteca que pesou sobre a Sociedade durante 12 anos e que somente veio a extinguir-se em 10 de março de 1940, nas mãos hábeis e firmes do Sr. Luiz Coury, então presidente.

3.2 - SOCIEDADE BENEFICENTE SIRIO LIBANESA DE PIRACICABA

Segundo histórico já apresentado a Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba, mantêm suas atividades ininterruptas desde sua fundação em 1902. Possui 274 associados, e um calendário permanente de eventos. Segundo o Sr. José Maria Cassaniga, membro da atual diretoria (2012 – 2014) em Piracicaba há aproximadamente cinco mil pessoas, descendentes de sírios libaneses, até a segunda geração.

Para manutenção da cultura e tradição árabes, dentro dos eventos permanentes encontramos, um decreto legislativo nº 02, de 23 de Março de 2000 que institui-se no âmbito do município de Piracicaba, a “Semana de Cultura Árabe”

Este decreto institui a Semana de Cultura Árabe que deverá ser comemorada entre os dias 10 e 17 do mês de abril de cada ano e com homenagens a cinco personalidades que serão indicadas pela Sociedade Sirio-Libanesa.

Entre as atividades culturais e tradicionais sírio libanesas, temos as atividades religiosas como, no penúltimo domingo de cada mês na Catedral de Santo Antonio, há uma missa maronita, pelo Monsenhor Jamil Nassif Abib. Na Capela do Colégio Dom Bosco Assunção, no último domingo do mês, há uma missa ortodoxa.

Outra atividade relacionada à cultura árabe são as aulas de dança de ventre para associados e não associados, desde 1998 até 2011.

A preocupação com a preservação da tradição, sempre foi importante na Sociedade, segundo relato do **Sr. Elias Salum** que descreve:

A “Sociedade Beneficente Sirio Libanesa” de Piracicaba, na década de 50, não permitia o ingresso, no seu quadro social e de diretoria, de descendentes se não fossem imigrantes sírios ou libaneses, o que fez nascer na entidade que se denominou “Juventude Árabe”, com o apoio da SBSL e sob a liderança de Elias Salum e Osvaldo Elias.

Teve ela a missão precípua de recrutar aficionados, filhos de sírios e libaneses, além de preservar os usos e costumes árabes; promover encontros culturais e comemorações cívicas árabes – brasileiras; projeções de filmes árabes e brasileiros; competições esportivas, tendo oferecido em 1958, o 1º curso de língua árabe, ministrado pelo prof. Issa Horani, com a seguinte nota publicada no Jornal de Piracicaba, do di 07 de maio de 1958 que reproduzimos na integra.

“Teve lugar, anteontem, o inicio das aulas do idioma árabe, que a Sociedade Beneficente Sirio Libanesa está patrocinando, a cargo dos professores Issa Elias Horani e Elias Salum.

O Senhor Prefeito Municipal se fez representar pelo seu oficial de gabinete, prof. Belmudes de Toledo, comparecendo, ainda, autoridades escolares, convidados e 75 alunos matriculados, o que dá bem uma ideia do interesse que despertou o curso.

Os trabalhos se iniciaram sob a presidência do Sr. Esper Massuh, que passou a direção da mesa ao prof. Belmudes de Toledo. Usaram da palavra, enaltecendo a finalidade do curso os srs. Dr. Salum Simão, prof. Leandro Guerrini, prof. Elias Salum e prof. Issa Horani, que em breves palavras, expos singularidades, sobre o idioma árabe.

A parte artística, contou com a colaboração do conjunto de harmônicas, integrado pelas professoras Ana D’Abronzo, Henrique Fioravante, Érica Barbosa. Declamações, foram feitas pelos jovens Antonio Carlos de Mendes Thame e Isis Gianetti. Número de danças foram interpretados pela Srta. Silvia Hage, do Conservatorio Dramatico e Musical, havendo uma parte humorística, a cargo do Sr. Demétrio Hage.

A sessão se encerrou com um entusiástico discurso do prof. Belmudes de Toledo, que falou em nome do Com. Luciano Guidotti.”

Esper Massuh , então presidente é o pai de nossa depoentes Laurinda Massuh Pinese.



Arquivo Laurinda M. Pinese

CAPITULO 04 - PORTRAITS

Considerando o estudo sobre imigração e sua importância no desenvolvimento econômico e da diversidade cultural do município de Piracicaba, os representantes dos imigrantes espanhóis e dos sírios e libaneses, foram selecionados a partir de contato com os diretores presidentes representantes das sociedades 01 - Espanhola Sr. Nelson Martinez e 02 - Sirio-Libanesa o Sr. Alexandre Sarkis Neder, junto a sua secretária Flávia Brandão de Camargo, quem organiza a agenda da sociedade, reuniões, eventos e associados. Sabe de todo histórico e do acervo de obras e objetos da Sociedade, muito contribuíram para a realização desta pesquisa, indicando alguns membros que poderiam conceder entrevistas, e, a partir destes contatos formamos uma rede de informantes.

As entrevistas ocorreram em momentos e dias diferenciados desde o início de nossa pesquisa em março de 2009 até abril de 2011. Alguns depoentes não permitiram gravações, somente anotações em caderno de campo. Participamos de eventos culturais promovidas pela Sociedade Sirio Libanesa e pela Sociedade Espanhola realizando observação participante. Após diversas anotações, fichamentos e pela disponibilização pelos depoentes de fotos, documentos e cartas, conseguimos elaborar alguns eixos temáticos, que foram abordados pelos depoentes:

Depoentes Sirios Libaneses

Issa Elias Rizk

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Faridy Nassar Arbex

Laurinda Massuh Pinese

Clarice Zaia Elias

Alexandre Neder

Antonio Carlos Neder

Elias Sallum

Depoentes Espanhóis

Helenice Gutierrez

Mercedes Gomez

Hélio Manfrinato

Cléa do Amaral Manfrinato

Juan Antonio Moreno Sebastianes

Teresinha Bergamin

José Medinilha Florida

Ivo Matiello

Nelson Rodrigues Martinez

Francisco Sergio Salgot

A partir de nossas entrevistas, selecionamos alguns eixos temáticos, que nortearam nossa pesquisa: **Condição de vida no país ou cidade de origem; Viagem; Trabalho; Percepção da Paisagem; Alimentação; Educação dos filhos; Situação dos imigrantes durante a Segunda Guerra Mundial 1939-1945; Casamentos; Caminhos para uma vida independente.**

Faremos uma breve apresentação dos depoentes, e seus depoimentos enriquecidos por recursos iconográficos (fotos, documentos, etc.). Os portrais, e apresentações responderão as questões que são fundamentais para quem trabalha com a metodologia biográfica ou historia oral: Quem fala? De onde fala? Por que fala? e Para quem fala?

Issa Elias Rizk : Nasceu em Beirute no Líbano, em 22 de fevereiro de 1932. Com 16 anos de idade foi para o Kwait, em 1952 onde viveu por 15 anos e posteriormente para a Árabia Saudita onde viveu por 1 ano.

No ano de 1969, veio a um casamento de um amigo aqui no Brasil, na cidade de São Paulo, infelizmente sofreu um acidente grave, permanecendo internado por três anos. Através de patricios, conheceu o então prefeito de Piracicaba Adilson Benedito Maluf, que o trouxe para o município. Ao relembrar o fato demonstrou grande emoção “... *tem coisas que o dinheiro não paga, somente gratidão*” .Chegou na cidade no ano de 1973.

Teve três filhos, Loud Issa, médica que mora no Líbano, mas já veio algumas vezes ao Brasil para visitá-lo. Lilian Issa, jornalista que mora em Londres. Eli Issa Rizk, que mora na Árabia Saudita.

Iniciou suas atividades profissionais no ramo da gastronomia em Beirute, onde estudou por quatro anos. Em Piracicaba, iniciou suas atividades com uma barraca de frutas, permanecendo por quatro anos, posteriormente, abriu um restaurante e um depósito de bebidas. Seu estabelecimento principal, um tradicional restaurante árabe, na rua Tiradentes, 740, onde permaneceu durante vinte e sete anos.

Ele falava as linguas: inglês, francês, árabe e português. Foi o primeiro comerciante que trouxe produtos árabes de São Paulo, para serem revendidos em Piracicaba.

O Sr. Issa, sempre solícito, veio a falecer em 01 de fevereiro de 2012, antes da conclusão da pesquisa, que me ajudou a constituir.



Issa Elias Rizk - Acervo Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme.

Nascida em Piracicaba, filha de José Curiacos e Mary Nassif Curiacos, seu pai nasceu em Chartoune no Líbano e sua mãe em Beirute no Líbano. Chegaram em Piracicaba no ano de 1934. Casou-se com Felisbino de Almeida Leme em 24 de maio de 1979, teve um filho, José Alexandre Curiacos de Almeida Leme. Em Piracicaba, exerceu a profissão de Supervisora de Ensino da rede pública do Estado, atualmente é aposentada. Escreve livros e ministra palestras sobre temas relacionados à educação.



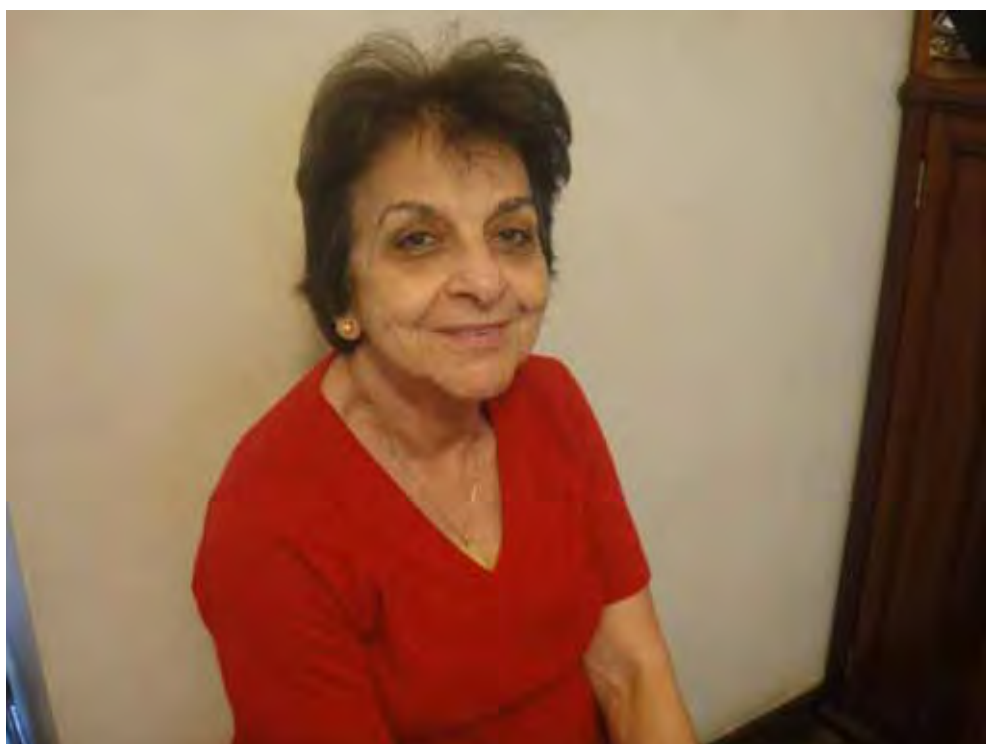
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Acervo pessoal

Faridy Nassar Arbex

Nasceu em Piracicaba em 16 de março de 1934, é filha do Sr. Jamil Nassar e Sra. Josefa Elias Nassar, é professora aposentada, viúva de Chafi Arbex, tem um casal de filhos. A família de sua mãe morava na cidade de Santos. Seu pai Jamil, foi mascate, até possuir o primeiro armazém na Rua Moraes Barros em Piracicaba.

Laurinda Massuh Pinese

Nasceu em Piracicaba em 09 de novembro de 1934. Seu nome de batismo é Jusmany (nome da avó paterna), seu pai Esper Cury Masshu, nasceu em Homs na Síria e sua mãe Linda Sabbagh Massub, nasceu em Damasco. É professora aposentada, teve cinco filhos. Seu pai chegou ao Brasil na cidade de São Paulo, em 1918, em 1925 voltou para Síria para se casar, em 1926 voltou ao Brasil e veio para Piracicaba, em 1927, onde tinha tios. Sua mãe veio grávida e teve seu primeiro filho em Piracicaba. A Sra. Laurinda casou-se em 1957. Com um descendente de italianos.



Laurinda Massuh Pinese – Foto de Maria Dalva de Souza Dezan Julho/2012.

Clarice Zaia Elias

Nasceu em Piracicaba em 27 de novembro de 1931. Seu pai João Zaia, sua mãe Virginia Tomé Zaia. Clarice é do lar, teve três filhas do casamento realizado em 1957 com o Sr. Oswaldo Elias. O sogro da Sra. Clarice veio da Síria para o Brasil com 18 anos de idade. Clarice antes de seu casamento frequentava a casa do sogros, todos os domingos, para aprender a fazer comida árabe e como servir-la.



Clarice Zaia Elias - Foto de Maria Dalva de Souza Dezan – 08/2011.

Ao fundo vimos, seu diploma como participante da diretoria da Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba.

Alexandre Sarkis Neder**Alexandre Sarkis Neder – Acervo pessoal**

Nasceu em Piracicaba, seu pai Antonio Carlos Neder, sua mãe Jamile Sarkis Neder. Ele jornalista e apresentador do programa Neder Especial na TV Beira Rio e na Rádio Difusora de Piracicaba. Foi presidente da Sociedade Beneficente Sirio Libanesa, por dois mandatos, 2008 – 2009 e 2010 – 2011. Em diretorias anteriores participou exercendo o cargo de vice- diretor, quando desenvolveu inúmeros trabalhos de atendimento à população piracicabana.

Antonio Carlos Neder

Nasceu em Piracicaba em 05 de novembro de 1933. Seu pai, Antonio Neder nasceu em Knet, no sul do Líbano em 10 de Agosto de 1903, sua mãe foi Diva Neder, que nasceu no Brasil em 21 de fevereiro de 1914. O Sr. Antonio Carlos Neder se casou com Jamile Sarkis Neder em 1962, tiveram dois filhos, Silvia Sarkis Neder e Alexandre Sarkis Neder. Sua profissão é Dentista, com especialidade em Farmacologia.



Antonio Carlos Neder -Acervo da Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba

Elias Salum

Nasceu em Piracicaba em 20 de Agosto de 1929, seu pai foi Issa Salum, sua mãe Jamile Abdala Salum. É casado com a Sra. Maria Alice de Paiva Salum, tiveram dois filhos, Eliana e André. O Sr. Elias Salum desenvolveu inúmeras atividades a partir de sua formação pedagógica. É professor universitário da UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, há mais de 30 anos. Foi o presidente da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa no seu centenário, no ano de 2002. Publicou um livro denominado Sociedade Beneficente Sírio Libanesa – Centenário de Fundação – Sua gente sua história.



Elias Salum - Acervo da Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba.

DEPOENTES ESPANHÓIS

Helenice Gutierrez

Nasceu em Piracicaba em 09 de Fevereiro de 1949, seu pai foi Augusto Gutierrez, que nasceu em Pulianas-Granada na Espanha em 22 de maio de 1917. Sua mãe Antonia Ernesta Parisotto Gutierrez nascida em Piracicaba em 13 de Junho de 1923, seu pai chegou ao Brasil em 14 de Junho de 1921. Ela Exerceu as seguintes profissões, professora substituta, professora do Mobral, secretária, sócio-proprietária da empresa familiar e escriturária do banco Banespa, atualmente é aposentada.



Helenice Gutierrez Parissotto – Acervo pessoal

Mercedes Gomez

Nasceu em Piracicaba no ano de 1941. Seu pai Ricardo Gomez nasceu em Fregenite, Província de Granada na Espanha, chegou ao Brasil no ano de 1922. Sua mãe Josefa Añon, nasceu em Málaga na Espanha em 1914, chegou ao Brasil em 1920. Mercedes é professora, mas atuou como comerciante durante trinta anos. Atualmente leciona a língua espanhola. Têm três filhos Maria Angélica Valverde, Alexandre Valverde, Adriana Valverde.

Sua participação na SOREAL é intensa tanto na administração, como em eventos gastronômicos e de resgate cultural da SOREAL. Entre suas atividades, oferece aulas de Espanhol.



Mercedes Gomez à esquerda e sua irmã Luzia Gomez Benites – Acervo pessoal



Acima, **Mercedes Gomez** na SOREAL com Aurélio Lopez Sahuquillo – Foto de Maria Dalva de Souza Dezan Julho/2012. Abaixo seus irmãos da esquerda para direita, Nelson Gomez Añon, Amadeu Gomez Domingues, Ricardo Gomez Filho.



Foto do acervo pessoal de Mercedes Gomez

Hélio Almeida Manfrinato

Nasceu em Piracicaba em 27 de fevereiro de 1922. Seu pai foi Habrão Manfrinato e sua mãe Olga Rodrigues Manfrinato, de onde provém sua ascendência espanhola. Sua avó materna Maria Blumer Rodrigues de Almeida foi herdeira da família Blumer e era casada com Joaquim Rodrigues de Almeida o fundador da Sociedade Espanhola de Piracicaba. Sr. Hélio desenvolveu diversas atividades profissionais, Engenheiro Agrônomo, Professor, Músico, Maestro, Locutor, Empresário, Reitor da UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba. É aposentado desde 1984, como professor universitário da ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, onde ministrava aulas de hidráulica, irrigação e drenagem agrícola. Foi fundador da Orquestra Sinfônica de Piracicaba em 1989. É casado com a Sra. Cléa do Amaral Manfrinato.



Hélio Manfrinato – foto de Maria Dalva de Souza Dezan Maio/2012



Cléa do Amaral Manfrinato. -Foto de Maria Dalva de Souza Dezan Maio/2012.

Esposa do Sr. Hélio Manfrinato, é natural do Rio de Janeiro, Professora, veio para Piracicaba ministrar aulas no Colégio Piracicabano de orientação Metodista. Através da música conheceu o Sr. Hélio Manfrinato. Casaram-se em 07 de março de 1951 tiveram seis filhos: Angela Manfrinato Coda, Helio Almeida Manfrinato Junior, Marcos Manfrinato, Davi Manfrinato, Warwick Manfrinato e Lilian Manfrinato Justi.

Juan Antonio Moreno Sebastianes

Nasceu em 24 de Junho de 1948 em Puente Gentil – Provincia de Córdoba – Espanha. Engenheiro Agrônomo e Professor de Química. Chegou em Piracicaba em fevereiro de 1959. Seu Pai Rafael Moreno Beltran, nasceu na Espanha em 05 de Maio de 1913. Sua mãe Dolores Sebastianes Campos, nasceu em Puente Gentil em 13 de Junho de 1920. O Sr. Juan e casado com Vânia Bragaia Moreno e tiveram três filhos; Fernando Moreno Sebastianes, Patrícia Moreno Sebastianes e Ricardo Moreno Sebastianes.



Nesta foto em pé o segundo da direita para esquerda Sr. Juan Sebastianes, seguido por sua esposa Vânia é a terceira pessoa da direita para a esquerda. Sentado da esquerda para direita Sr. Nelson Martinez, presidente da SOREAL. Na parede cartaz referente às aulas de espanhol. Acervo Mercedes Gomez.

Teresinha Castilho Bergamin

Nasceu em Piracicaba em 26 de Junho de 1937 é professora. Seu pai foi Virgilio Castilho, nascido em 26 de junho de 1914. Sua mãe Juracy Sampaio Castilho. Seus avós foram Francisco Castilho Ortiz nascido em Turviscon – Granada, na Espanha, em 26 de Abril de 1886 e Magdalena Munhoz Castilho nascida em Canija de Acetuna – Málaga na Espanha em 04 de Maio de 1886. Eles chegaram em Piracicaba no início de 1900.



Theresinha Bergamin – acervo pessoal

José Medinilha Florida

Nasceu em Piracicaba em 18 de Agosto de 1938. É Projetista Mecânico. Seu pai foi Francisco Medinilla San Martin, nascido em 15 de fevereiro de 1904 em Los Barrios – Espanha, sua mãe Idalina Florida San Martin, nascida em Piracicaba em 10 de setembro de 1917. Seu pai, Francisco, chegou em Piracicaba em 1934.



Na frente da esquerda para direita, o Sr. José Medinilla ainda criança, com suas irmãs, Adair e Ivani. Ao fundo seus pais Idalina e Francisco. Acervo pessoal Sr. José Medinilla.



Sr. José Medinilha Florida – Foto de Maria Dalva de Souza Dezan – Julho/2012.



Estes são os avós paternos do Sr. Medinilla, Sra. Anna e Sr. Antonio, que chegaram ao Brasil em 03 de janeiro de 1926 e em Piracicaba em 10 de setembro de 1934. Arquivo pessoal do Sr. Jose Medinilla.

Ivo Matiello

Nasceu em Jaú em 20 de novembro de 1930, desenvolveu as atividades profissionais de industriário, balconista, comerciante, bancário, funcionário público municipal e gerente financeiro. Seu pai foi Romano Matiello e sua mãe Antonia Alcantú, que nasceu em Granada na Espanha. Sua mãe chega ao Brasil em 1913 e em Piracicaba em março de 1975.



Ivo Matiello – foto de Maria Dalva de Souza Dezan – Julho/2012

Nelson Rodrigues Martinez

Nasceu em Campinas em 03 de Julho de 1941. Advogado. Chegou em Piracicaba em 1968. Seu pai foi José Rodrigues Martinez, nascido em Campinas em 11 de novembro de 1912, sua mãe Zuleica Evans Martinez, nascida em Campinas em 24 de maio de 1915. Seu avô paterno Manoel Rodrigues Martinez, nasceu em 09 de fevereiro de 1884 em Goián, provincia de Pontevedra na Galícia, chegou ao Brasil em 1898. O Sr. Nelson é o atual presidente da SOREAL – Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira. É neto de espanhóis, fato que merece ser salientado, porque indica a manutenção da identidade étnica por três gerações, sendo duas delas já nascidas no Brasil.



Nelson Martinez – foto de Maria Dalva de Souza Dezan Julho/2012

Francisco Sergio Salgot

Nascido em Piracicaba em 26 de março de 1949. É economista e seu pai Francisco Salgot Castillon, nasceu em Centellas-Provincia de Barcelona na Espanha em 02 de Janeiro de 1921. Francisco formou-se Engenheiro Civil e foi um dos prefeitos de Piracicaba exerceu seu mandato no ano 1969. Sua mãe Ladice Soriano Salgot. Seu pai chegou ao Brasil em 1931, aos dez anos acompanhado pela mãe Rosa Castillon Sanpietro, e pelo tio Monsenhor Martinho Salgot.

EIXOS TEMÁTICOS

CONDIÇÃO DE VIDA NO PAÍS OU CIDADE DE ORIGEM

Conforme o relato de nossos depoentes (**sírios-libaneses**)

Segundo o **Sr. Issa Elias Rizk**, *quando tinha 10 anos de idade em 1942 em sua cidade lembra-se dos tanques da França, isto porque até 1943, o Líbano era colônia francesa e estava anexado à Síria. A conquista da independência, porém, não significou o surgimento do Estado nacional libanês, já que, além da Síria não reconhecer a emancipação do país, divisões religiosas internas inviabilizaram o exercício de um poder centralizado. A guerra civil do Líbano durou quinze anos. Por isso mudou de país, aos dezoito anos de idade, ou seja, em 1950 foi para o Kuwait, onde permaneceu quinze anos até 1965, depois foi para a Arábia Saudita, sempre trabalhando no ramo gastronômico, fez um curso, durante quatro anos em Beirute.*

Segundo o **Sr. Elias Salum** *analisando as imigrações que demandaram ao Brasil, a dos árabes apresenta suas próprias características, pois não foi dirigida ou controlada por governo ou instituições, por não se encontrarem, seus países de origem em fase de amadurecimento político, ou mesmo em condições para tal. Portanto, a emigração árabe baseou-se no espírito de aventura individual desenvolvendo-se através dos séculos, quando anteriormente procuravam disseminar cultura ou comercializar seus produtos ou de terceiros.*

Outra depoente **Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme** nos relata que; *“seu pai veio para o Brasil em 1910, no Líbano, era professor universitário, veio ao Brasil, por convite de amigos que diziam que aqui era muito bom. Mas, no Líbano tinha uma boa condição de vida, tanto é, que veio com seus próprios recursos”.*

O **Sr. Antonio Carlos Neder** nos diz; *“muitos vieram, devido à situação da primeira guerra, 1914-1918, que deixou muitos sem perspectivas, com isso a vinda para a América era uma solução.”.*

A **Sra. Laurinda Massuh Pinese** nos relata que seu pai era solteiro na Síria, que veio para o Brasil, com perspectiva de melhorar sua situação econômica, pois na Síria diziam que vir para o Brasil trabalhar, era uma maneira de melhorar a situação econômica. Com essa esperança, aos 17 anos de idade, chegou a São Paulo para trabalhar no comércio de um patrício. *“Trabalhou com muito afinco, seu patrão vendo tamanha dedicação o ajudou a*

montar um comércio, para tanto voltou a Siria em 1925, casou-se e trouxe dois de seus irmãos, para também vivendo no Brasil.”.



Esta foto é do arquivo pessoal da Sra. **Laurinda**, nela aparecem seu pai, Esper Cury Massuh e um dos irmãos que vieram para o Brasil em 1926, Nicolau Cury Masshu. O traje social e a bengala, demonstram características de elegância para época.

Conforme o relato de nossos depoentes (**espanhóis**)

Segundo a Sra. **Mercedes Gomez**, que nos relata e também transpôs sua história para um livro de memórias, denominado a Força do Amor. *“Sua mãe, Josefa nasceu na Espanha em 1914, época da primeira Guerra Mundial. Nasceu, em Málaga região da Andaluzia ao sul da Espanha, onde viveu até os nove anos, quando veio para o Brasil com toda a família. Nesse período, ainda pequena, morava perto da praia e gostava de correr pela areia, catar conchas, só não entrava no mar porque era proibido, em determinada época. Dizia-se que o mar era bravo e levava quem se aventurasse. Tenho para mim, que os adultos diziam isso com medo de perder as crianças. Era uma praia quase deserta, sem banhistas (me parece que nesta época não havia o hábito de frequentar as praias), alguns pescadores que saiam ou chegavam com seus barcos, animais pastando, tudo muito natural para quem conhece o mar desde que nasceu. Meu avô Miguel, seu pai, tinha uma pequena plantação de hortaliças, trigo e milho. Cultivava também algumas parreiras e em suas terras havia nogueiras, figueiras e oliveiras. Minha mãe Josefa, fala com saudades das frutas de sua infância. E dos peixes (pescado) que meu avô trocava por lenha, com os pescadores. Ele cortava lenha nos morros, secava e esperava para negociar com os barcos que aportavam ali para abastecer.”*

Segundo a Sra. **Helecine Gutierrez**, *“em conversas com amigos, Sr. José Manuel que mora na Espanha e com meus familiares, percebeu que antes da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), que foi um dos acontecimentos mais traumáticos”, as pessoas viviam muito felizes. Quando tinham que andar pelos lugares o faziam em bicicletas ou a pé. Não havia escassez de alimentos. O trabalho era muito pesado e duro, quer fossem no campo ou em obras da época ou cuidando do gado. Sempre esses trabalhos eram realizados para os latifundiários da região. O homem cuidava junto à casa de moradia de gado menor, como sejam os famosos suínos (para o jamón especialmente), coelhos, galinhas, etc. para poder alimentar a família, levando uma vida bastante humilde. Dedicavam-se muito a agricultura com instrumentos bem rudimentares. O solo era arado com uma junta de mulas. A mulher era dona de casa cuidando dos seus inúmeros filhos, coisa que era comum, pois, assim havia mais gente para trabalhar na lavoura. Seu pai Agustin, lhe dizia que a condição econômica de meus avos em 1921 era boa, pois, tinham um sobrado com pomar, um comercio na parte inferior da construção em Calle Del Agua e meu avô era químico, que transformava a beterraba em açúcar.*

O Sr. **Juan Sebastianes**, nos relata que, *“meu pai era chefe de produtora de vinho, Bodega, em sua casa tinha uma taberna, a situação econômica da Espanha era excludente, pós-guerra civil espanhola. O meu pai foi recrutado para guerra, mas, fingia ser doente, mancava, e vislumbrava um futuro melhor para os filhos, gostaria que seus filhos estudassem. Em conversas com amigos, decidi vir para América, mais especificamente para Venezuela, mas não deu certo, pois já tinha mais de 40 anos de idade e por isso, veio para o Brasil chegando em 1956.”*.

O Sr. **José Medinilla Florida**, nos relata que, *sua família na Espanha, decidiu vir para o Brasil em 1926, devido à depressão gerada pelas guerras coloniais no norte da África, já que a família vivia em La Linea de La Concepcion, um pequeno pueblo entre Algeciras e a possessão inglesa de Gibraltar. A região de Algeciras tem uma posição estratégica geograficamente, foi ponto de efervescências políticas no período pré Primeira Guerra Mundial, e por muito tempo, assistiu a disputas coloniais. A família era composta pelos pais Antonio Medinilla Jimenez e Ana San Martin Rodriguez, casal com oito filhos, sendo o filho mais velho meu pai, Francisco Medinilla San Martin. Ainda que a Espanha fosse um país essencialmente agrário (assim como toda península Ibérica), essa família tinha seus trabalhos relacionados ao Porto de Gibraltar e Algeciras. A matriarca de nossa família, assim como todas as mulheres da época, tinha seu trabalho relacionado aos afazeres domésticos. Mas, além dos afazeres normais, ela tinha um grande forno de barro em sua propriedade, que chamavam de padaria. Por isso, todas as vizinhas traziam seus pães para serem assados neste forno. Para os pães não serem trocados, cada uma marcava seus pães com um sinal de massas sobre eles. O patriarca trabalhava na estiva do Porto de Gibraltar, junto aos filhos mais velhos Francisco e Miguel. Nesse período 1925, os conflitos na região entre a França e a Espanha pelo domínio do Norte Africano eram constantes. Outro forte motivo foi que o filho Francisco, meu pai, estava em idade militar, havia um temor muito grande que ele fosse para guerra e que não voltasse, pois havia sido convocado. Na Espanha a situação da família, era de forma simples, mas que supria as necessidades básicas, pois eram proprietários de uma quinta (chácara), porém com os constantes conflitos no Norte da África, surgia um problema o alistamento. Para evitar a fuga do país, se instaura uma lei que exigia que, se o cidadão em idade militar se evadisse do país, os próximos homens da família teriam que substituí-lo. “Assim toda a família embarca para o Brasil.”*

O Sr. **Francisco Sergio Salgot** nos relata que, *“seu avó Antonio Salgot Sors, durante 33 anos, foi o proprietário da Companhia de Transportes entre Centellas e Barcelona. Essa companhia fazia o transporte de pessoas e cargas. Sua avó Rosa Castillon Sanpietro, tinha o filho Francisco Salgot Castillon pequeno e a filha Dolores. Ao ficar viúva, sentiu dificuldades em continuar os negócios da família, devido a desvios de funcionários. Então o cunhado, irmão de seu marido, que era Marista e pároco, a convidou para vir com ele para o Brasil, pois o bispo da época, em Campinas, fez uma carta convite e o destacou para trabalhar como pároco em Santo Antonio da Posse. Assim, Rosa vendeu o negócio e seguiu com o cunhado e os dois filhos para o Brasil, chegando no ano de 1931.”*

A VIAGEM

Segundo os depoentes, a viagem tanto dos espanhóis, quanto sírios – libaneses, era de navio. Primeira parte da viagem era feita por mar, geralmente em condições de pouco conforto e outras como clandestinos (com documentos falsos). Ao chegar beijam a terra e muitos se maravilham com as belezas da nova terra.

A Sra. **Mercedes Gomes**, nos relata que sua mãe Josefa, lhe contava sua viagem com uma riqueza de detalhes. *“lembra-se da família toda se preparando para vir ao Brasil. Tinha seis irmãos vivos, os pais tomaram essa decisão, pensando em um lugar melhor para criar os filhos. Contavam-se maravilhas do Brasil. Muita terra para plantar e como havia falta de mão de obra, o governo brasileiro pagava a viagem até a Casa de Imigração em São Paulo. Depois era por conta dos fazendeiros. Assim seu pai, resolveu deixar a Espanha, e embarca com toda a família, rumo ao desconhecido. Depois de juntar os pertences mais necessários, como roupas, panelas, alguma comida, despediram-se chorando, dos poucos vizinhos, da casa, do lugar, do mar. Ficaram muitos dias em “La Linea” no estreito de Gibraltar, esperando pelo navio que os traria ao Brasil. Lembra-se de que o pai os levou a “tomar el café de cucharita” (café de colherinha) que sempre havia prometido. Nada mais era que um café com uma pedrinha de açúcar, bem escasso na época por lá, e uma colherinha para mexer o torrãozinho que era quadrado, até derreter. Por ser raro, o açúcar era caro e o café também. Os imigrantes espanhóis, viajavam com famílias de outras nacionalidades. Cabines pequenas, pouco espaço, ficavam meio amontoados. Sua mãe chorava e passava muito mal com enjoo. Ficava no camarote o dia todo, só saía para alimentar os filhos pequenos. A comida era ruim, gordurosa e se quisessem algo melhor, teriam que pagar. Seu*

pai as vezes comprava frutas para esposa que quase não comia o que era servido. As crianças não se importavam com o gosto e o cheiro forte da comida. Para eles tudo era novidade. Meu pai juntava-se aos outros homens e jogavam cartas, para passar o tempo, como diziam. Ela perambulava pelo navio até onde lhe era permitido. Brincava com as outras crianças ou com os irmãos mas sentia-se presa. Queria ver mais, estava cansada de olhar para aquelas mulheres tristes e chorosas. Queria conhecer o navio inteiro, mas se falasse para a mamãe ou para os irmãos apanharia na certa. Um dia escapei da vigilância e fui parar na casa das máquinas ou perto da cozinha, não sei ao certo. Ao ver as janelinhas, enfiou cuidadosamente a cabeça por uma delas, para ver o que havia do outro lado. Ficou ali vendo o mar, os peixes que pulavam, a imensidão de água. Nada de terra. Só água. Ondas como ela nunca vira antes e que pareciam querer engolir o navio. Sentiu medo, frio e quis voltar para junto da mãe. Na pressa, a cabeça não passava e começou a gritar. Então alguém começou a ajeitar sua cabeça e ela se libertou. Era um marinheiro que depois de lhe dar dois fortes tapas, levou-a até o pai, proibindo-a de voltar até lá. O pai não lhe bateu, visto que já estava bastante assustada e chorava muito, mas, deixou-a dois dias de castigo, sem poder sair de perto da mãe e nem brincar com ninguém. Ela nem tinha vontade, pois o susto foi muito grande e, para uma menina, a façanha também. O seu pai era proprietário de metade das terras onde vivia a família, combinou com o irmão Manuel para vendê-las e juntar-se a eles no Brasil, mas este irmão vendeu as terras e foi para Argentina e o dinheiro nunca chegou às suas mãos. Josefa tinha nove anos quando chegaram a Santos. Ficaram de quarentena dentro do navio, porque uma pessoa gravemente doente veio a falecer na véspera da chegada. Havia o perigo de doença contagiosa e foram todos, um por um inspecionados, conferidos e fichados. Os dias passavam e nada de descera a terra. Era mais tranquilo. A comida melhorou, o navio já não jogava, o medo da travessia passou e a esperança de melhores dias redobrou. Finalmente puderam descer. Lembra-se de que as pessoas, os mais velhos, principalmente, beijavam a terra e choravam, quando desembarcaram. Ela não entendia o porquê, na época. Se tudo o que desejavam era vir para o Brasil e estavam descendo em terras brasileiras, sãos e salvos, por que choravam?

Subiram a serra de trem e foram levados para a Casa de Imigração. “Lá ficaram muitos dias alojados, até encontrar algo que parecesse adequado para firmar um contrato”.

O pai de Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, segundo seu relato, “viajou com recursos próprios em um navio italiano, pagou uma passagem de primeira classe, a viagem durou 60 dias até chegar ao Brasil, no Rio de Janeiro, foi no ano de 1910, serviam muito macarrão, e ele ia até a cozinha, para negociar, porque queria comer pão com azeitona. Junto vieram outros Libaneses, quando chegou ao Rio de Janeiro era Carnaval”.

Este era o passaporte de seu pai, escrito nas línguas, turco, francês e árabe.



Segundo **Francisco Sergio Salgot** sua avó Rosa Castillon Sanpietro, seu tio Martinho Salgot e seu pai Francisco Salgot Castillon e sua tia Dolores Salgot Castillon, chegaram ao porto de Santos em 1931 de lá seguiram de trem. Avistavam uma imensidão de fazendas com seus pés de café.

Segundo **Helenice Gutierrez** que nos relata que a viagem de seu pai foi assim;

“Da viagem pode-se dizer que se dirigiram para o Estreito de Gibraltar”. Durante esta viagem papai parou em uma estátua, na qual brincou na sua escada e com as suas correntes.

Já no navio em dado momento a sua mãe lhe procurava aflita pedindo desculpas a todos, porque ele havia se dirigido ao andar superior, o que não era permitido.

Chegaram aqui em Santos com o navio Aquitaine em 19/04/1921 conforme a entrada 015185 folha 14. Apresentada na certidão a seguir.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DO IMIGRANTE
MUSEU DA IMIGRAÇÃO

16757

CERTIDÃO DE DESEMBARQUE

AUTOS - Nº 4.069/03

CERTIFICO constar da LISTA GERAL de PASSAGEIROS

do nosso acervo documental, os seguintes dados de ANTONIO GUTIERREZ LOPEZ

Nacionalidade: espanhola

Filiação: Emilio Gutierrez Rodriguez e Antonia Lopez Alarcon

Data de Nascimento ou Idade: 08 anos Sexo: masculino

Estado Civil: solteiro Profissão: nada constya

Navio: "AQUITAINE", procedente do porto de Gibraltar.

Origem: PULIANILLAS/Espanha

Destino: SÃO PAULO



Passaporte Nº: nad consta

DATA DE DESEMBARQUE: 20 de ABRIL de 1.921, em SANTOS.

Chefe ou Responsável: EMILIO GUTIERREZ RODRIGUEZ, Pai (45 anos)

Composição da Família: ANTONIA LOPEZ ALARCON, Mãe (34 anos) irmãos: Maria Paz Gutierrez Lopez (12 anos) Emilia (10 anos) Agustin (03 anos) Encarnacion (01 ano)
Imigrantes de religião católica.

São Paulo, 26 de maio de 2003


Responsável pelo levantamento da informação
WALDIR ROBBI
RG: 2.928.682-7

Diretor(a) do Museu da Imigração
MIDORY KIMURA FIGUTI

Aqui já se encontrava toda a família de minha avó. Sua mãe e seus irmãos. Alguns muito bem estabelecidos, com o comércio: Casa Brasil era de seu irmão.

A minha avó, quando ainda estava na Espanha, recebia cartas que aqui era maravilhoso, que estavam bem e que aqui havia um Engenho, no qual o meu avô poderia trabalhar. Aqui chegando, o meu avô ao procurar emprego, constatou que aqui trabalhava

com a Cana que era diferente da Beterraba e meu avô não conseguiu dar o ponto no produto. Morreu 01 ano e alguns meses após aqui chegarem, aos 47 anos aproximadamente, deixando 06 filhos, sendo o último uma menina de apenas 08 meses.

A minha avó Antonia por muitos e muitos anos usou roupa preta, o luto da Espanha. “Foi difícil para a família fazê-la tirar o luto, mesmo assim ela optou por sempre usar uma roupa escura.”



Foto do arquivo pessoal de Helenice Gutierrez, seus avós, Antonia e Emilio.

O Sr. **José Medinilla Florida** nos relata sobre a viagem de seu pai Francisco Medinilla San Martín. “*meu pai foi convocado para guerra já que a Espanha nesse período (1925), frequentemente solicitava a ida de mais soldados espanhóis para o combate no Norte da África e as notícias que sabiam é que poucos voltavam e, quando voltavam, estavam mutilados. Nessa circunstância, ele partiu para o Brasil em fuga. A forma encontrada foi, uma conhecida senhora Juana Cabeza, que tinha perdido o filho no Brasil, chamado Juan Cabeza-Cabeza. Como ela estava na Espanha e viria para o Brasil, Francisco viajou clandestinamente com os documentos do filho dessa senhora. Na viagem, escondia-se no*

porão com medo da fiscalização. Já o restante da família que viajou posteriormente, saíram do Porto de Algeciras, embarcaram no navio Ipanema. Porém, antes do embarque, tiveram que passar uma noite num barracão próximo ao porto, com chão coberto de palha e junto de um estábulo de animais. Uma das crianças Isabel, contraiu tifo, causando um grande temor em sua mãe, que durante a viagem, levou remédios e cuidava zelosamente da filha. O filho Miguel, arrumou o trabalho de cozinheiro do navio. Assim, ainda que em condições bastante rústicas de acomodação, a família recebeu tratamento especial na alimentação, especialmente a irmã doente.”

TRABALHO

Segundo nossos depoentes o trabalho dos sírio-libaneses, sempre esteve ligado ao comércio.

O Sr. **Issa Elias Rizk**, ao chegar em Piracicaba em 1973, abriu uma barraca de frutas, na qual ficou trabalhando por quatro anos. Nesta barraca, começou a comercializar produtos árabes trazidos de São Paulo. Depois trabalhou em um restaurante na Av. São Paulo, no bairro Jaraguá. Também trabalhou em um depósito de bebidas. Abriu um restaurante na Rua Tiradentes, cuja especialidade eram os pratos árabes, no qual permaneceu trabalhando por vinte e cinco anos. Este restaurante era um ponto de encontro, dos intelectuais de Piracicaba.

A Sra. **Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme**, nos relata que; *“meu pai exerceu algumas funções. Um dos amigos de meu pai havia montado uma loja de tecidos em Cumari-Goiás, e convidou ele para trabalhar, que lá permaneceu durante algum tempo. Sempre inovando e se esforçando, certa vez comprou vinte dúzias de gravatas para vender como atacadista. Depois comprou sua própria loja de cereais no município. Mas, com a Revolução de 1930 em Goiás, revolucionários saquearam cinco mil sacos de arroz. Com esse prejuízo, vieram para Piracicaba em 1931, onde meu pai exerceu a função de motorista.”*

Esta era a carteira de Habilitação do Sr. José Curiacos, para exercer a função de cocheiro rural, datada em 24 de setembro de 1942.



Foto acervo pessoal de Rosaly Curiacos

A Sra. **Laurinda Massuh Pinese** nos relata que; “*meu pai veio ao Brasil e começou a trabalhar em uma loja de um patrício, com ajuda deste patrício abriu o seu próprio negocio.*”

Como tinha alguns parentes em Piracicaba, abriu uma loja em 1930, denominada Casa Espéria na qual permaneceu até 1998”.



Esta foto é da Loja Espéria no ano de 1930, era uma loja de tecidos, armarinhos e variedades para costura. Vimos seu pai Esper e dois ajudantes da loja. Foto do acervo pessoal de Laurinda Massuh Pinese.

As famílias de **Alexandre Neder**, **Antonio Carlos Neder** e **Elias Salum**, ao chegarem a Piracicaba, também participavam do ramo comercial. Já as novas gerações dessas famílias, tiveram a possibilidade de realizar uma mobilidade social, através da educação e formação em profissões diversas.

Os depoentes do grupo de espanhóis, também nos relataram sobre o tema trabalho.

Segundo **Helenice Gutierrez** “seu pai foi um industrial no ramo de máquinas para fazer balas, fundada em 01 de agosto de 1943, denominada Indumaba – Indústria de Máquinas para Balas Ltda.. Este trabalho teve início, quando papai foi aprender o ofício de torneiro mecânico, trabalhou desde cedo em indústrias e empresas como: Engenho Central,

Fábrica Boyes, Oficina Dedini e Indústrias Romi, de Santa Barbara do Oeste, da qual saiu para montar o seu próprio negócio, uma oficina mecânica. Até que recebeu um pedido para fabricar uma máquina de fazer balas. Na época só haviam as importadas e ele sem desenhos e sem aparelhos teve que fazer o cálculo sozinho, após somente ver a máquina, pois nada lhe foi permitido. Praticamente ele teve que visualizar a máquina e fotografá-la em sua memória. E ele conseguiu fazê-la, sua família o admirava muito. Assim muitas das primeiras fábricas e balas em nosso país, iniciaram as atividades com a máquina feita pelo papai, muito mais barata, forte, resistente, que até hoje se encontra funcionando. Meu pai foi um visionário, e com muito brilhantismo e dinâmica, desenvolveu máquinas para a fabricação de balas duras, mastigáveis, pirulitos e balas de coco, para grandes fábricas em todo o território nacional e países vizinhos”.

Em comemoração ao dia dos pais (2012) ela fez um inventário, sobre o pai e suas atividades, entre elas a de jogador de futebol. Retratando em imagens um breve histórico de seu pai .



Para ti mi padre:

**AGUSTÍN GUTIÉRREZ
LÓPEZ.
(AUGUSTO
GUTIERREZ)**

De tu hija, Helenice, con
mucho cariño.

Arquivo pessoal – Helenice Gutierrez

Segundo **Mercedes Gomez** “Na estação da Paulista, a mais antiga de Piracicaba, já os esperavam com troles ou carroças, puxados por bois (nunca haviam visto isso) ou cavalos”. Cocheiros impacientes e apressados, com a lista das famílias nas mãos se apresentaram para levá-los, juntamente com seus pertences e outras famílias para a fazenda Chico-Pires. Isso foi no ano de 1924. Foram alojados num galpão fechado, espécie de celeiro vazio, infestado de pulgas. Várias famílias juntas, um amontoado de sacos, malas, enfim, muito diferente do que estavam acostumados e do que lhes haviam prometido em São Paulo, quando os contrataram dizendo que havia casa boa para cada família. Sua avó chorava desolada. Era tudo muito difícil, se questionava como poderia criar os filhos dessa maneira, pois na Espanha eram pobres, mas tinham privacidade e liberdade. Animais por toda parte cachorros, galinhas e até alguns porcos, entrando e saindo do galpão, sem a menor cerimônia, procurando comida e sujando tudo.

O administrador da fazenda era um senhor negro que falava e entendia muito bem o espanhol, tentou acalmá-los e disse que seria só por alguns dias, enquanto consertavam as portas e janelas das casas que há algum tempo serviam de abrigo aos animais domésticos. Disse que estavam providenciando o material e que no dia seguinte já poderiam começar a trabalhar na limpeza do mato que sufocava os pés de café. Que fazer? Havia um descontentamento geral entre os recém-chegados, mas não tinham como voltar atrás. Sem condução e sem sabe nada deste novo mundo desconhecido, não poderiam sair dali, ao menos por enquanto. Sentiam-se perdidos. Havia idosos, mulheres grávidas e crianças pequenas. E um contrato a cumprir.

No dia seguinte foram trabalhar. Cada chefe de família recebeu as ferramentas que precisavam. Não eram de graça. Seriam descontadas dos próximos salários, assim como toda a comida que consumissem. Em resumo nem bem chegaram e já estavam devendo ao patrão. Tinham pouco dinheiro. Meu avô desconfiava que houvesse sido enganado no Cambio, quando chegaram a São Paulo, pelo agente que se prontificou a ajudá-lo. Os dias passavam e nenhuma mudança na situação.

Um dia pela manhã, o administrador chegou para distribuir o serviço. Iriam cuidar de uma plantação de café que estava coberta de mato. Serviço pesado, mas os homens

estavam dispostos a enfrentar. Antes de saírem, um deles perguntou com medo ao senhor José sobre a moradia definitiva. José engasgou, desconversou, disse que talvez no outro mês começassem a arrumar as casas. Todos ficaram tensos com a resposta, até que Dona Antonia, uma mulher forte e decidida, que viera com dois filhos moços, adiantou-se, olhou firme nos olhos do administrador e disse:

- Pois senhor José, eu lhe digo, não foi isso que tratamos na Casa da Imigração. Não somos porcos para viver nesse chiqueiro e ouça bem o que vou lhe dizer: sou curandeira, como se diz por aqui e se dentro de uma semana essas casas não estiveram prontas e cada família em sua casa, faço uma reza e o Sr. e seu patrão vão perder o gosto de ser homem. Entendeu? . Pode acreditar. Isto não é brincadeira. Não somos escravos.

Os espanhóis a olhavam assustados – Mas de onde tirou isto esta mulher? Curandeira ela? Ninguém sabia se era verdade ou se estava amedrontando o homem. “Puede ser mentira, como puede ser verdad”, mas onde já se viu ameaçar até o patrão.

José começou a ponderar em silencio surpreso. Era muito supersticioso, já ouvira falar tanta coisa a respeito de ciganos, das feiticeiras e nunca se sabe. Esta mulher poderia ser mesmo uma bruxa. Não dizem os espanhóis: “Yo no creo em brujas pero, que las hay, las hay”. Ele não queria se arriscar. Jose disse: - Bem, penso que vocês tem razão, a situação na “tuia” é mesmo muito ruim. Mas não e por medo de reza, não acredito nisso. É pelas crianças e os velhos que estão mal acomodados, dormindo no chão. Vamos fazer o contrário, primeiro arrumem as casas e depois vão cuidar do mato. Eu me arranjo com o patrão. O material necessário está a disposição. Há sacos de cal virgem para as paredes e para jogar no chão, pois ajuda a matar os bichos. A comida é de graça esta semana.

Todos respiraram aliviados. Foi a melhor saída, sem briga, sem muita conversa. Se dona Antonia era “curandeira” ou não, ninguém pode comprovar, mas ela despertou o respeito e a admiração de todos, pelo resultado.

Mamãe ri muito quando conta esta passagem sobre o trabalho.

Dois anos depois em 1926, após muito trabalho, conseguiram saldar a conta com o patrão e resolveram não renovar o contrato. Procuraram outro lugar para viver. Tinham conterrâneos que moravam em outra fazenda, onde havia mais liberdade e melhores condições, assim mudaram para lá, começando outro tempo de trabalho.”

*O Sr. **Helio Manfrinato**, nos relata que: “sua avó como herdeira da família Blumer, possuía muitos bens, mas com o passar do tempo, esses bens não foram bem administrados e*

perderam muito. A família tinha uma casa comercial no centro de Piracicaba na Rua Governador Pedro de Toledo com a Rua São José e trabalhavam neste estabelecimento”.

Já o Sr. **Juan Moreno Sebastianes** nos relata que: *“seu pai Rafael Moreno Beltram, chegou ao Brasil em 1956, na Espanha era vitivinicultor, eletricista e torneiro mecânico. Quando chegou iniciou seu trabalho na Fazenda Vassununga, em Santa Rita do Passa Quatro, após um ano de trabalho e certeza de sua adaptação, sua família veio para o Brasil em 1957. Ele era muito esforçado e observado em sua capacidade pelos patrões, com isso subiu de cargo, passou a ser caixa do armazém da fazenda. Como entendia de Química, dentro da usina teve uma ascensão profissional rápida, mas se desentendeu com o gerente da usina e pediu demissão. Foi para Jundiaí, trabalhar em uma produção de vinho. Trabalhou como meeiro em um sítio produtor de uvas, convenceu a dona do sítio a montar uma fábrica de vinhos, mas com qualidade, a dona queria somente quantidade com isso não deu certo e a família veio para Piracicaba em 1959. Aqui seu pai foi vendedor ambulante, com carroça e cavalo, depois foi trabalhar na fábrica Boyes de tecidos, como eletricista, passando o circuito de vendas ao seu filho Juan que tinha onze anos de idade. Lembro que quando a fiscalização aparecia eu fugia devido a pouca idade. Vendia verduras plantadas no seu quintal”.*

A Sra. **Theresinha Bergamin** nos relata que: *“meus avós paternos, eram residentes à Rua Moraes Barros, quase esquina com a José Pinto de Almeida. Por volta de 1927, já possuíam uma pensão e eram comerciantes. Meu pai Virgílio possuía um bar e restaurante denominado “A Bahiana”, sob o Clube Coronel Barbosa. Os intelectuais de Piracicaba levaram ao local, em 07 de dezembro de 1941, uma das maiores pianistas do mundo Magdalena Tagliaferro, para ali ceiar, após seu concerto no Teatro Santo Estevam. Ela encantou-se com o cardápio servido”.*

O Sr. **José Medinilla Florida** nos relata sobre o trabalho da família de seu pai, Francisco Medinilla.

“A família Medinilla chega ao Brasil em 1926, indo primeiro para a cidade de Mogi das Cruzes. A família se dedicaria á produção de carvão. Nesse período subsequente ao boom do café, a economia moderniza-se e, dentre as principais mudanças que se notam, destacam-se a rápida urbanização da população e a presença da indústria e da ferrovia. Apesar da energia elétrica já existir, não era tão abrangente. Por isso, o carvão ainda era a principal fonte de energia. Nesse contexto, o trabalho de carvoeiros era importante, pois a expansão da agricultura exigia novos campos e a vida “moderna” de São Paulo, necessitava

de carvão para suas atividades. Assim, a tarefa de derrubar matas no entorno da capital era comum. A família Medinilla se estabeleceu em Mogi das Cruzes com o intuito de trabalhar na derrubada das matas e fabricação de carvão. Francisco meu pai, certa vez se perdeu por três dias e três noites na mata, mas, conseguiu retornar para casa. Os homens faziam este trabalho, enquanto que as meninas ficavam em casa. A matriarca Dona Anna, por sua experiência, construía fornos de barro e também fazia pequenos consertos de roupas em uma pequena máquina de costura que trouxera da Espanha.

Sendo a atividade nômade, a família se mudou para várias cidades do estado. Saindo de Mogi das Cruzes, foram para Perus, onde trabalhavam em pedreiras e também com carvão. Neste período, a família se dividiu, pois uma parte dos homens estava trabalhando numa linha de transmissão que ligava São Paulo a Guararema. Com o fim desse trabalho, todos se juntaram em Perus. Posteriormente mudaram para Campo Alegre, um bairro de Torrinha, depois foram para Itirapina. E, em 1934, fixam moradia em Piracicaba. Isso só é possível devido ao fato de o patriarca Antonio, e os filhos já conhecerem bastante a atividade da carvoaria. Assim, ao invés de trabalharem no nomadismo da derrubada de matas, começam a comprar a produção de carvão nas redondezas da cidade, ensacar e distribuir.

Meu pai Francisco abre uma carvoaria chamada Itaúna. Mais tarde, ela se chamaria Carvoaria Rosário, que existe até hoje, porém em localização diferente.

O Sr. **Nelson Rodrigues Martinez** nos relata que; *“seu avô paterno Manoel Rodrigues Martinez, nasceu em 09 de fevereiro de 1884, chegou ao Brasil em 1898, sua família foi morar na cidade de Campinas. Meu avô faleceu em 1928, vítima de um acidente de trabalho, trabalhava na área de eletricidade e telefonia. A família de meu avô foi responsável pela instalação da rede telefônica em Campinas.”*

O Sr. **Sergio Salgot** nos relata que; *“minha avó Rosa veio com os dois filhos, acompanhar seu cunhado que era pároco. Meu pai tinha dez anos em 1931, chegou em Piracicaba em 1934, estudou na escola do comércio, depois ficou um ano no seminário. Por escolha própria, decidiu sair, mas o tio pároco o influenciou para ficar mais dois anos no Seminário Diocesano de Campinas. Em 1936 foi para o Rio de Janeiro estudar na Universidade do Brasil, com a condição de se naturalizar brasileiro. Ficou até 1939, de 1940 a 1941, estudou no Colégio Universitário, de 1942 a 1946, fez a universidade de Engenharia Civil e em 1947 retorna a Piracicaba, onde tinham poucos engenheiros civis. Ele trabalhou muito em sua área, projetou muitas casas”.*

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM – INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM COTIDIANA

Em relação a percepção da paisagem segundo a bibliografia consultada e segundo alguns depoentes, a percepção era muito particular, isto porque, percepção envolve as questões relativas aos sentimentos humanos que são imensuráveis. Muitos, antes da viagem, criavam imagens, muitas vezes diferenciadas das encontradas no Brasil. As distancias percorridas eram longas, o acesso aos municipios era difícil. Outros gostavam do que viam.

Segundo **Rosalý Curiacos** *“meu pai chegou ao Brasil em 1910, desembarcou no Rio de Janeiro, era carnaval, achou curioso a roupa, principalmente das moças”*.

Segundo **Mercedes Gomez**; *“minha mãe nos contava que a viagem de trem para a cidade mais próxima da fazenda de café. No caso de sua família, foi para Piracicaba. Era um mundo totalmente desconhecido para todos que ali estavam. A começar pelo idioma. Não entendiam nada. Os agentes falavam um espanhol enrolado, mas faziam-se entender, mas os funcionários e o resto das pessoas com quem mantinham contato, não se esforçavam nem um pouco para se comunicarem*

Segundo o **Sr. Juan Sebastianes**, sua chegada ao Brasil foi marcante, para tanto escreveu um texto retratando tão rica experiência, intitulado a “A Chegada Maravilhosa”.

Em 1957, eu tinha 8 anos e fiz a viagem mais importante da minha vida: sai da Espanha e vim viver no Brasil. Meu pai havia vindo um ano antes, por isso vim com minha mãe e meus dois irmãos, o barco, o Cabo da Boa Esperança.

Depois de quinze dias de viagem, o barco entrou na Baía da Guanabara, pela manhã. Foi uma chegada inolvidável, o mar, as montanhas, o Cristo Redentor, as praias,..., todas as maravilhas da cidade mais bonita que já vi, até hoje. Me parecia que estava entrando no Paraíso.

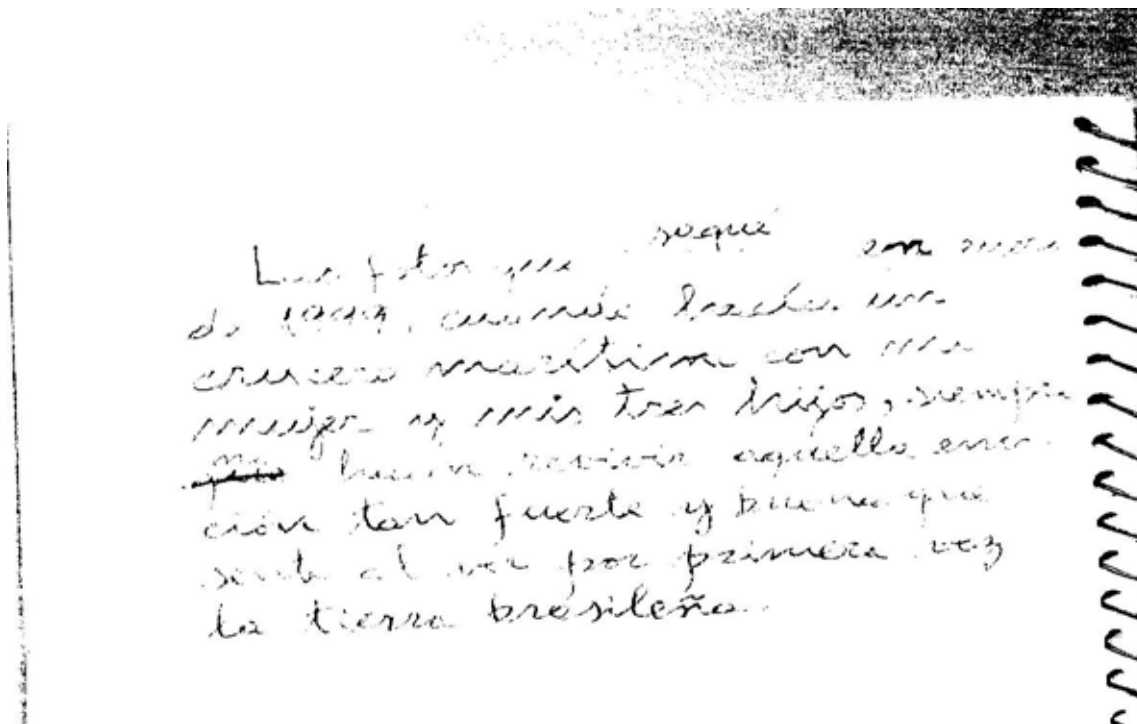
Desembarcamos e tivemos algumas horas para caminhar pela cidade. Foi a primeira vez que pisei em solo brasileiro e conheci pessoas de raças diferentes, chamando-me atenção os afrodescendentes. A tarde saímos do Rio de Janeiro para desembarcar finalmente em Santos, onde nos esperava meu pai.

LA LLEGADA MARAVILLOSA

En ^{marzo de} 1957, yo tenía 8 años y hice el viaje más importante de mi vida: sali de España y vine a vivir a Brusel. Mi padre había partido un año antes; por eso vine con mi madre y mis dos hermanos ^{mi} hacia el Cabo de Buena Esperanza.

Después de 15 días de viaje, el barco entró en la bahía de Juanesburga, por la mañana. Fue una llegada inolvidable, el mar, las montañas, el Suroeste Africano, las playas, ... todas las maravillas de la ciudad más bonita que he visto hasta hoy. Me parecía que estaba entrando en el Paraíso.

Desembarcamos y cubrimos algunas horas para caminar por la ciudad. Fue la primera vez que pise en suelo brasileño y conocí personas de razas tan diferentes, llamándome la atención los afrodescendientes. Por la tarde, salimos de "Rio de Janeiro" para desembarcar en ^{la} ~~ciudad~~ ^{en} Santos, donde nos ~~instalamos~~ ^{instalamos} ~~en~~ ^{en} ~~un~~ ^{un} ~~gran~~ ^{gran} ~~edificio~~ ^{edificio}.



As fotos que tirei em 1999 quando fiz um cruzeiro marítimo com minha mulher e meus três filhos, sempre me fazem reviver aquela emoção tão forte e boa que senti ao ver pela primeira vez a terra brasileira.

Neste texto, o Sr. Juan Sebastianes, nos conta como foi a sua chegada ao Brasil, que foi uma experiência tão boa, que retornou ao local em 1999, com sua mulher e seus três filhos, para rever o local e reviver as emoções da primeira vez em terras brasileiras.

ALIMENTAÇÃO

Outro eixo temático é sobre alimentação, um elemento importante no cotidiano das famílias.

Segundo o Sr. Issa Elias Rizk, “minhas atividades sempre estiveram ligadas ao setor gastronômico, e fui o primeiro a vender produtos e alimentos árabes em Piracicaba”.

Segundo a **Sra. Rosaly Curiacos**; *“a alimentação era uma preocupação constante em minha casa, minha mãe organizava a mesa com toalhas e guardanapos de linho branco, servia muito quibe (assado, cru e frito), muita coalhada (fresca e seca), frango recheado com trigo, arroz de charie (é uma localidade do Líbano), charuto, abobrinha, berinjela recheada, tahine, lentilha, etc. No dia de Reis seis de Janeiro, é uma tradição no Líbano trocar presentes, neste dia, se fazia um doce especial, macaron rachev, parecido com amantegado a base de manteiga”*.

Segundo a **Sra. Laurinda Massuh Pinese**; *“a comida árabe estava presente em nosso cotidiano”*.

Segundo a **Sra. Clarice Zaia Elias**; *“para as mulheres era muito importante, aprender a fazer a comida árabe, antes de meu casamento, frequentava a casa de minha sogra todos os domingos, para aprender fazer e servir os alimentos árabes”*.

Segundo o **Sr. Elias Sallum**; *“a comida árabe é temperada com alegria. Na Síria, o ato de comer é mais uma manifestação de alegria e prazer de viver. Além do conhecido quibe, da popular esfira, do homus (pasta de grão de bico), do charuto (arroz enrolado em folhas de parreira), há pratos igualmente saborosos. É o caso do churrasco sírio, de carne de carneiro, em cada espeto, junto com a carne moída, são colocados pedaços de cebola e tomates. Não podemos esquecer da berinjela e pimentões recheados com carne ou arroz, nem de outro prato bem comum, que é o trigo cozido com lentilhas. E os deliciosos doces como o Knafi (macarrão fino recheado com nozes, nata e pistache), o Baklawa (mil folhas orientais), o Kolchkor, que quer dizer “come e agradece”, é uma massa recheada com nata, calda de açúcar e pistache com amêndoas, é comer e simplesmente agradecer”*.

Os depoentes espanhóis nos relatam sobre alimentação o seguinte;

Segundo **Mercedes Gomez**; *“com o tempo foram se acostumando, aprendendo o jeito de viver no Brasil, a comer feijão todos os dias, a esquecer as frutas e as comidas que só havia na Espanha. Aprendendo a viver em uma comunidade formada por todo tipo de nacionalidade, espanhóis, italianos, caboclos, negros, japoneses, portugueses e um ou outro alemão. Fora os patrões, todos eram muito pobres e quase sempre ficavam devendo no armazém. Assim, não podiam sair de lá até pagar. Não tinham ferramentas próprias, nem animais para ajudá-los. Tudo era fornecido pelo administrador. Para meu avô, foi muito*

difícil tudo isso. Estava acostumado a ter suas terras, a plantar o que quisesse. Tinha até um pequeno celeiro onde armazenava trigo, milho, azeite, mel e frutas secas. Foi uma mudança drástica e triste: muito trabalho, economia e saudade”.

Segundo o Sr. **Juan Sebastianes**; *“logo nos adaptamos a alimentação brasileira, devido às condições econômicas. Comíamos os alimentos mais acessíveis, pois os ingredientes eram caros para nossa família”.*

EDUCAÇÃO DOS FILHOS

A educação dos filhos era uma preocupação importante dos imigrantes, em geral. Para muitos, a formação escolar dos filhos se constituía na mais importante via de ascensão social. Os sírios-libaneses, embora os pais se expandissem em atividades comerciais e industriais, tiveram para os filhos uma inserção nas chamadas profissões liberais (direito, medicina e engenharia). Observamos diversos casos que ilustram, como estratégia bem sucedida, a educação dos filhos, como uma espécie de carteira de investimentos familiares. Exemplificamos com um caso entre um sírio-libanês e uma espanhola.

Segundo Truzzi (2008, p. 152)

Jorge Salim Aidar se casou com Maria da Purificação Bravo Aidar, uma espanhola e teve seis filhos homens. Jorge começou como mascate e depois de alguns anos se estabeleceu como comerciante em Olímpia. Mais tarde, já próspero, tornou-se fazendeiro, envolvendo-se com o comércio de café. Um de seus filhos faz questão de frisar, no entanto, que a família era essencialmente comerciante de armarinhos e que, mesmo depois de proprietários de fazendas, não abandonaram esse tipo de comércio. Sua esposa, determinada em formar seus filhos doutores, fez que todos estudassem, mesmo tendo a família de sofrer privações. Outros parentes, cientes de tais circunstâncias, mostraram ao casal a insensatez da situação: alguns filhos podiam estudar enquanto outros trabalhavam, ajudando a composição do orçamento doméstico. Mas os argumentos esbarravam em dona Pura. Manteve-se inflexível, seus filhos Salim e Orlando formaram-se na Faculdade de Medicina em 1933 e 1938; Silvestre, Anis e Newton, na Faculdade de Direito na década de 1940; e Tuffy na Escola Politécnica em 1944.

A educação dos filhos era muito importante, desde a alfabetização, até a formação profissional em alguma área.

O Sr. **Antonio Carlos Neder**, nos relata que; *“meu pai Antonio Neder Knet, foi mascate, chegou em Piracicaba em 1927 onde abriu uma loja de tecidos “Casa São Carlos”. Ele incentivava e oferecia condições para os filhos estudarem. Estudei e me formei em 1964, pela Faculdade de Odontologia da UNICAMP – em Piracicaba. Ele exerceu inúmeros cargos dentro de sua carreira, já ministrou inúmeras palestras e cursos, e atualmente é membro da Academia Mundial de Ciências, Tecnologia e Formação Profissional. Foi um dos criadores da disciplina de Farmacologia para cursos de Medicina”*.

A depoente **Mercedes Gomez nos relata** que; *“quando tinha sete anos de idade, em 1949 seus pais moravam em um sítio, e decidiram trazê-la para morar com sua avó e tia Paca em Piracicaba. Fiquei um ano morando com eles. Foi maravilhoso aprender a ler e a escrever. Um mundo novo se abria para mim. Em 1950 minha avó mudou para São Paulo e decidiram que iria com ela, Foi uma experiência marcante. A escola, a convivência com outras pessoas. Mas, em agosto do mesmo ano, meus pais mudaram-se para um sítio no bairro Pau-Queimado, onde havia um grupo escolar, ficamos neste local por um ano e meio e depois mudamos para Piracicaba.”*

O Sr. **Juan Sebastianes**, nos relata que sua educação foi pautada em esforços. *“Eu e todos os meus irmãos nos formamos em nível superior, Rafael fez Física na UNESP, eu fiz Engenharia Agrônômica na ESALQ – USP, e Carmen minha irmã, também se formou pela ESALQ-USP. Estudei nas escolas públicas Honorato Faustino e no Sud Menucci, fiz admissão, me esforcei e fui muito bem, a ponto de dar aulas para os filhos dos vizinhos. Quando ingressei na universidade, passei em primeiro lugar, ainda estudante universitário, fui convidado para dar aulas no cursinho, onde comecei minha carreira como professor”*.

A família do **Sr. José Medinilla**, também se esforçou para que os filhos estudassem. Exemplo disso foi o seu avó que, “*contratou um professor para dar aulas para todos seus filhos, pois não admitia que fossem analfabetos*”.

SITUAÇÃO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL – 1939-1945.

Neste período, os imigrantes sofreram restrições, mas, os grupos imigrantes mais afetados foram os italianos, japoneses e alemães, que constituíam a representação dos países do Eixo (Itália, Japão e Alemanha). As pressões sofridas por todos os imigrantes e descendentes dos países do Eixo, eram ainda maiores sobre os japoneses, isto porque a fisionomia e os costumes orientais não davam a eles a menor chance de se livrarem de algumas proibições e preconceitos.

O sinal de mudanças estava em toda parte. Clubes recreativos e associações foram fechados. As pessoas deixaram de ir a igrejas onde os cultos eram realizados nas línguas proibidas.

Sabe-se também que durante a Segunda Guerra, os contatos entre os imigrantes que aqui viviam e os seus conterrâneos na Pátria de origem haviam sido cortados.

Alemães, italianos e japoneses que escolheram o Brasil como segunda pátria viveram momentos de pavor e tensão durante a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro impôs restrições e perseguiu imigrantes.

O então presidente Getúlio Vargas declarou guerra à Alemanha em 31 de agosto de 1942. Na Europa, os conflitos haviam começado em 1939, mas o Brasil se manteve neutro. Só reagiu depois de sucessivos ataques de submarinos alemães a navios brasileiros. A resposta veio na forma de aliança com Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética, países do bloco Aliado.

A guerra mexeu profundamente com a vida dos imigrantes estrangeiros, que passaram a ser considerados inimigos da nação. Não importava o quanto eles estavam adaptados à vida cotidiana e nem o trabalho que desempenhavam nas fazendas de café e lavouras.

Os espanhóis, sírios-libaneses e seus descendentes, embora não participassem dos grupos imigrantes do Eixo, se mantinham em suas atividades de forma discreta, e com temor.

O pai de nossa depoente **Helenice Gutierrez**, nesse período era jogador do time Associação Atlética Sucrierie, que teve que modificar o seu nome para: Associação Atlética Piracicabana, devido a Guerra. Segundo seu relato; *“Fundado em 08 de fevereiro de 1914 por trabalhadores do Engenho Central. O Engenho era de propriedade da empresa francesa Societé de Sucreles Bresilienes, que através de seu diretor, Dr. Holger Jensen Kok, doa um terreno para ser o campo de futebol do time. Os jogadores decidem homenagear a empresa colocando o nome de Associação Atlética Sucrierie. Durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente Getúlio Vargas institui uma lei que exige que associações, grêmios, federações e ligas com insígnias ou símbolos estrangeiros tenham seus nomes grafados em português, sob pena de perder seus direitos civis e constitucionais e assim, em 1941, passou a chamar-se de Associação Atlética Sucrere (sem o i). Mas, em 14 de junho de 1942 passa a se chamar definitivamente Clube Atlético Piracicabano”*.



Foto do pai da Helenice, Agustin Gutierrez, com a camiseta do time Associação Atlética Sucriere, em 1935. E na sequencia, um recorte de jornal de 1947, onde em noticia demonstra o Clube Atlético Piracicabano – C.A.P. sendo campeão amador. – Foto do arquivo pessoal de Helenice



C.A.P. – CLUBE ATLÉTICO PIRACICABANO – Campeão Amador no ano de 1947
Recorte jornal – Arquivo Helenice Gutierrez

CASAMENTOS

A tradição de usos e costumes dos sírios-libaneses nos mostra que eles sempre foram educados a se casarem com “patrícios”. A força patriarcal atuava fortemente sobre o destino conjugal dos filhos. Essa longa tradição destilou um velho provérbio árabe: “tudo vem por sorte, menos o casamento, que vem por arranjo”.

Segundo o **Sr. Elias Sallum**; *“os pais não só não admitiam a miscigenação, mas entendiam que seus filhos não poderiam achar melhor par senão entre os seus, pois acreditavam que, desta forma, as famílias se entenderiam melhor e viveriam em harmonia. No passado, quando ainda se confundiam as etnias síria e libanesa, por força do Império Otomano, acabou consolidada a apreciação externa, muito usada entre outros segmentos da sociedade paulista, de que “turco só casa com turco”.*

Com o passar do tempo, os pais foram permitindo casamentos entre outros grupos. Como exemplo nossa depoente, **Clarice Zaia Elias** que era de uma família italiana e casou-se com Oswaldo Elias, descendente de sírio-libanês em 1955.

A Sra. **Faridy Nassar Arbex**, descendente de sírio-libanês, se casou com um também descendente, Chafi Arbex.

O Sr. **Antonio Carlos Neder**, se casou com a Sra. Jamile Sarkis Neder, descendente de sírios em 1962.

A Sra. **Laurinda Massuh Pinese**, que se casou com descendente de italianos em 1957. Em sua família os mais velhos teriam que se casar antes, assim uma de suas irmãs se casou com um libanês e outra com italiano.



Foto do casamento da Sra. Laurinda com Argemiro Pinese em 23 de junho de 1957 – Foto de seu arquivo pessoal.

Os seus pais se casaram na Síria, seu pai já morava no Brasil, voltou a Síria para se casar. Retornando ao Brasil em Fevereiro de 1926 para cidade de São Paulo e no mês de Agosto do mesmo ano vieram para Piracicaba.



Foto do casamento dos pais de Laurinda na Síria em 07 de Agosto de 1925- Arquivo pessoal de Laurinda.

Segundo **Rosaly Curiacos**, seus pais se casaram em 23 de abril de 1930, tiveram sete filhos, por ocasião de suas bodas de ouro tiraram essa foto com os filhos.



Em pé da esquerda para direita, os filhos; Antonio, Elias, Helena, Maria Zilda, Alice, Rosaly e Luis. Sentados seus pais José e Mary. Foto tirada em 23 de abril de 1980. Arquivo pessoal Rosaly.

Seu pai faleceu em 02 de Julho de 1980, e foi homenageado com um nome de Rua no Jardim Planalto, bairro de Piracicaba.



Família em inauguração da rua por nome José Curiacos, conforme placa. Nesta foto estavam seus filhos, da esquerda para direita, Luiz Curiacos, Rosaly, Maria Zilda, Sra. Mary Nacif Curiacos (esposa ainda de luto), Antonio, Alice, Helena, Elias, o genro Felisbino de Almeida Leme, esposo da Rosaly, com seu filho Alexandre no colo. Foto do acervo pessoal de Rosaly.

Ainda sobre casamentos, dentre os relatos temos o da Sra. **Mercedes Gomez** que nos conta sobre seus pais; *“os jovens se casavam muito cedo, mas quase sempre continuavam com os pais. Era muito comum isso, pois havia dificuldade em encontrar casa, comprar ferramentas e animais para o trabalho. Meu pai Ricardo se casou, com uma filha de italianos, Catarina. Logo ela engravidou e ao completar um ano de casada, teve uma filha e infelizmente, um mês após o parto, veio a falecer e quinze dias depois sua filhinha também faleceu. Passado algum tempo meu pai se casou com minha mãe em 24 de junho de 1933.*

Apenas no civil, pois não tinham dinheiro para pagar o religioso também. Alguns anos depois, as freiras do asilo conseguiram um padre que os casou na Igreja, sem cobrar nada”.

CAMINHOS PARA UMA VIDA INDEPENDENTE

A comunidade sírio-libanesa de Piracicaba, teve suas atividades sempre ligadas ao ramo comercial. Mas, a trajetória de muitos como mascates buscando uma vida independente, teve um percurso árduo.

Para uma vida independente, tinham que regularizar sua permanência no país, como exigência do governo. Segundo **Rosaly Curiacos** seu pai tinha estes documentos, a seguir apresentados. Em 1916, seu pai era comerciante em Minas Gerais no município de Manhuaim.

Republica dos Estados Unidos do Brazil

Alcance de 10 11
N. 3421

Título de eleitor
Estado de Minas Geraes
Município de Leopoldina
Cidade de Cirapitanga

Nome do eleitor
José Curiacos

Qualificativo

Idade 29 annos
Patrião Benjamim José
Estado civil solteiro
Profissão negociante

Numero de ordens
no alistamento geral
3825

Rubrica do Presidente do
Comitê de Eleições
Carlos Otton

Assinatura do Presidente do
Comitê de Alistamento
[Assinatura]

Assinatura do eleitor
José Curiacos

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Título de Eleitor de José Curiacos - Arquivo pessoal Rosaly Curiacos



Certidão de registro de estrangeiros – Arquivo pessoal Rosaly Curiacos. Em 1940 já é comerciante em Piracicaba.

Entre os espanhóis e seus descendentes, se diversificaram os ramos profissionais. O caminho percorrido e escolhido por muitos, foi a estratégia de aumentar o nível de educação dos filhos, como já apresentamos.

Uma característica comum entre os grupos estudados foi a união entre os membros da família sendo esta estratégia de fundamental importância para o êxito de todos.

Essa união, sempre que possível, era retratada em fotografias, enviadas aos parentes e amigos, para demonstrar a ascensão social e bem estar de todos.

Apresentaremos algumas fotos familiares, disponibilizadas por nossos depoentes.



Família de **Laurinda Massuh Pinese** – Esta foto foi tirada no ano de 1954 – em pé da esquerda para direita os filhos, Linora, José, Laurinda, sentados; a mãe Lahinda, a filha Josefina, o pai Esper C. Massuh.

A família de **Rosaly Curiacos**



Família **Curiacos**, da esquerda para direita, Rosaly, Luis, Elias, Helena Alice, sentados os pais Mary e José, entre os pais a filha Zilda. Arquivo pessoal Rosaly Curiacos.

A família do Sr. **Helio Manfrinato**, retratada no início do século XX.



Nesta foto vimos da esquerda para direita o filho Quinzinho (Joaquim Rodrigues de Almeida Filho), sentado Antonio Rodrigues de Almeida, no colo Olga Rodrigues de Almeida (mãe do Sr. Helio Manfrinato), sentada de preto Sra. Maria Blumer Rodrigues de Almeida, em pé Joaquim Rodrigues de Almeida (fundador da Sociedade Espanhola de Piracicaba). Observamos que esta foto é muito antiga, sendo que a mãe do Sr. Hélio Manfrinato ainda era uma criança de colo, a família tinha muitas posses o que é caracterizado por terem foto desta época e as vestimentas. Para comprovar que a foto é muito antiga, do início do século XX, o Sr. Hélio nos demonstra sua certidão de nascimento, apresentada a seguir do ano de 1922.

ESTADO DE SÃO PAULO

DISTRITO DE PIRACICABA



Município e comarca do mesmo nome

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

N. 246

Fls. 179

Certifico que no livro n. 75 de assentamentos de nasci-

mentos está registrada uma criança do sexo masculino,
nascida no dia 27 de Fevereiro de 1922 às 4
horas, à rua Prudente Moraes, 153, com
o nome de *Hélio*, filho

de *Antônio Manoel Manfrinato*
e de dona *Clara Rodrigues Manfrinato*

São avós paternos *Antônio Manoel Manfrinato*
e dona *Clara*

e maternos *Joaquim Rodrigues de Almeida*
e dona *Maria Blumera de Almeida*

O referido é verdade e dou fé no Cartório de Paz do distrito de
Piracicaba, 7 de Março de 1922

Antônio ali

Antonio Cardinali
Escrivão de Paz
Registro Civil

Emolumento recebido por esta certidão... R\$ 2,00
OBSERVAÇÕES:
O oficial do Registro Civil interno
J. B. B. B.

Certidão de nascimento do Sr. Hélio Manfrinato de 27 de fevereiro de 1922.

A família de **Mercedes Gomez**, também após trabalhar duro em sítios, veio para Piracicaba e sua mãe começou a revender roupas, compradas em São Paulo em lojas de Sirios-Libaneses. *”mamãe parou de vender verduras, trocou a cesta de bambu pela mala de enxoval. Papai ajudava, a cada dois meses iam para São Paulo e traziam novidades. Todos os filhos, trabalhavam fora, o que mudou muito nossa situação financeira. Todos trazíamos o salário e depositávamos nas mãos de papai, que repassava para mamãe. Não era uma imposição, parecia normal que assim fosse. Quando um de nós ia se casar, ficava com um tanto, por algum tempo, para comprar o necessário. Por essa razão, não era nenhum disparate pensar em construir uma casa nova, e deixar um espaço na frente, para um dia, construir uma lojinha. Tínhamos um ideal e uníamos força, como uma cooperativa”.*



Foto da família de **Mercedes Gomez**, em uma viagem para Bom Jesus de Pirapora no ano de 1954. Da esquerda para direita; Ricardo Gomez Filho, Ricardo Gomez, no colo Luzia Gomez Benites, Josefa Añon Gomes, Josefa Gomez Anhão(filha), avó paterna, Isabel Domingues Gomez, avó materna Ana Rando Rasero, Amadeu Gomez Domingues, Mercedes Gomez (com 13 anos). As crianças da frente, José Gomez Anhão, Maria Gomez Castilho,

Nelson Gomez Anhão. Observamos ao lado um carro, pois foram alugados dois carros para levar a família, ao centro de romaria em Pirapora.

Muitas atividades de ajuda mútua, além de existirem entre as famílias imigrantes era reproduzida nas Sociedades Espanhola e Sírio-Libanesa.

Na SOREAL, ajudavam os espanhóis que chegavam, com atendimento médico e indicações de trabalho. Por terem suas atividades interrompidas, por questões já apresentadas, atualmente a união e esforço, são voltadas para recuperação e restauração do prédio e seus arquivos.

A Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba, como nunca teve suas atividades interrompidas desenvolveu atividades de ajuda como; Projeto Aconchego (casa que cuida de crianças soro positivas), a SBSL, doa mensalmente alimentos para o lanche dessas crianças.

Projeto inclusão digital, atendendo de vinte a trinta crianças da Casa do Bom Menino, na sede da Sociedade, em espaço criado para esse atendimento.



A Sociedade Beneficente Sírio Libanesa de Piracicaba também mantém um espaço de Biblioteca e Galeria de Objetos Culturais e Históricos.



Parte do acervo -Fotos de Maria Dalva de Souza Dezan – Abril/2012

Há diferenças nítidas entre as condições de viagem e inserção no trabalho dos vários informantes e de seus familiares.

Alguns vem em condições bem adversas e se arrependem quando percebem qual o trabalho que terão que realizar no Brasil.

Outros vem com meios próprios se tornam autônomos como comerciantes devido ao conhecimentos técnicos que possuíam.

CAPITULO 05 - IDENTIDADE CULTURAL – MANUTENÇÃO ATRAVÉS DAS DIFERENTES ESTRATÉGIAS

A Geografia como ciência social participa dos interesses contemporâneos sobre as questões de identidade e de fenômenos identitários. A noção de identidade cultural é explorada pelo conjunto das ciências humanas e sociais, através de inúmeras abordagens específicas e interdisciplinares.

O tema migração que envolve imigrantes, emigrantes ou migrantes, como fato social que corresponde às diversas esferas da vida em sociedade, permite argumentações sobre o tema identidade, envolvendo e analisando aspectos de nossas identidades que surgem do sentimento de “pertencimento” que se baseia em especificidades culturais étnicas, linguísticas e até religiosas.

Assim sendo, é possível compreender que é comum existir uma grande diversidade cultural em um mesmo ambiente natural. Podemos fazer uma analogia pois percorrendo em tempos diversos, espaços diferentes, diversos imigrantes, no final do século XIX e início do século XX, chegaram ao Brasil e especificamente em Piracicaba.

A vinda para o Brasil de imigrantes de diversas nacionalidades pode ser dividida em quatro fases, incluindo os africanos que constituíram a massa popular até a abolição da escravatura: a primeira fase dá-se a partir de 1824, quando tivemos a presença maciça de imigrantes italianos; em 1906, inicia-se o segundo período, tendo crescido a imigração portuguesa, espanhola e alemã; o início da imigração japonesa ocorre em 1908; o terceiro período vai do final da Primeira Guerra até 1945, quando aumenta o número de imigrantes portugueses e das chamadas “outras nacionalidades”: poloneses, russos, romenos, judeus. O quarto período começa em 1945, com a chamada imigração espontânea, impulsionada por “cartas de chamada”, enviadas por parentes. A partir de 1960, começam a chegar os coreanos, embora, já nesta fase, o número de imigrantes tenha declinado muito. Em 1980, chegam muitos latino-americanos. A partir desta década, passa a ser significativa emigração de brasileiros para o Japão, para países da Europa e para os Estados Unidos.

Essa diversidade de etnias caracteriza a diversidade cultural da população brasileira, constatada em diversas pesquisas, em áreas diversas do conhecimento.

Segundo Mazza e Simson,(2011 p. 03)

A migração aponta tanto para a dimensão espacial e para a esfera econômica da produção, circulação e consumo de bens materiais, quanto para a dimensão simbólica e as esferas da família, das instituições religiosas, jurídicas e morais que reportam a diferentes contextos culturais.

É incontestável que cada um desses imigrantes, dentro do seu contexto, possui uma bagagem cultural. Nossa questão envolve a forma como esses imigrantes trataram de adaptar seus hábitos e costumes à nova terra. Como resposta, temos diversos depoimentos coletados, através de entrevistas, biografias, históricos familiares e pela transmissão cultural, que acontece de geração a geração.

Por intermédio deles, pode-se “mergulhar” nos aspectos acima mencionados, tais como etnias, religiões, nacionalidades. A este respeito, ao estudar um grupo de imigrantes do ponto de vista de sua identidade cultural, observa Demartini, (1999,p.136):

[...] para conhecer os grupos, fomos nos transformando, questionando nossas próprias identidades. Fruto desta vivência em contexto de relações entre tantos grupos, o que seria para nós sermos “brasileiros”? Que marcas carregamos dos vários grupos que foram constituindo a população paulista e paulistana? Nenhum deles viveu aqui isoladamente; as relações sociais foram múltiplas [...]

Os estudos relativos à cultura e imigração levantam questões relativas à história à geografia e a memória. História, do ponto de vista da experiência coletiva dos homens no que se refere a sua elaboração do passado. Memória, significando evocação e também registro e armazenamento do que foi lembrado; muitos, depois de analisados pela história são transformados em artigos, livros e pesquisas.

Sabemos que as relações entre história e memória são múltiplas e complexas. A matéria-prima que ambas usam é a mesma. A memória é fonte de informação para a construção do saber histórico. A história, como saber específico, está voltada para a produção de evidências e, neste sentido, tem uma função questionadora da memória. A história como procedimento epistemológico fornece conceitos, símbolos e métodos para que o homem se conheça, estabeleça relações entre o presente e o passado.

A constituição da memória, coletiva ou individual, envolve conhecer o passado por meio de seus vestígios e do testemunho de pessoas que nele viveram. Recorre-se à memória do narrador. Lembrar é reconstituir o passado com olhos e valores de hoje. O documento criado pela recuperação da memória é um documento do presente e, ao mesmo tempo, uma reconstrução de fatos passados. Memória é elemento constituído de sentimento de identidade (individual ou coletivo) relacionado ao sentimento de continuidade e de coerência. Neste sentido, a memória é utilizada como fonte para o estudo de processos de deslocamento e de inserção em novos contextos.

Segundo Demartini (1999,p.140):

as memórias remetem a pessoas, lugares, tempos, sentimentos, cheiros, sensações etc., dos quais seria difícil tomar conhecimento por outras vias. Ao falar sobre suas lembranças, os sujeitos parecem se inserir novamente naquele momento/espço lembrado, com todas as marcas que dele carregam.

Ao discutir a temática da memória, Portelli⁶ (2001-2201,p.32) refere-se ao aspecto “instrumental e estatístico” – segundo ele, compartilhado e relatável – das memórias individuais, mas também ao aspecto “qualitativo, no sentido de que há o encontro entre um acontecimento, um lugar e uma subjetividade individual, uma história pessoal, individual, um passado e um futuro individuais”.

As identidades sejam elas nacionais, grupais, familiares, religiosas, étnicas, envolvem lembranças e esquecimentos. Memória e História estão, portanto, envolvidas em diversas batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados, assim como pela demarcação daqueles que devem ser esquecidos.

Em suas observações sobre o vínculo entre memória e identidade, Pollack (1992,pp 204-5) auxilia-nos nas reflexões sobre as memórias dos imigrantes, quando afirma que:

é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...]

⁶ ALMEIDA, P. R. e KOURY, Y. A. História Oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. História & Perspectivas, p. 25-54, (2001-2002).

Quando nos referimos ao termo “identidade”, relacionado ao termo “cultura”, constatamos a pertinência da noção de identidade e sua riqueza conceitual, que facilita a convergência de perspectivas temáticas diversas, não apenas nas ciências humanas, mas entre outras áreas das ciências. Como categoria cultural e social, o conceito de identidade leva-nos a questionar a maneira de expor e discutir o fenômeno identitário. Isto porque toda a identidade se define por um conteúdo que pode ser percebido a partir de perspectivas diferentes que podem incluir, igualmente, aspectos de ordem física ou psíquica, material ou imaterial. Assim, a identidade exprime-se e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas.

A imigração, como fenômeno cultural e identitário, tem dupla dimensão: tanto de fato coletivo como de itinerário individual. Ao analisá-la da perspectiva da sociedade receptora, pode-se constatá-la como um fato social total, que envolve e permite o cruzamento das diversas ciências. Falar de imigração em sua dimensão diacrônica e também sincrônica implica abordar as estruturas presentes na sociedade e seu funcionamento.

Não se pode esquecer também as condições sociais que produziram a emigração no país de origem e as condições da imigração do país receptor. O contato do imigrante com a sociedade que o recebe, o momento em que ele sai do grupo e conquista, ou pretende conquistar, um espaço público e, principalmente, em que questiona a representação construída sobre ele, são fatores de suma importância.

Ao considerarmos a difusão cultural, estão envolvidos os que, ao se deslocarem, compartilham sua cultura – quando, então, sua esfera de comunicação e os símbolos aí incluídos prevalecem sobre os de outras culturas em novos territórios.

Na perspectiva geográfica, o sentido de lugar e identidade, encontramos ideias exploradas a partir dos anos 1970 com a emergência das correntes humanistas e a expansão da Geografia Social.

Nesse sentido nos afirmam, Corrêa e Rosendhal (2000, p. 166):

A identidade assume então um alcance geográfico novo, pela mediação conceitual do “sentido do lugar”. Porque participa inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos, o lugar influencia, até mesmo constrói, tanto subjetivamente como objetivamente identidades culturais e sociais. O lugar é considerado como suporte essencial de identidade cultural, não mais em um sentido estritamente naturalista, mas porque fica evidenciado o vínculo fenomenológico e ontológico fundamental que ancora a pessoa humana naquilo que Eric Dardel chamou de sua “geograficidade”.

A língua, como meio essencial da comunicação humana, é obviamente um componente crucial de qualquer cultura. Sua influência exata sobre esta tem sido estimada, mas nunca estabelecida claramente. Seja como for, a língua, por sua vez, é fortemente afetada por outros aspectos de uma cultura. Quaisquer que possam ser estas inter-relações, a linguagem de uma comunidade é uma de suas características distintas.

Uma cultura pode, certamente, abranger ou sobrepor diversos grupos linguísticos diferentes, desde que seja mantida algum tipo de equivalência entre os sistemas simbólicos coexistentes. Da mesma forma, um grupo linguístico pode ser dividido entre diversas culturas diferentes.

É impossível separar as palavras de uma língua dos outros mecanismos de comunicação sempre associados a elas. Exclamações, gestos, expressões faciais etc. também são linguagens. De outro modo, pinturas, emblemas e tudo o que é regularmente reconhecido como “significando algo” também são linguagens. E, finalmente, objetos e comportamentos de todos os tipos entram no processo de comunicação. A cultura atribui significado a tudo, desde os sons vocais deliberadamente articulados até a seres, objetos e lugares.

A atribuição de significados, inerente à cultura, orienta a ação (seja ela vista como simbólica ou utilitária) e resulta, deste modo, em expressões concretas, como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais. Portanto, o caráter desses elementos da cultura deve ser amplamente inferido da base de características significativas da comunicação e simbolização, de fórmulas verbais a trajes e gestos associadas a elas.

Em relação ao gesto – que, aqui, pode ser uma via de análise mais profunda da cultura, por conseguinte da identidade, do que aquela oferecida pela linguagem –, Câmara Cascudo (2003,p.19) afirma que ele é “a comunicação essencial, nítida positiva”. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem [...]. A Palavra muda. O Gesto não [...].

Muitos imigrantes, ao chegar, não dominavam a língua que se falava no Brasil e, durante muito tempo, comunicaram-se por gestos, uma comunicação essencial, mais facilmente entendida por diferentes culturalmente falando.

Toda a complexidade que envolve os temas cultura, imigração, diversidade, ou pluralidade cultural, levou a tantas discussões que a UNESCO⁷ – criou uma *Declaração*

⁷ um dos órgãos filiados a ONU – Organização das Nações Unidas voltado para a Cultura.

universal sobre a diversidade cultural”, considerando esta última um dos principais patrimônios da humanidade. Resulta como produto de milhares de anos de história, na qual localizamos o maior dos deslocamentos humanos, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, fase em que ocorreram as imigrações para o Brasil. A mobilidade humana no século XXI também é intensa em todo o mundo.

Há uma contribuição coletiva de todos os povos, através de suas línguas, imaginários, tecnologias, práticas e criações. Para essa diversidade cultural, a cultura adapta formas distintas que sempre respondem a modelos dinâmicos de relação entre sociedades e territórios. A diversidade cultural contribui para uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória. E constitui um dos elementos essenciais de transformação da realidade urbana e social.

Os direitos culturais fazem parte indissociável dos direitos humanos e tomam como referência básica a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), o Pacto Internacional Relativo aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966) e a *Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural* (2001) da UNESCO, que no Preâmbulo da sua Constituição afirma “(...) que a ampla difusão da cultura e da educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz são indispensáveis para a dignidade do homem e constituem um dever sagrado que todas as nações devem cumprir com um espírito de responsabilidade e de ajuda mútua”,

Recorda também seu Artigo primeiro, a designação da UNESCO, entre outros objetivos, o de recomendar “os acordos internacionais que se façam necessários para facilitar a livre circulação das ideias, por meio da palavra e da imagem”,

Neste sentido, ratifica-se que a liberdade cultural dos indivíduos e das comunidades é condição essencial da democracia. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para atentar contra os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar seu alcance.

É relevante salientarmos que a construção e a utilização dos conhecimentos geográficos não são elaborados apenas por geógrafos ou professores de Geografia. Mas, também, de forma diferenciada, por todos os grupos socioculturais que desenvolvem e utilizam habilidades para localizar, desenhar, representar explicar a paisagem, deslocar-se nela, em função de suas necessidades e interesses.

Neste contexto, encontraremos como um dos eixos temáticos dos PCNs – parâmetros curriculares nacionais – a pluralidade cultural, que se funde a outros temas: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho e consumo. Para caracterizar a importância de conhecer

e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, é importante nos posicionarmos contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia, ou em outras características individuais e sociais.

Ao nos reportarmos à imigração como um dos eixos construtores da diversidade cultural, independentemente da etnia, encontramos uma riqueza cultural do mundo que se reafirma quando se valoriza a diversidade em diálogo.

A característica principal do mundo que se apresenta neste princípio de século XXI é a globalização das atividades econômicas, como resultado da ação cada vez maior das organizações transnacionais, operando em mercados nacionais e regionais, cada vez mais abertos e integrados.

Sendo assim, podemos considerar que a diversidade cultural é uma fonte de dinamismo social e econômico que pode enriquecer a vida humana, suscitando a criatividade e fomentando a inovação.

5.1 – IMIGRANTES ESPANHOIS E SIRIO-LIBANESES NA ECONOMIA E POLITICA PIRACICABANA.

Ao nos voltarmos para o tema do desenvolvimento econômico e cultural de qualquer município, não podemos desvinculá-lo do processo histórico no qual se encontra inserido.

Ao nos determos sobre as relações dos descendentes de imigrantes espanhóis e sírio-libaneses com a economia piracicabana, verificaremos como ocorreu este processo, tanto no contexto do município, como no panorama nacional.

A década de 1950 caracterizou-se, no Brasil, por um processo altamente desenvolvimentista. O então presidente Juscelino Kubitschek estimulava dois setores importantes da economia brasileira: o da energia e o de transportes.

Os anos 1950 apresentavam várias mudanças tecnológicas, com mercados e consumo que iriam refletir o crescimento da produção de vários bens. É o tempo da modernização, da urbanização, levando os migrantes a abandonarem o campo e dirigirem-se a grandes e médias cidades.

Os jornais da época passam a mostrar novas faces, acompanhando a ideologia modernista. Como explica a pesquisadora e historiadora Marli Perecin (1972, p.88):

Esta nova face do jornalismo, em moldes tipicamente empresariais e acompanhando a modernização da sociedade brasileira, permite-nos antever a importância que esse meio de comunicação vai desempenhar nesse período histórico. Isto significa perceber a intencionalidade da divulgação de certas imagens como espelho dos 'padrões propostos e aceitos socialmente pela classe que controlava os meios técnicos de produção cultural. Portanto, ao contrário de serem anônimas, essas imagens da cidade e de seus habitantes reiteram a dominação de classe, homogeneizando as representações sociais a partir de um certo olhar'. De modo mais geral, é possível afirmar que a década de 50 exerce uma forte influência sobre o imaginário social brasileiro, como modelo vitorioso de modernidade, levando-se em consideração a influência dos meios de comunicação e, no caso, as divulgações feitas pela imprensa.

Outro estudioso do município tece as seguintes considerações sobre a transformação urbana ocorrida no país e, em especial em Piracicaba, Elias Neto (2000, p. 252) afirma:

Aconteceu em todo o Brasil. E também em Piracicaba os anos 50 foram a década da urbanização, das cidades que se modernizaram. Quanto se iniciou a década. Piracicaba era o 7º município mais populoso do Estado, 77% de sua população acima de 10 anos sabiam ler e escrever. E quer crescer. Em 1954, a cidade ocupava o 34º lugar entre os municípios brasileiros em termos de renda e o 15º do Estado.

Entre as décadas de 1970 e 1990, Piracicaba passou por transformações gerais no que tange as atividades econômicas modificando aspectos físicos, demográficos, culturais e políticos do município, tendo como referência a conjuntura nacional. Este período é conhecido pela industrialização desconcentrada no Brasil.

Considerando as peculiaridades da formação econômica do Brasil, a partir dos diversos ciclos primário-exportadores regionalmente localizados e integrados por vínculos mercantis frágeis, tivemos como resultado um desenvolvimento regional visivelmente desigual. A integração dos municípios no mercado nacional, embora tenha avançado a partir dos anos 1930, esbarrou nas dificuldades decorrentes de um país de dimensões continentais: a difícil e custosa implantação de estruturas de transporte inter-regional – fator que tornaria mais complexas tanto a integração do mercado nacional como a própria desconcentração industrial. Assim, valendo-se das condições proporcionadas pela cultura cafeeira, a industrialização acaba por concentrar-se no eixo Rio–São Paulo, aprofundando a tendência à concentração regional da renda. Este problema já se evidenciava no final da década de 1950, como podem comprovar os dados relativos à distribuição regional da renda, apurados pelo Grupo do Trabalho para o Desenvolvimento da região Nordeste, que foram discutidos em âmbito nacional.

Desta forma, além das disparidades regionais de desenvolvimento e distribuição de renda, já alarmantes nos anos 1950, outro fenômeno vem agravar ainda mais a situação dos centros industriais: a metropolização.

Tais problemas começam a manifestar-se no final da década de 1960 e início da década de 1970. Através do II Plano Nacional de Desenvolvimento, o governo federal busca equacioná-los por meio de políticas de desconcentração e descentralização da indústria, que,

infelizmente, a julgar pelo processo histórico-econômico e social do período, não passaram de medidas paliativas.

De fato, o projeto de desconcentração industrial, a possibilidade de modernizar os municípios, trazendo novas indústrias e acalentando a perspectiva de geração de empregos, acabou sensibilizando os poderes públicos locais. No caso de Piracicaba, em resposta ao projeto federal, os prefeitos não mediram esforços no sentido de criar formas de incentivos e infraestrutura. Criou-se o distrito industrial, com todas as facilidades para a instalação das indústrias interessadas. Além de localização privilegiada, ao lado das principais estradas e fontes de energia, as indústrias, através do governo local, as indústrias encontraram facilidades para aquisição de terrenos e isenção de impostos, entre outros subsídios oferecidos.

Entretanto, é bom frisar o modo espontâneo como isto aconteceu, sem qualquer diagnóstico prévio, com respeito à formação econômica local ou mesmo de projeção de impactos socioeconômicos e ambientais. O projeto de desconcentração industrial apenas reproduziu, no interior do estado, os problemas enfrentados pelas grandes capitais, ou seja, descentralizam-se os problemas sociais e urbanos, transportando-os para os municípios do interior, sem amenizá-los nas metrópoles.

Nos anos 1970, em Piracicaba há uma modificação do cenário econômico. Ocorre uma expansão da industrialização, com a implantação de um extenso parque industrial. Diversas indústrias instalaram-se no município, entre elas metalúrgicas, de papel, de papelão e indústrias mecânicas.

Uma das indústrias que se instalou neste período foi a Caterpillar, que se caracteriza como grande produtora de máquinas rodoviárias e implementos agrícolas. Esta indústria é uma multinacional de origem norte-americana, de capital estrangeiro, que, por meio de modernas tecnologias industriais, desenvolveu um novo segmento da economia piracicabana.

Piracicaba é identificada pelo perfil canavieiro que vem se construindo desde a fundação do município e se confirmando ao longo de sua formação econômica, o que, evidentemente, define seus traços socioculturais, em que pesem o predomínio, no mesmo período, da cafeicultura no estado de São Paulo e o fato de a lavoura cafeeira ter também marcado presença no município.

Na verdade, a lavoura canavieira, os engenhos e usinas de açúcar, álcool e aguardente, as oficinas de implementos agrícolas, já dominavam o cenário urbano e rural local, desde o início do século XX. Até os anos 1930, entretanto, estavam mesclados aos diversos tons de verde que a policultura dava à paisagem rural.

O conhecimento e a habilidade para atividades agrícolas trazidos pelos imigrantes permitiram que o município se desenvolvesse. Os imigrantes introduziram novos métodos de agricultura, possibilitando uma expansão do setor.

Assim, torna-se compreensível que, em 1974, tenha havido a implantação do Proálcool, que influenciaria diretamente o novo grande impulso dado às usinas e destilarias da região, conhecidas e reconhecidas nacionalmente como um forte segmento econômico do município.

A região de Piracicaba – marcada pela policultura e diversificação das atividades, com predomínio da produção açucareira, diferencia-se da maior parte dos municípios paulistas, onde predominava a cafeicultura. Muitos deles têm sua origem na expansão da cultura cafeeira, em sua marcha para o Oeste paulista, em meio à crise da produção do Vale do Paraíba e ao advento da ferrovia, que permitiu o alargamento da fronteira agrícola.

A maior expressão desse processo é o município de Ribeirão Preto, que a ferrovia viabilizou (articulando-o ao Triângulo Mineiro e ao Sul de Minas, como via de acesso à capital paulista), e o café transformou em polo regional e maior receptor de imigrantes. A estrutura agrária concentrada em grandes propriedades monocultoras é outra característica diferenciadora entre esta região cafeeira e a região de Piracicaba.

Entre as décadas de 1950 e 1970, esta manteve a tendência monocultora e canavieira e sofreu a intensificação dos problemas sociais. O impulso dado ao setor industrial fez com que o Grupo Dedini, ali instalado, ganhasse o mercado nacional e, ao final dos anos 1960, passasse a ser o pólo dominante do complexo agroindustrial.

No que se refere à Piracicaba, a criação do Proálcool em 1974, dinamizou a produção açucareira. A monocultura canavieira e o setor metal-mecânico, principalmente a produção de destilarias para a fabricação de álcool, tornaram-na um pólo de atração de migrantes.

Os efeitos do Proálcool não se fazem sentir somente em Piracicaba. A região de Ribeirão Preto sofrerá uma expansão vertiginosa, tanto na área plantada de cana-de-açúcar como quanto ao número de destilarias e usinas, o qual praticamente duplica.

De fato, Piracicaba, assim como outros municípios acompanharam e tomaram parte no processo de modernização promovido pelo “milagre econômico” (período 1960-1970 do século XX), seja através dos efeitos do Proálcool, seja pelo curso da interiorização da indústria. Estes municípios estavam na rota dos “corredores industriais” interligados pela extensa malha rodoviária que leva a capital do estado e se torna uma vertiginosa rede de escoamento de mercadorias, formada pelas rodovias Bandeirantes, Anhanguera e Washington Luiz.

De acordo com vários estudiosos da economia brasileira, os anos 1980 foram denominados “década perdida”. Isso se explica pelo fato de os saldos da balança comercial não terem sido mais suficientes para pagar os juros da dívida externa.

Assim, em que pese o fracasso do II PND e a crise dos anos 1980 que se segue, ao lado do agigantamento dos problemas gerados pelo processo de modernização conservadora – dívida externa crescente, concentração pessoal e regional da renda, deterioração dos recursos hídricos e demais recursos naturais, caos urbano –, a dinâmica paulista ganhou contornos cada vez mais nítidos, com o fortalecimento de centros e subcentros regionais, nos quais se criaram condições de absorção da força de trabalho.

Da mesma forma, estas cidades não ficaram ilesas às consequências deste surto modernizante, cujo efeito mais imediato foram os processos migratórios, promovidos tanto pelo êxodo rural como pelos deslocamentos de populações das regiões e estados menos dinâmicos do país em direção ao interior paulista, o que inverte a proporção entre população rural e urbana, a partir da década de 1960.

Em Piracicaba, várias consequências são decorrentes do processo de modernização e industrialização, alterando a vida urbana e o crescimento desordenado do município, gerando dois graves problemas; a poluição do rio Piracicaba e a falta de moradia, com o surgimento de favelas. A situação de moradia tornou-se a principal questão social da década de 1980, e a Prefeitura, para amenizá-la, criou o Programa de Habitação Popular, incentivando o PROFILOURB (Programa de Financiamento de Lotes Urbanos).

A economia de Piracicaba fortaleceu-se e parcerias com indústrias de capital japonês foram feitas. Como exemplo, podemos citar o Grupo Dedini e a empresa Votorantim Celulose e Papel (VCP), que desenvolveram pelo menos uma parte de suas produções com tecnologia japonesa.

A partir da década de 1980, com a expansão do capital da Dedini, essas empresas diminuíram o espaço acionário. Com base nos dados acima, percebe-se que o progresso que chegou ao interior do estado, especificamente a Piracicaba, a partir da década de 1970, conduzido pela industrialização e pelas modernas rodovias estaduais, num movimento intensamente positivo, trouxe novas indústrias e, com elas, a promessa de novos empregos. Com isso, esse progresso atraiu também novos moradores em busca de empregos, com seus sotaques, igualmente destoantes, e com suas tradições e hábitos caipiras. Ao mesmo tempo, as rodovias levavam as mercadorias rumo aos centros consumidores e aos portos de exportação.

Nos anos 80, do ponto de vista econômico, a região não vivenciou bons momentos, ocorrendo à desaceleração do Pró-Álcool. Os preços caíram e em 1999, o cenário era desolador, sobrava álcool no mercado, e havia excedente de açúcar. Foi um período no qual a indústria piracicabana registrou muitos prejuízos e aumento do índice de desemprego. Algumas usinas, quase faliram, outras foram incorporadas, optando por mudanças estruturais em suas unidades. A reversão desse quadro só se deu a partir de 2001, quando os preços do açúcar e álcool iniciaram uma fase de recuperação.

A VCP, antiga Papel Simão, passou a se utilizar de tecnologia japonesa para produção de papéis especiais somente em 1990. Até 1989, a empresa orientava sua produção segundo a tecnologia americana, mas, com o término do contrato, a antiga Papel Simão desencadeou um projeto de implantação de tecnologia japonesa.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Piracicaba é o maior da Microrregião de Piracicaba, o 12º maior do estado de São Paulo e o 47º de todo o país. De acordo com dados do IBGE, relativos a 2009, o PIB do município era de R\$ 9 601 211 mil. 1 343 978 mil. eram de impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes. O PIB *per capita* era de R\$ 26 030,62 e em 2000 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de renda era de 0,795, sendo que o do Brasil naquele ano era de 0,723 A cidade é a quinta cidade do estado em valor de exportações

Nesse contexto evolutivo de produção e expansão no ano de 2011, a economia piracicabana se apresenta com um complexo industrial formado por mais de cinco mil indústrias. A indústria, atualmente, é o segundo setor mais relevante para a economia do município. O valor adicionado bruto da indústria (setor secundário) corresponde a 4.681.976 mil reais do PIB municipal. O destaque na cidade é para os setores metalúrgico, mecânico, têxtil, alimentício e combustíveis (produção de petroquímicos e de álcool).

Da principal fonte de renda do setor primário, a cana-de-açúcar, se retira a matéria prima para fabricação do álcool e do etanol, sendo que é um dos maiores polos produtores de açúcar e álcool do mundo.

O município se desenvolveu economicamente, não somente pelas indústrias que aqui se instalaram, mas também várias empresas estabelecidas em Piracicaba, como aquelas dos setores de açúcar e álcool, energia elétrica, telefonia, áreas médicas, além de várias outras, de prestação de serviços. Paralelamente ocorre o estabelecimento de excelentes escolas e universidades locais que contribuíram para a chegada e permanência de profissionais de alto nível, ao município.

No ano de 2005, houve o lançamento do Pólo Nacional do Programa Brasileiro de Biocombustíveis, impulsionando a economia açucareira e conseqüentemente a economia do país, que tem como meta, produzir e fornecer combustíveis não poluentes e de baixo custo de produção.

Indubitavelmente, ao analisarmos o desenvolvimento econômico do município de Piracicaba, não podemos desconsiderar a importância e contribuição dos imigrantes, dos diversos grupos que aqui se estabeleceram. Atualmente, o município é um dos grandes centros do agro-negócio nacional, e reconhecidamente este ramo é um dos mais importantes para a elevação do PIB – Produto Interno Bruto, não só do município como do país.

A relação do município com a produção açucareira é centenária, acumulando uma vasta experiência que permite seu desenvolvimento, no ramo industrial e comercial. Esse desenvolvimento econômico esteve atrelado às relações que se estabeleceram com os imigrantes. Considerando as diferenças culturais, que com o passar do tempo, se coadunaram, criando no município uma diversidade cultural que nos permite constatar um cenário de participação social em todos os ramos pelos diversos grupos de imigrantes.

Já existe no município, o reconhecimento de que a cana de açúcar é um excelente componente agroindustrial, e esse desenvolvimento se deve ao esforço da tradição do povo, do desenvolvimento da capacidade tecnológica e do forte engajamento de profissionais e pesquisadores ligados ao setor.

Em relação aos imigrantes e sua participação na política, consta no histórico do município que alguns prefeitos são relacionados aos grupos imigrantes pesquisados.

A trajetória de políticos dentre os grupos pesquisados, provam a ascensão social buscada pelos imigrantes.

Dos **espanhóis** temos Francisco Salgot Castillon, nascido em 1921 na Espanha, ele veio cedo para o Brasil, inicialmente em Santo Antônio de Posse - SP e depois Piracicaba. Em 1940, já estava naturalizado brasileiro, com todos os direitos constitucionais garantidos, inclusive o de votar. Estudou engenharia no Rio de Janeiro e voltou à cidade para entrar na política e para a história piracicabana. Francisco Salgot Castillon, vereador por dois mandatos, duas vezes prefeito e mais duas deputado estadual, tinha como lema servir ao próximo e zelar de Piracicaba. Seus atos, no entanto, foram mal interpretados na época do AI-5 (Ato Constitucional número 5), com cassação e prisão.

Dos **sírios-libaneses** temos: João Basílio que foi prefeito no ano de 1955.

Alberto Cury – prefeito no ano de 1963

João Hermann Neto – prefeito de 1977 a 1982, 1983 a 1987 foi deputado federal, 1987 a 1991 foi deputado constituinte, 1983 a 1990 foi membro efetivo da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

Adilson Benedito Maluf – prefeito de 1973 a 1977 e reeleito em 1983 a 1989. Em 1993 tomou posse como deputado federal.

João Chaddad, que desde 1972, exerce cargos públicos em Piracicaba.

Como também ainda muitos participam do cenário político na atualidade, e serão apresentados no capítulo posterior.

5.2 – IMIGRANTES ESPANHÓIS E SIRIOS-LIBANESES NO ATUAL ESPAÇO GEOGRÁFICO PIRACICABANO.

No ensino escolar quando tratamos da pluralidade cultural, nos remetemos às paisagens humanizadas de um lugar, que são construídas e modeladas por uma enorme quantidade de pessoas. Portanto, para entender como o espaço geográfico está organizado no presente é preciso compreender um pouco das relações sociais, da vida dessas pessoas, numa perspectiva histórica.

Assim, analisar o espaço geográfico, em qualquer escala – nacional, regional, estadual, local: implica analisar como evoluíram as relações entre as pessoas que habitaram esse espaço ao longo da história e as marcas que deixaram na economia, na cultura e também na paisagem.

Considerando que a paisagem acumula parte da história, ou seja, que na paisagem podemos encontrar formas de diferentes idades. Essas formas são uma herança de outros tempos, quando havia outras relações humanas, às vezes muito diferentes das atualmente vigentes.

Quando nos referimos ao tema Pluralidade Cultural e Ensino de Geografia, não deixamos de considerar que a herança cultural dos povos é extremamente rica e diversificada. Em especial, o caso da formação da população brasileira que recebeu inúmeros imigrantes de diversas nacionalidades. Todos esses imigrantes, colaboraram com seu trabalho e suas culturas para a construção do Brasil.

Consideramos que, a cultura de um povo também se materializa no espaço geográfico por ele construído e na forma de representá-lo e que em primeira instância em tempo e espaço, nossos estudos se direcionam para a própria evolução do processo migratório. A Geografia como ciência objetiva o estudo da sociedade através da organização espacial.

O conceito de espaço geográfico é discutido por diversos autores, e selecionamos alguns para elucidar a pesquisa.

Segundo Lefebvre (1976, p. 34) afirma que:

Do espaço não se pode dizer que seja um produto como qualquer outro, um objeto ou uma soma de objetos, uma coisa ou uma coleção de coisas, uma mercadoria ou um conjunto de mercadorias. Não se pode dizer que seja simplesmente um instrumento, o mais importante de todos os instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo o intercâmbio. Estaria essencialmente vinculado com a produção das relações (sociais) de produção.

Outro autor Dollfus (1970, p. 6) nos diz que:

O espaço geográfico se faz e evolui a partir de conjuntos de relações, mas essas relações se estabelecem em um quadro concreto, aquele da superfície da Terra. Tanto as relações sociais quanto os elementos físicos são importantes na análise geográfica do espaço.

Outro geógrafo que apresenta contribuições para o estudo do espaço geográfico é Roger Brunet. Este autor, no mesmo sentido de Milton Santos, porém no contexto da Geografia francesa, apresenta na obra *Le déchiffrement du monde* (2001 [1990]), uma proposição de estruturação conceitual e metodológica para a Geografia.

Para Brunet (2001 [1990] pp. 15, 16))

O espaço geográfico é formado pelo conjunto de populações, por suas obras, suas relações localizadas, pelo seu meio de vida [...]. Ele não pode ser confundido com os objetos que o povoam [...]. Ele nasce com o trabalho das sociedades e só tem fim com ele [...] a realidade dos lugares diferenciados, tomados no conjunto de suas relações e de suas interações, e o funcionamento de leis próprias à extensão, ao espaçamento, à distância e à gravitação.

O autor afirma que a proposta de um espaço geográfico traz como originalidade a extensão, no sentido de superfície, que é indispensável para compreender o espaço porque permite a localização e a distância

A natureza é a origem, ela provê as coisas as quais são transformadas em objetos pela ação do homem através da técnica. Para o autor, Santos, (2002, p. 63) que propõe que o espaço geográfico é:

formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.

O conceito de espaço geográfico nos demonstra a diferenciação espacial, ou seja, o espaço é formado por um conjunto de lugares diferentes, resultado de interações. A compreensão das causas, características e consequências são objetos de estudo na ciência geográfica.

A julgar pelo número de habitantes do município, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população do município de Piracicaba no ano de 2011 é estimada em 364.571 habitantes. Desse total habitacional, temos os imigrantes espanhóis, sírio-libaneses e seus descendentes, que constituem a população piracicabana.

Os descendentes de Sírio-Libanese até a segunda geração, que vivem no município são em média cinco mil pessoas, segundo o Sr. José Maria Cassaniga, integrante da diretoria da Sociedade Beneficente Sirio Libanesa de Piracicaba.

Já o número de descendentes de espanhóis não pode ser apresentado porque não há uma estimativa da Sociedade Espanhola – SOREAL.

No entanto, salientamos, que embora o número de habitantes espanhóis e sírios-libaneses e seus descendentes não seja elevado, estes juntos a outros imigrantes de outros grupos, contribuíram para a caracterização do espaço geográfico do município e esta pesquisa tem como escopo a importância destes imigrantes independentemente do número total deles.

A partir do final da década de 1940, as famílias que moravam na área rural começaram a deixar a atividade agrícola para se estabelecerem na área urbana em definitivo. A atividade comercial destacou-se como sendo um dos que mais absorveram os espanhóis e sírio-libaneses.

A agricultura, atividade inicial dos imigrantes espanhóis, foi sendo substituída por atividades urbanas e das raízes agrícolas para novas frentes de trabalho. Os espanhóis e sírio-libaneses e descendentes que vivem em Piracicaba, destacam-se como comerciantes, profissionais liberais e prestadores de serviços (médicos, dentistas, advogados, engenheiros, professores etc.) – o que aponta para seu nítido processo de ascensão social na sociedade local.

A partir da década de 1970, atraídos pelo mercado de trabalho, como mencionado no capítulo anterior, muitos migrantes chegaram a Piracicaba. Muitos também vieram em busca da alta qualidade de ensino oferecida pelas universidades locais e, após o término do curso, permaneceram em Piracicaba.

A participação de espanhóis e sírio-libaneses e descendentes é significativa na política Piracicabana. Em diversos cargos públicos, encontramos natos e descendentes. Como exemplo o Sr. **João Chaddad**, que desde 1972, exerce cargos na Prefeitura de Piracicaba. Foi secretário municipal de Obras (1972 e de 1994 a 1996), secretário municipal de Trânsito e Transportes (1993), secretário municipal de Governo (1997 a 2000), secretário municipal da Ação Cultural (1997) e Meio Ambiente (1998). Foi vice-prefeito de Piracicaba (1997/2000). Foi gerente do projeto “Piracicaba 2010”, membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (2001). Convidado pelo prefeito Barjas Negri, assumiu o Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba (2005-2008 e 2009-2012).

Outro exemplo é **Adilson Benedito Maluf** que foi prefeito de Piracicaba de 31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977, eleito pela segunda vez assumiu o cargo de 01 de fevereiro de 1983 até 1989. Em 7 de abril de 1993 tomou posse como deputado federal. Em 1973 fez viagem aos EUA com o objetivo de trazer investimentos para Piracicaba. Nesse mesmo ano esteve em viagem oficial para intercâmbio cultural com Sung-Nan, Coréia do Sul, cidade irmã de Piracicaba. No ano de 1985 realizou viagem oficial à China, a convite do governo chinês, como representante da cidade de Piracicaba, para conhecer o regime político. Em 1993 esteve em missão oficial, como membro da Comitativa de Parlamentares Brasileiros em visita ao Líbano, a convite do Presidente da Assembléia Nacional da República do Líbano. Foi presidente do Esporte Clube XV de Novembro de Piracicaba. No seu governo em 06 de setembro de 1973 foi instituída a Unidade Industrial Leste - UNILESTE.

Como prefeito, Adilson Maluf criou condições para que empresas de grande porte, como Caterpillar e Philips, viessem a se instalar em Piracicaba. Um bom número de outras empresas seguiu-se a estas. Com isso Piracicaba abriu novas perspectivas de trabalho, diversificou seu parque industrial, ganhou maior estabilidade financeira. Suas inúmeras escolas formam mão de obra especializada e a vida da provinciana cidade passou a ser oxigenada, criando uma sólida base para a próxima etapa desenvolvimentista. Foi nesse período que Piracicaba criou o seu primeiro Shopping Center, reflexo de que a sociedade estava mudando seus hábitos.

Antonio Carlos Mendes Thame descendente de sírios-libaneses, filho de José Abdalla Thame e Carolina Mendes Thame, Antônio Carlos de Mendes Thame é um engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) e advogado formado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. É professor licenciado do Departamento de Economia da ESALQ/USP.

Foi prefeito de Piracicaba entre 1993 e 1996 e o secretário de Recursos Hídricos, Saneamento e Obras do estado de São Paulo durante os governos Mário Covas/Geraldo Alckmin, entre 1999 e 2002. Fundador do PSDB em 1988, foi eleito deputado federal em 2002, 2006 e 2010.

Como representantes dos descendentes de espanhóis, o Sr. **Paulo Afonso Arruda**, que exerce função no projeto “Piracicaba 2010” no Comitê das bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí e também é conselheiro na gestão 2011/2013, do Conselho Municipal sobre Álcool e outras drogas.

O Sr. **José Medinilla Florida**, exerce na Prefeitura Municipal o cargo de assessor de secretaria municipal.

Em meio ao histórico das comunidades espanhola e sírio-libanesa em Piracicaba, encontramos muitos sucessos e histórias de ascensão social, através do trabalho e do estudo, o que não a isenta, também, às vezes, do fracasso. O objetivo comum seria melhorar de vida, adquirir posses materiais, para dar condições aos filhos e estes não terem de se submeter a um trabalho tão árduo quanto o da lavoura, ou na função de mascate. Para isso, como já observamos, a opção das famílias sempre foi investir na educação dos filhos.

A vinda dos imigrantes para o Brasil e especificamente para Piracicaba trouxe uma nova perspectiva no uso da terra, técnicas agrícolas e industriais, diversificação de ramos comerciais, permitindo assim a expansão da economia do país e do município.

Segundo levantamento do Sr. **Elias Salum**, em Piracicaba há um número expressivo de estabelecimentos comerciais, dirigidos por árabes, radicados em Piracicaba, desde o início do séc. XX, até o ano de 2002, perfazendo um total de 143 estabelecimentos dos mais diversos ramos. Também elenca por décadas os mascates; 1920, Issa Salum e Elias Helú, 1930, Sagi Nassin, João Antonio, Jorge Zaidan Chaddad, Zahe Cury, Elias Zaidan Chaddad, 1940, Demétrio Issa e Elias Hamat, 1960. José Jumha, 1990, Elias Zem.

Atualmente, a contribuição dos imigrantes e seus descendentes nos mais diferentes campos da sociedade piracicabana é uma realidade, contribuindo na sociedade piracicabana como um todo, a assimilação e integração desses grupos com os de outros imigrantes, formam uma fusão crescente e bastante positiva, para economia, política e riqueza da diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos dedicamos à ciência geográfica, é fundamental considerar as categorias de “tempo e espaço” e, neste contexto, um estudo sobre imigração que envolva a interrelação do foco geográfico e o das relações humanas permite-nos algumas reflexões importantes. Dentro deste contexto, um de nossos questionamentos era saber: Por que as pessoas migram?

Para entender esse processo, buscamos apoio na bibliografia especializada, mas também na realidade concreta. A cada contato com um novo texto, a realização das entrevistas, com subsídios da história oral, que foram úteis para uma melhor compreensão do tema e dos aspectos culturais da trajetória desses imigrantes, demonstraram-nos os motivos dos deslocamentos feitos pelos imigrantes no “tempo-espaço” que lutaram por conquistar.

As experiências do passado foram de extrema importância neste processo, tendo sido encontradas principalmente nos relatos. Seja em cada histórico familiar, seja nos livros, documentos, fotos, trabalhos acadêmicos, discursos políticos com os quais íamos tendo contato, o escopo de nosso projeto, gradativamente, tomava forma.

O ponto de partida lógico para uma história social da imigração deve reconhecer, ainda na terra de origem, antes portanto de esta acontecer, a dimensão propriamente social do fenômeno.

Conforme constatamos a experiência dos imigrantes espanhóis e sírios-libaneses mostra que a emigração se caracterizou como um processo que resultou não da somatória de vontades individuais, mas sim de decisões tomadas por famílias.

Para construir o conhecimento científico, captando e analisando relações humanas, há necessidade de gradativo aprofundamento das análises. Por isso, apesar do esforço realizado, sabemos que muitos estudos ainda deverão ser feitos para o aprimoramento da discussão sobre imigração, sobre a diversidade cultural e o desenvolvimento econômico do município de Piracicaba.

Para ir ao encontro do estudo do “meio local”, no caso o município de Piracicaba, sabíamos que, para ser frutífero, diversos estudos em áreas diferenciadas deveriam se interrelacionar, a fim de que o inventário da diversidade local se inserisse no contexto nacional e mesmo, mundial.

Contudo, levamos em consideração, no âmbito de certa gama de dimensões espaço temporais, as relações humanas e as práticas de poder. No âmbito das migrações internacionais do mundo atual, atentamos para a construção de diversas barreiras contra a entrada de imigrantes. Com a globalização, passam a aumentar os mecanismos sociais protecionistas, vinculados à manutenção identitária das nações.

Portanto, o estudo da identidade cultural, da diversidade cultural e do fenômeno migratório torna-se interessante em qualquer área científica. Isto porque a mobilidade humana é um fato que ocorre de forma intensa, envolvendo um grande número de pessoas em todo o mundo, gerando em alguns países conflitos que vão além de problemas políticos e econômicos.

Nossa contribuição visa agregar-se a outras que caminhem na mesma direção. Assim sendo, este estudo pretende oferecer uma pequena contribuição para melhor entendimento sobre o tema.

O mundo moderno, devido ao já citado processo de globalização, principalmente no que se refere aos meios de comunicação, reafirma a importância deste e de outros trabalhos que caracterizem a preservação da memória sociocultural, principalmente aquela dos grupos que não detêm o poder.

Neste sentido, procuramos captar a complexidade do real e a diversidade presente no contexto da realidade do imigrante espanhol e sírio-libanês em Piracicaba. Para nossos entrevistados, em sua grande maioria, o importante foi preservar o que mais fortemente pareceu marcar a sua cultura de origem: a união entre as pessoas. Os valores da cultura destacados por nossos depoentes – hierarquia, disciplina, respeito, solidariedade e união –, são reinterpretados por cada indivíduo. Compõem a base para o enfrentamento das situações de desafio na vida em sociedade, o que tem permitido que a maior parte das pessoas e dos grupos familiares insiram-se em uma sociedade mais ampla, alcançando posições de prestígio e poder nos variados campos sociais e, principalmente, apropriando-se do sentimento de “pertencer” a esta sociedade de adoção.

Como demonstrado em vários capítulos, há uma significativa e constante contribuição dos imigrantes espanhóis e sírios-libaneses e seus descendentes para o desenvolvimento do município e do país. Quanto a este fenômeno, os natos ou descendentes também se destacaram, numa longa trajetória percorrida e mantida no tempo e no espaço.

Como forma de retorno as comunidades pesquisadas serão organizados, com trechos das entrevistas, com os documentos e fotografias coletados, uma exposição, na qual apresentaremos, em uma linguagem simples e acessível, alguns aspectos das conclusões que resultaram de nossa pesquisa.

Resta acrescentar que o estudo da memória sociocultural, na sua dinâmica entre presente e passado, oferece-nos percepções que combinam racionalidade e emoções. Ele é marcado por certa duplicidade, além de escolhas determinadas por circunstâncias internas e externas aos grupos analisados.

Á guisa de conclusão, entendemos que migrar não significa um mero deslocamento no espaço mas, muda sua inserção social que dá em outra sociedade, na contemporaneidade. Obriga e facilita a aceitação da diferença, leva a um crescimento que pode conduzir à melhoria de vida, mas principalmente relativiza sua forma de compreender o mundo, pois se aprende a se colocar no lugar do outro é uma ação humana que perpassa e relativiza as visões do mundo, pela alteridade, pela tolerância das individualidades e das culturas assim, permitindo o crescimento humano.

Aqui finalizando essas considerações, consciente de que o que se apresenta deve ser aliado a outras contribuições sobre a memória dos imigrantes espanhóis e sírios-libaneses de Piracicaba, para tanto se abre a apreciação crítica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R. e KOURY, Y. A. **História Oral e memórias**: entrevista com Alessandro Portelli. *História & Perspectivas*, (2001-2002). p. 25-54.

AMADO, J. e FERREIRA, M.de M (org.) **Usos e abusos da História Oral**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ANDRADE, C.D. de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANTONACCI, M.A.M.; MACIEL, L.A. Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de associação. **Revista Projeto História**, São Paulo, Outubro de 1995.

ANTONIO FILHO, F.D. **A Visão da Amazônia Brasileira**: uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940. Tese de Doutorado-UNESP/IGCE, Rio Claro-SP, 1996.

_____ Para entender o sentido da Dialética e do Materialismo Histórico. **Diário de Rio Claro**, Rio Claro, 30 jul.1989.

----- **Velhos caminhos da Serra da Bocaina**: Tropeiros e Cafezais. Rio Claro: IGCE-Pos Graduação em Geografia, 2010.

ANTONIO FILHO, F.& DEZAN,M.D. **Metodologias de Pesquisa e Procedimentos Técnicos**: Considerações para o uso em projetos de pesquisa em Geografia. CLIMEP:Climatologia e Estudos da Paisagem [online].2009.

ARAÚJO, O. E. de. Enquistamentos étnicos, **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, n.6 p.231, mar.1940.

BASTITE, R. FERNANDES, F. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp, 1971.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2ª ed. São Paulo – SP: T.A. Queiroz Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, 1987.

BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**, In M. A. NOGUEIRA e A. CATANI (orgs.), *Escritos de educação*, Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais. Geografia**. Brasília: MEC, 1998.

BRUNET, R. **Le déchiffrement du monde: théorie et pratique de la géographie**. Paris: Belin, 2001 [1990].

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca da Folha de São Paulo, 2003.

CANÓVAS, M.D.K. **Imigrantes Espanhóis na Paulicéia: Trabalho e Sociabilidade (1890-1922)**. São Paulo: EDUSP, 2009. 600 p. (Coleção História das Migrações).

CASCUDO, C. **História de Nossos Gestos**. 1ª. ed. – São Paulo: Ed. Global, 2003.

CHALLITA, M.. **Este é o Líbano**. Associação Cultural Internacional Gibran, Rio de Janeiro, 1976.

CORRÊA, R. L., ROSENDHAL, Z. (Org.) **Geografia Cultural: Um Século**. n.01, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000.

----- **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Uerj, 2004.

D'AVILA, R.P. **Lembranças da imigração: cenas e cenários de vida dos imigrantes espanhóis em Bauru, 1892-1930**. Bauru: EDUSC, 2004.

DEFFONTAINES, P. **Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil: Geografia**, 2:1, 1936, p.27.

DEMARTINI, Z. de B. F. **Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo**, Revista Travessia, ano XII, nº 35, 1999.

----- **Famílias em São Paulo, vivência na diferença**, Textos CERU, s.n.t.

----- **Reconstruindo identidades múltiplas: imigrantes portugueses e luso-africanos em São Paulo**”, *Athenea Digital*, 10, 137-153. Disponível em <http://antalva.uab.es/athenea/num10/fabri.pdf>.

DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEZAN, M.D.S. A importância da imigração japonesa no espaço geográfico piracicabano. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**, n. 11, ano XI, Piracicaba-SP, 2004.

----- **Impactos da Imigração Japonesa:** sobre a diversidade cultural na organização do espaço geográfico piracicabano - SP. Campinas: Centro de Memória Unicamp Arte Escrita, 2010.

_____ **Identidade cultural e sua manutenção por meio de diferentes estratégias: imigrantes japoneses em Piracicaba.** In MAZZA, D.; VON SIMSON, O; (org.) Mobilidade Humana e Diversidade Sócio Cultural. Jundiaí. Paco Editorial, 2011, p. 287.

DIEGUES JÚNIOR, M. **Etnias e Culturas no Brasil.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1980

----- **Dois grupos étnico-culturais no Brasil: italianos e sírio-libaneses,** Jornal do Comércio, 4 out. 1951. São Paulo.

DOLLFUS, O. **L'espace géographique.** Paris: Presses Universitaires de Paris, 1970.

ELIAS NETO, C. **Almanaque 2000: Memorial de Piracicaba.** Piracicaba (SP): UNGRAF,2000.

FAUSTO, B. et al. **Imigração e Política em São Paulo.** São Paulo: Sumaré, 1995.

FAUSTO, B. **Historiografia da imigração para São Paulo.** São Paulo: Sumaré, 1991.

----- **Negócios e Ócios;** história da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FÉRES, A. **O mascate.** São Paulo: Laiazul, 1970.

FERREIRA, M. de M. (org.) **História Oral e multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FIGOLI, L. H. & VILELA, E. M., **Migração internacional, multiculturalismo: sírios e libaneses em Minas Gerais.** Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG, ABEP,2004.

FREITAS, S.M. **E chegam os imigrantes.** 2ª ed. Edição da autora: São Paulo, 1999.

GASSET, J.O. Y. **Espanha Invertebrada:** bosquejo de algunos pensamientos históricos. 2ª. ed. Madrid: Calpe, 1922.

GATTAZ, A.C. **Braços da Resistência:** Uma história oral da imigração espanhola. São Paulo: Xamã, 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1989.

GIRARDI, E.P. **Espaço Geográfico e Território: Conceitos chaves para a Geografia**. In: O Atlas da Questão Agrária Brasileira disponível em <<http://www.4.fct.unesp.br /index.htm>> acesso em 19 set 2011.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Materialismo dialético e história da literatura**, Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, I (11-12): 108-125, 1967.

GOMEZ, M. **A Força do Amor**. Piracicaba: Copiadora Luiz de Queiroz, 2008.

GREIBER, B.L; MALUF, L.S; MATTAR, V.C. **Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 1997.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro, DP & A Ed., 2006.

IBÁÑEZ, V.B. **La Bodega**. Editor Plaza & Janes, 1993.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. SIDRA – Sistema IBGE de recuperação automática. Disponível em: <www.ibge.gov.br>.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA–IPPLAP. Disponível em: <www.ipplap.com.br>.

JORNAL DE PIRACICABA. **O arraial globalizado**. (Piracicaba 236 anos)”, 1º/8/ 2003.

KHATLAB, R. M. **Saga Libanesa no Brasil**. Ed. Mokhtarat (português/árabe), Beirute, Líbano, 2002.

KLEIN, H. S.. **A Imigração Espanhola no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1994. (Imigração).

KNOWLTON, C. **Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial**. São Paulo: Anhembi, 1961.

LACAZ, C.S. **Médicos sírios e libaneses do passado: trajetória em busca de uma nova pátria**. São Paulo: Almed, 1982.

LARAIA, R.de B. **Cultura: Um conceito antropológico**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1986.

LASTÓRIA, A.C. (Org.). **Atlas Escolar: Histórico, Geográfico e Ambiental de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2008. Grupo ELO. CD-ROM.

LEFEBVRE, H. **Espacio y política**. 62.ed. Barcelona: Península, 1976.

----- **The production of the space**. Oxford: Blackwell, 1992 [1974].

LEME, M.L. de A. 2001, **Dio, Che brut estudá...** Um estudo lingüístico da comunidade tirol-trentina da cidade de Piracicaba. Campinas-SP, Ed. da Unicamp e Centro de Memória Unicamp.

LEWIS, B. **O Oriente Médio: Do advento do cristianismo aos dias de hoje**, tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1996.

MARQUES, G. **Ruas e tradições de São Paulo**. Conselho Estadual de Cultura, 1966.

MARTINS, José de Souza. **A Imigração e a crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. (Feuerbach). 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MAZZA, D.; VON SIMSON, O.; DEZAN, M.D.S. (Org.). **Mobilidade Humana e Diversidade Sócio Cultural**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

MINAYO, M .C. de S. O. **Desafio do Conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2ª ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo** 2ª ed. São Paulo, ed. Hucitec Polis, 1998.

NOGUEIRA, A. R. **Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, Massao Ohno Editor, 1984.

----- **A imigração japonesa pra a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1973.

OLIVEIRA, L. L. **Nós e Eles: Relações culturais entre brasileiros e imigrantes.** 1ª.ed. Rio de Janeiro : Editora FVG, 2006.

PAIVA, O. C.; MOURA, S. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

PERECIN, M.T.G. Constituição (Piracicaba) x Barbosa x Arruda – **Revista de Estudos Piracicabanos**, IHGP, ano I, 1972.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**, Estudos Históricos, 5(10), 1992, pp. 200-215.

PORTELLI, A. **Forma e significado na história oral.** A pesquisa como um experimento em igualdade, Projeto História, 14. São Paulo: PUC-SP, 1997.

POVOA NETO, H; FERREIRA, A.Pi. **Cruzando Fronteiras Disciplinares:** Um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

QUEIROZ, M.I.P. de (org.) **Variações sobre a técnica do gravador no registro a informação viva.** 2ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RANZANI, G. **Subsídios para a geografia de Piracicaba.** Piracicaba (SP): Franciscana; IHGP, 1976.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** Companhia de Bolso. São Paulo, 2006

SAFADY, J. **Panorama da Imigração Árabe**, in "Obras Completas" - V. 1 ed, Comercial Safady Ltda. São Paulo, 1972.

SAKURAI, C. **Romanceiro da Imigração Japonesa.** Série Imigração, vol. 04. São Paulo: Fapesp, Idesp. Ed. Sumaré, 1993.

SALUM, E. **Sociedade Beneficente Sírio Libanesa no seu centenário.** Piracicaba: Degaspari, 2002.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira** 2ª ed. São Paulo – SP: Hucitec, 1994.

_____ **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

SAYAD, A. **A Imigração:** ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SOUZA, I.I. de. **Espanhóis: história e engajamento**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

STOLCKE, V. **Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)**. São Paulo – SP: Ed. Brasiliense, 1986.

TEMPO SOCIAL: Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, v. 1, n. 1, 01 mar. 1989. Semestral. Maria Isaura Pereira de Queiroz.

TERCI, E. T. et. alii. **Desconcentração Industrial – Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)**. MB editora, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado História Oral**. Paz e Terra, 1992.

_____ **A transmissão cultural, entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida**. In Ciências Sociais Hoje, São Paulo: Hucitec, ANPOCS, 1993.

TORRES, M. C. T.M. **Aspectos da evolução da propriedade rural em Piracicaba no tempo do império**. Piracicaba-SP: Edição da Academia Piracicabana de Letras, 1975.

_____ **Piracicaba no século XIX**. Piracicaba (SP): IHGP; Degaspari, 2003.

TRUZZI, O.M.S. **Patricios: Sírios Libaneses em São Paulo**. 02. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

-----, **De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Idesp/Sumaré, 1992

VON SIMSON, O. R. de M. **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Publicações CMU/ UNICAMP, 1997.

_____ Imagem e memória, in SAMAIN, E. (org.), **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 21-34.

----- **Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano 1914-1988**. Campinas-São Paulo: Unicamp - Edusp - Imprensa Oficial, 2007.

Sites

Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano Brasileira

soreal@soreal.org.br

ANEXO I

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) MERCEDES GOMEZ, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 06 fotografias da família GOMEZ, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 06 fotografias da família GOMEZ sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

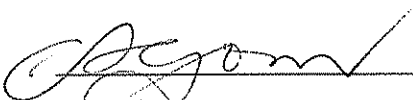
5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

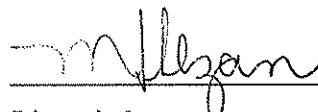
- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 19 de Julho de 2012



Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) JUAN SEBASTIANES, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 04 fotografias da família SEBASTIANES, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 04 fotografias da família SEBASTIANES sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

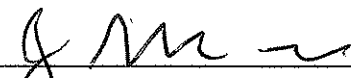
5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

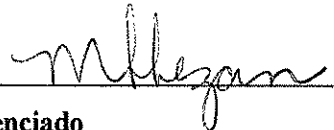
- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 12 de Julho de 2012.

x 

Licenciante

x 

Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

a) HELENICE GUTIERREZ, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.

b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 07 fotografias da família GUTIERREZ, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 07 fotografias da família GUTIERREZ sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 12 de Julho de 2012

Licenciante

Testemunhas:

Nome:



Licenciado

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) NELSON MARTINEZ, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 04 fotografias da família SOREAL, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 04 fotografias da família MARTINEZ - SOREAL sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4º - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 12 de Julho de 2012.

Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) JOSÉ MEDINILLA, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 02 fotografias da família MEDINILLA, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 02 fotografias da família MEDINILLA sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 12 de Julho de 2012

Licenciante

Testemunhas:

Nome:



Licenciado

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

a) HELIO MANFRINATO, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.

b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 04 fotografias da família MANFRINATO, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 04 fotografias da família MANFRINATO sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 12 de Julho de 2012.

Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) LAURINDA MASSUH PINESE, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 06 fotografias da família MASSUH, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 06 fotografias da família MASSUH sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 6 de Agosto de 2012

Raurinda Massari Pinheiro

Licenciante

Milhezan

Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) ANTONIO CARLOS NEDER, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 02 fotografias da família NEDER, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 02 fotografias da família NEDER sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 17 de Julho de 2012

Licenciante

Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) ROSALY AP. CURIAÇOS DE ALMEIDA LEMÉ, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 09 fotografias da família CURIAÇOS, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 09 fotografias da família CURIAÇOS sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo


5) O presente contrato vigorará até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expresse acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 17 de Julho de 2012



Licenciante



Licenciado

Testemunhas:

Nome:

Nome:

CONTRATO DE AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGEM

Por este instrumento, as partes abaixo qualificadas:

- a) FLÁVIA BRANDÃO DE CAMARGO, doravante referido simplesmente por LICENCIANTE.
- b) Maria Dalva de Souza Dezan, doravante referida simplesmente por LICENCIADA;

Considerando que:

- 1) O LICENCIANTE detém os direitos sobre 07 fotografias da família BRANDÃO - SBSL, nas quais são documentadas cenas do cotidiano familiar.
- 2) As 07 fotografias da família BRANDÃO - SBSL sobre o cotidiano familiar, doravante designado simplesmente por IMAGENS, poderão ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal, resenhas, press-releases, comunicações, palestras, aulas e livros pela LICENCIADA.

Resolvem as partes celebrar este *Contrato de Autorização de Reprodução de Imagem*, que será regido pelas cláusulas e condições adiante estabelecidas.

Cláusula 1ª - Do Objeto

- 3) é objeto deste instrumento a outorga pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO, observados os prazos e condições deste contrato, do direito de reproduzir as IMAGENS nos meios referidos no item 2 deste instrumento.

Cláusula 2ª - Da Licença de Reprodução

- 4) A presente licença de direitos é concedida pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO especificamente para reprodução da IMAGEM nos meios referidos no item 2 deste instrumento, não podendo ser atribuída finalidade diversa ao mesmo;
- 4.1) A presente licença é concedida sem qualquer exclusividade, e será válida para o território nacional, pelo prazo de vigência deste contrato.

4.2) Em contrapartida à presente concessão de direitos, o LICENCIADO enviará ao LICENCIANTE um exemplar de quaisquer produtos impressos mencionados no item 2 deste instrumento.

Cláusula 3ª - Do Prazo

5) O presente contrato vigorá até que se esgotem os exemplares da primeira edição dos produtos resultantes, no caso de publicações, incluindo reimpressões, podendo ser prorrogado mediante prévio e expreso acordo entre as partes, por escrito, e através de instrumento de aditamento a este contrato.

Cláusula 4ª - Das Disposições Gerais

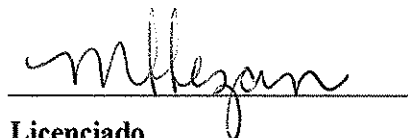
- 6) Resolvido o presente contrato por decurso de prazo, ou de qualquer outro modo rescindido, os direitos concedidos pelo LICENCIANTE ao LICENCIADO retornarão imediatamente àquele, independentemente de qualquer outra formalidade.
- 7) Obrigam-se as partes a cumprir o disposto neste instrumento, por si, seus herdeiros ou sucessores legais.
- 8) Elegem as partes o Foro da Comarca da cidade de Piracicaba como competente para a resolução de quaisquer questões oriundas deste contrato, por mais privilegiado que outro venha a ser.

Assim, justas e contratadas, as partes assinam este instrumento, em duas vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo assinadas.

Piracicaba, 17 de Julho de 2012



Licenciant



Licenciado

Testemunhas:

Nome: _____

Nome: _____